

"Orfer"



LE LYCÉEN

Cher M. le Lycéen

Au Bon Marché - Paris



Administração auxiliar "Orflica".

Mario de Pa' - Carneiro.



dia 27

A. Maria de Freitas	Yentragão	imp.	C
Aires de Carvalho	M. e B. B. B.	imp.	C
Acacio de Paiva	Seculo	imp.	C
Vizira Correia	Seculo	imp.	C
F. Pereira da Costa	Seculo	imp.	
J. Silva	Seculo	imp.	
Rocha Martins	J. da Costa	imp.	C
A Capital		imp.	
A Luta		imp.	

~~Assinante~~ Af. Rodrigues Pereira, assinante

25 exemplares p^a Alfredo Guirado

300 exemplares p^a a Livraria Brasileira

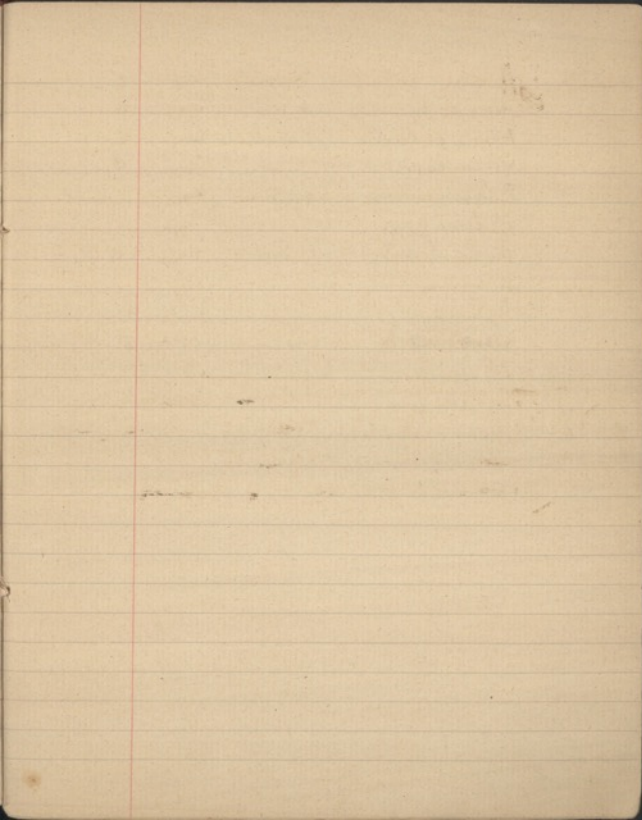
João do Amaral A Petrólea Nova Grubbe, imp.

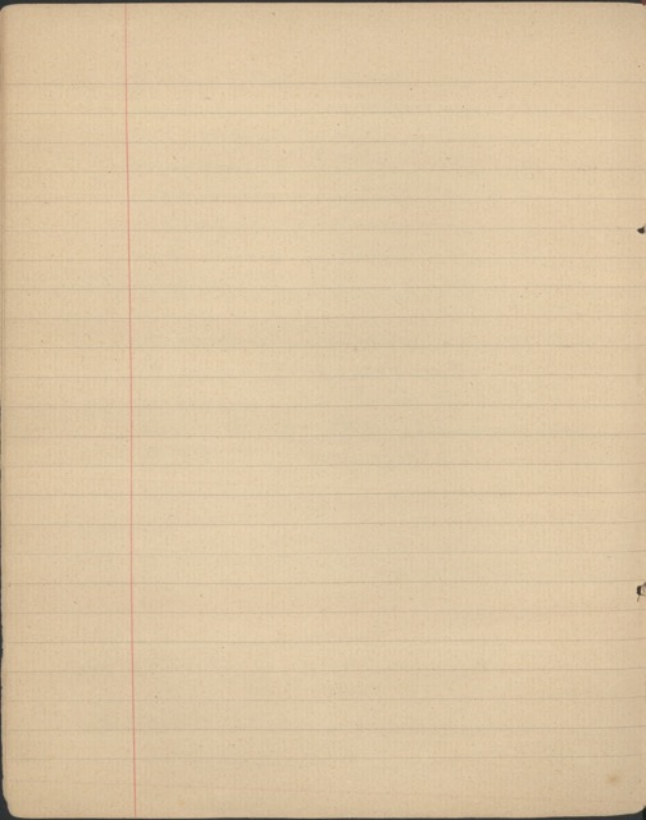
Paulo Luz, assinante

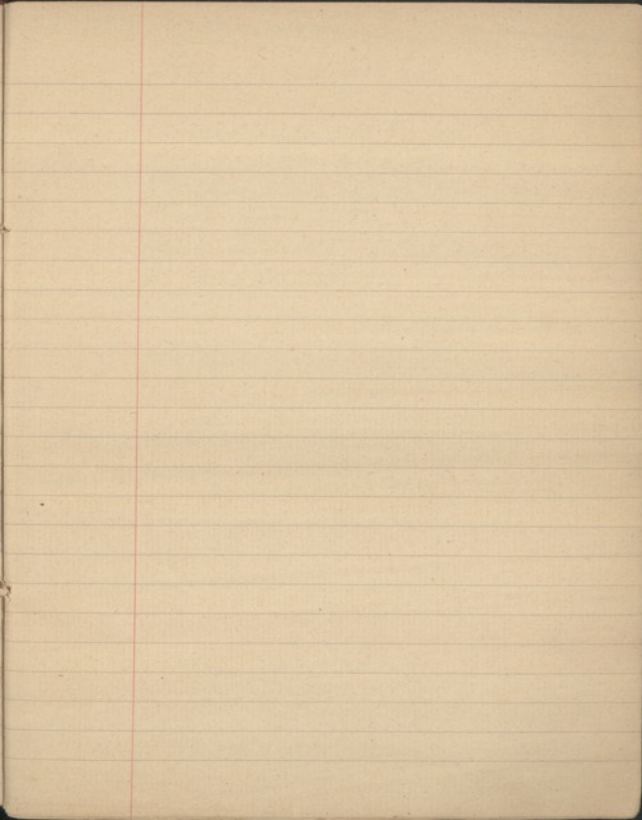
diário de notícias, imprensa

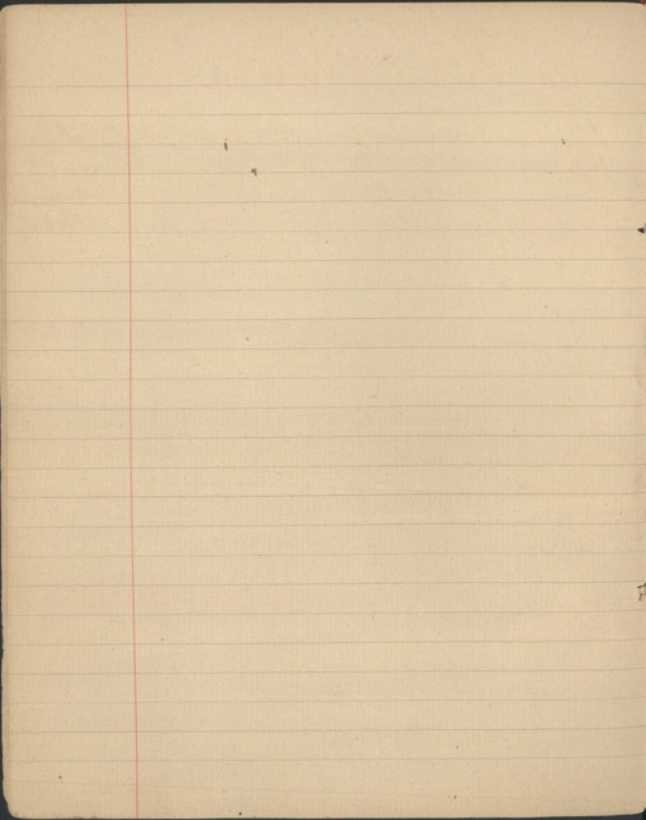
dia 28

dia 29









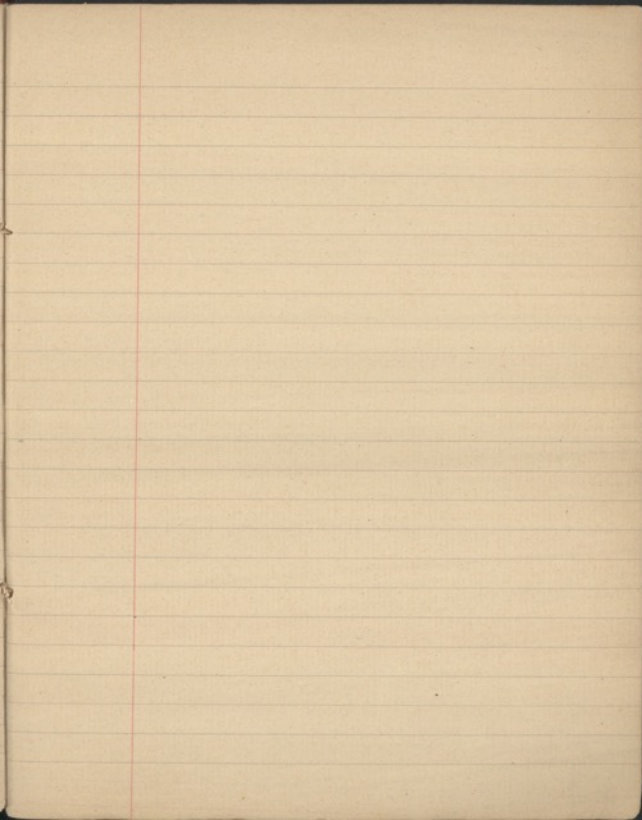
Lista de assinantes

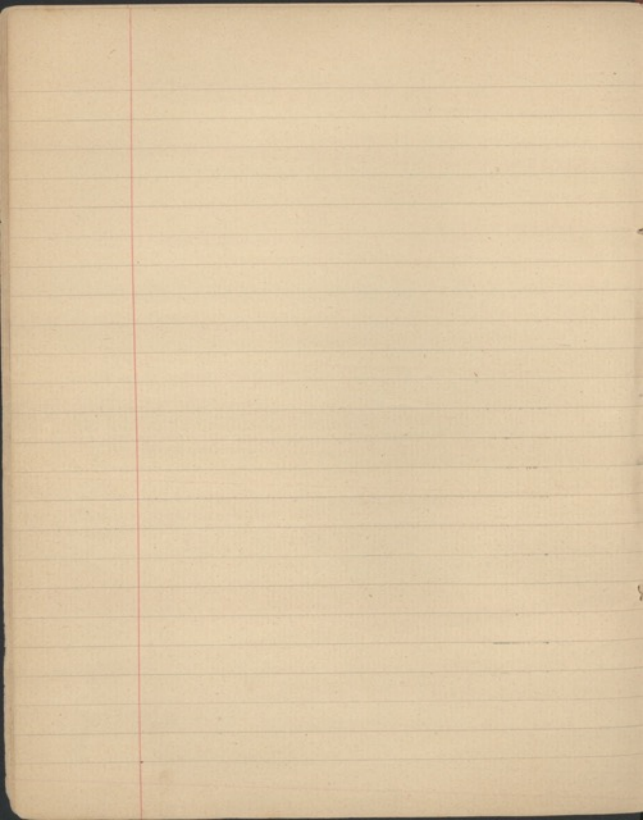
pg.
pg.

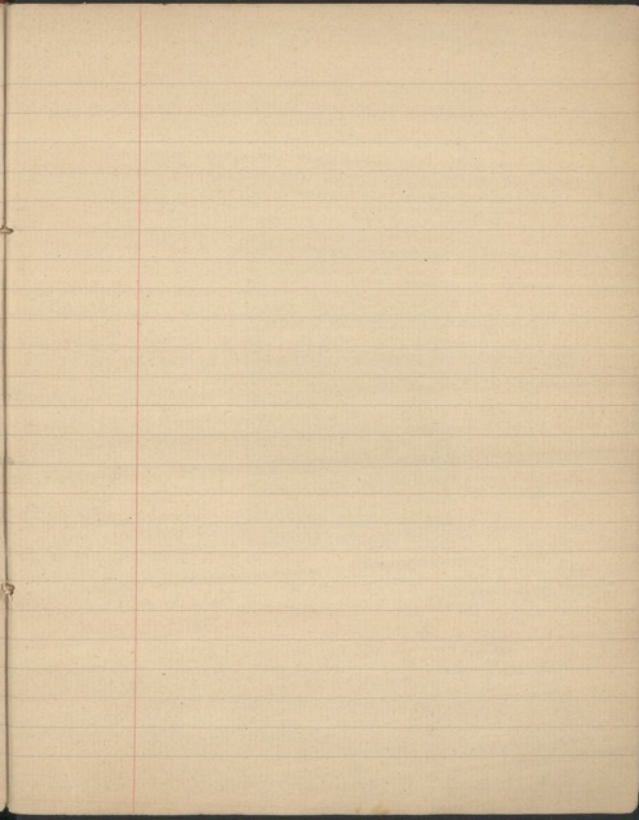
Vilsoniano Braga 148 r. do S. Bento 2^o
João Duarte 69 r. do do Carmo - 1^o
Carvalho Moura Chaat Ana, per. do do Carmo
João Correa de Oliveira 6, R. Luis de Camões
Paulo Luz 195 r. do Barão de Albuquerque (2^o)
A. Mira da Silva

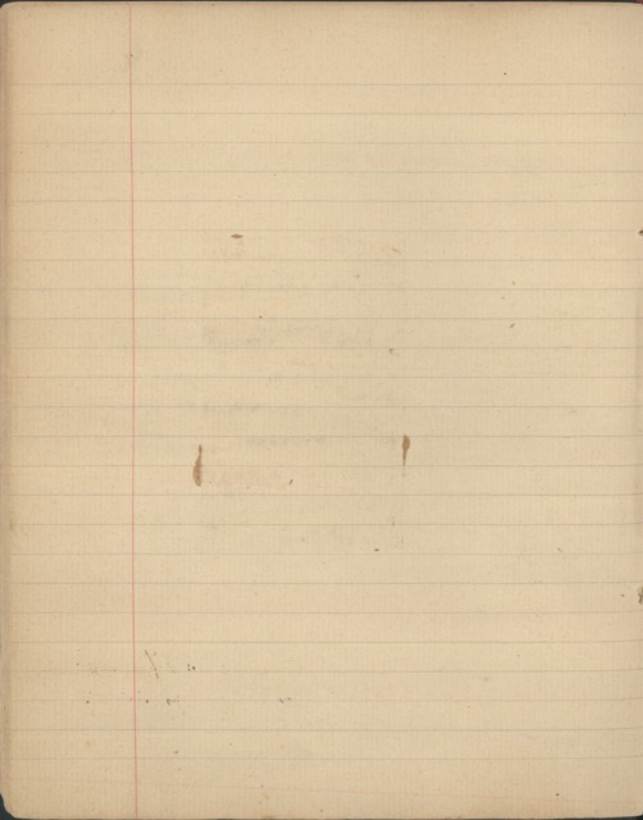
July 1st 1900

Left at 8:00 AM for
the first time in
my life. The weather
was very hot and
the road was very
bad. We went to
the bank and
to the store.









"o Mundo"

Orfeu: revista trimestral de literatura—Um grupo de novos escritores acaba de lançar uma revista trimestral, *Orfeu*, que é uma espécie de resumo das varias correntes modernas na poesia literaria. Mesmo que não concorde com a orientação geral dos colaboradores da nova revista, tem de se lhes reconhecer talento e iniciativa, coisas infelizmente raras entre nós, sobretudo em assuntos de arte. O primeiro numero de *Orfeu*, que temos, sobe a nossa mesa, com uma variada colaboração das mais caracteristicas figuras de entre os novos. Inclue versos de Mario de Sá Carneiro, Raul de Carvalho, Alfredo Pedro Gusmão e Cêntas Rodrigues, e insere duas poesias suaves (as primeiras, cremos, que apparecem entre nós) do malogrado Alvaro de Campos. Em prosa, além da exquizita introdução de Luis de Montalvão, director da revista, ha um drama, num acto de Fernando Pessoa. A capa de *Orfeu*, do lapis de José Pinheiro, é curiosissima.

Sábado 27 março 1915
(do Registo: bnc e etc.)



OS POETAS DO "ORPHEU,"

foram já scientificamente estudados por Julio Dantas, ha 15 annos, no occupar-se dos «artistas» de Rilhafolles

Casos de paranoia — Tem a palavra o sr. Julio de Mattos!

Orpheu é uma «revista trimestral de litteratura», destinada a Portugal e Brazil e de que veio agora a lume o primeiro numero, correspondente a janeiro, fevereiro e março. As 83 paginas da revista, impressa em excellentes papel e tipo elegante, abrem por uma «introdução» de Luis de Montalvor, em que se propõe definir os intentos da obra a que metteu hombros um grupo de jovens que com frequencia se topam ahi por alguns cafés da Baixa.

Segundo a mencionada introdução, *Orpheu* «é um exílio de temporamentos de arte que a querem como um segredo ou tormento», e a pretensão dos seus fundadores «é formar, em grupo ou ideia, um numero escolhido de revelações em pensamento ou arte, que sobre esta principio aristocratico tenham em *Orpheu* o seu ideal estorico e bem no uso de nos sentirmos e conhecermos-nos.» A sua obra consideram-na esses suppostos litteratos uma coisa de rara belleza absolutamente nova. No fundo, porém, é tudo velho, como podem dizê-lo os psychiatras que no *Orpheu* tem abundante materia de estudo.

Os poetas e os prosadores aggrmiados agora na revista de que vamos reproduzir ao acaso algumas amostras pareço que tomam muito a serio a sua missão e reputam as suas produções como a ultima palavra de arte. Os nephelibatos ou decedentes que ahi surgiram, tendo por pontífice maximo Eugenio de Castro, foram em admiravel chuchadores em cuja sinceridade ninguem acreditou e que nas suas extravagantes composições não conseguiram, alguns d'elles, opporlar o seu bello talento, já antehmente demonstrado em trabalhos de menção. Os collaborado-

res do *Orpheu* nunca se revelaram como litteratos senão em manifestações identicas ás que enchem as paginas da revista, e d'ahi é mais verossimil possível ajuizar do seu real valor. O que se conclue da leitura dos chamados poemas subscriptos por Mario de Sá Carneiro, Ronald de Carvalho, Alvaro de Campos e outros é que elles pertencem a uma categoria de individuos que a sciencia definiu e classificou dentro dos manicomicos, mas que podem sem maior perigo andar fóra d'elles...

Occupando-se, ha quinze annos, dos *Pintores e poetas de Rilhafolles*, Julio Dantas fornecia-nos já todas as caracteristicas do estado mental d'esses moços litteratos que hoje ahi surgem arvorando o *Orpheu* como estandarte. A chromophilia, o simbolo, a allegoria, o neologismo, o egocentrismo, a autophilia, a «linguagem de malhas perdidas, fragmentaria, desconchavada, cheia de lacunas correspondentes a palavras, phrases ou pensamentos inteiros que não tiveram tempo de fixar-se, gafa de vocabulos e deicticos syllabicos reunidos por simples aliterações ou consonancias, ferida, enfim, da incoherencia mais desastrosa e tomando a feição de uma algaravia ás vezes brilhante, mas sempre grotesca e tumultuaria» — tudo isso que assignala a arte do paranoico litterato se depara nas produções dos individuos acima citados e nas de outros que collaboram com elles.

Julio Dantas escreveu que «na idiotia intellectual, na imbecillidade, a incoherencia vem pela reunião ou pela inerustação de vocabulos ou phrases segundo um criterio de maior riqueza chromica ou musical, ordinariamente collidos na obra d'elles, succedendo-se n'uma rinha de palavras e phrases

Alinda do mesmo poeta esta queda:

Es não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de interpedior
Pilar da ponte do tédio
Que vai se mim para o Outro.

Es o "vestido" d'um soneto de Mario de Sá-Carneiro, que é quasi um chefe de escola:

Desce da alma. Dobrei e mantô d'Astro,
Quebrei a teja de cristal e espanto,
Talhei em sombra o Oiro do meu rastro...
Findei... Horas-platina... Olor-brocado...
Luar-ania... Luz-perdido... Orquídeas-pran-

O' pantanos de Mim-jardim estagnado...

O poeta Alvaro de Campos, que se confessa morphinomano, n'uma longa poesia das mais comprehensíveis e que se intitula *Opiário*, fornece-nos interessantes notas autobiographicas:

Eu, que fui sempre um mau estudante,

Não faço mais que ver o navio le
Pelo canal de Suez a condair
A minha vida, canfora na aurora,

Eu fingi que estudiei engenharia.
Vivi na Escocia. Vislumbrei a Irlanda.
Meu coração é uma avedúna que anda
Pedindo escola ás portas da Alegria...

Se ao menos eu por fora fosse lio,
Interessante como sou por dentro!
Vou no Maelstrom, cada vez mais pro-centro.

Não finar nada é a minha perdição.

Estes versos são dos mais claros e até dos mais próximos de *Orpheu*. Com effeito, o sr. Alvaro de Campos distancia-se em muito dos confrades e a sua authenticidade paranoica, em que a influencia de chamado futurismo é evidente, tem aspectos diversos, tão dignos de estudo como a

los outros. Na *Ode triumphal* escreve elle:

Mettam-me debaixo dos combolos
Espantem-me a borda do navio!
Mas o quinho através de magníficos
Seduzmo dentro sei que moderno e esba-

E n'outro ponto:

Nem sei que existe para dentro. Giro, ro-
deio, engenho-me.
Engatam-me em todos os combolos.
Igam-me em todos os cascos.
Giro dentro das hélices de todos os na-
vios.

Eis' eis-hm Eis!
Eis' sou o calor mecanico e a electrici-
dade.

Tem a palavra o sr. dr. Julio de Mattos.

cor, e onde nem por milagre se en-
xerga a sombra de uma ideia...

Correntemente, eis o que se veri-
fica na obra dos jovens de *Orpheu*,
alguns dos quaes talvez tenham ideias,
mas são singulares por se confundirem
o seu desvio velando. Vae o leitor
por ensaio de notar o nos trechos que
em seguida inserimos, convindo ac-
centuar que um dos praticos (alcanha
poeta nos cafés nos litteratos de *Or-
pheu*), o sr. Alvaro de Campos, se afi-
xista n'uma das suas composições,
a *Ode triumphal*, dos processos dos seus
camaradas e canta as coisas menos
delicadas e menos poeticas dos nossos
tempos em espantosas expressões
verbaceas por vezes pornographicas...

Final da poesia *Nossa Senhora da
Paris*, de Mario de Sá-Carneiro:

Os meus sentidos a ecco rem-na...
Alturas e vales...
Orneilho... Estrelas...
Vitrões... Vitraes...
Flores de lila...
Manchas de cor a ogivarem-se...
As grandes naves a sagrarem-se...
— Nossa Senhora da Paris...

Do mesmo auctor:

As mezas do café endoileceram feitas ar...
Calhe-me agora um braço... Olha, lá vac
elle a vislar
Vestido de casaca, nos salões do Vice-
Rei...
(Sabo por mim acima como por uma es-
cada de corda,
E a minha ansia é um trapezo escanga-
lhado...)

Da *Distante melodia*, tambem de
Mario de Sá-Carneiro:

Nem sonho de Iris, morto a oiro e brasa,
Vem-me lembranças d'outro Tempo azul
Que me oscilava entre yous de tal,
Um tempo cego e leve, um tempo asa.
Calha Ouro se pensava Estrelas,
O luar batia sobre o men alhear-me...
Sentes lagoas, como ereis bellas
Sob terrapoz-lis de recordar-mel...
Balanastes de som, arcos de amar,
Fontes de brilha, ogivas de perfume...
Domini luxuriantissim d'Opio e Lumb
Que nunca mais, em cor, hei de habitar...

"A Capital"
30 março 1915.

Migalhas

Praxedes futurista

Praxedes comprou um fascículo do *Orpheu*, órgão dos poetas *luriosos* da Brasileira do Chiado. Leu-o todo, de fio a pavio, desde a prosa do sr. Luiz de Montalvar, cuja sintaxe lhe lembrou as composições do seu Quico, até às odes *epicúricas* do sr. Alvaro de Campos, passando pelas elocubrações do sr. Mario de Sá-Carneiro, que, em certos momentos da vida, «trepa por si acima como por uma cascata de corda» e vê «os próprios braços irem dançar de casaca aos bailes do Vice-rei», coisa que não succede a toda a gente.

Quando vi o *Orpheu* nas mãos de Praxedes suppuz que tal leitura lhe tivesse alterado as faculdades mentaes. Nada disso. Praxedes conservava-se lucido como qualquer somnambulante d'essa qualidade. Como lhe perguntasse as suas impressões, elle disse-me, recolhendo os hombros:

—Aqui para nós, eu considerei sempre quasi todos os poetas como uma classe de malucos á parte com a tineta de pensarem e escreverem d'uma maneira diversa da nossa. Evidentemente, a malumeira d'estes é muito mais visível. Aquelle rapasinho que se sente correia de transmissão, embolo de machina a vapor e lampada electrica é no genero d'aquelle maluco da anedota, que se sentia vaso de noite. A mania é muito semelhante. A differença é que este pende para o movimento e o outro via-se atrahido para os perfumes. Este de que falo tem uma qualidade que o recommenda: é um poeta eminente.

mente nacional. Veja como elle diz a certa altura:—«Não fazer nada é a minha perdição». E cá dos meus esto mancobe, ou, por outra, é dos nossos. Portuguez direitinho. Felizmente para elle, não tem que tratar da vida e sustentar a familia e entretem-se a ver a sua existencia, «confora na aurora» de alisar «pelo canal de Suez» «cada vez mais para o centro do Maelstrom». Eu, por meu mal, não tenho posses para isso, quando não, meu amigo, ia passar o meu tempo a ouvir aquella rapaziada. Não ha duvida que devem ser curiosos. Pelo menos o seu consuelo não irrita ninguém e tem a vantagem de proteger o commercio typographi-

André Bran

A Capital

31 março 1915

A CAMINHO DO MANICOMIO

Ainda há para si quem diga que Portugal não avança no caminho da literatura.

Mentira, refalsada meotira! Ora vejamos estes *specimens* poeticos, vindos á lume na nova revista intitulada *Orfeu*:

Estes são de Mario de Sá Carneiro:

As mezas do café endoideceram feitas ar...

Calo-me agora um braço... Olha, lá vac ele a vaiaas

Vestido de casaca, nos salões do Vice-Rei...

(Subo por mim acima como por uma escada de corda,

E a minha ancia é um tropeço esganhado...)

E estes outros de Alvaro de Campos:

Metam-me debaixo das comboinas... Espanquem-me a bordo de navios.

Masoquismo através de maquinismos! Sadismo de não sei quê moderno e eu barulho!

...

Mas o que é que eles querem, inquirirá o leitor. Sabemos lá, compreendemosse lá!

Mas se directamente os interrogarmos sobre as suas pretensões dirão que são a coisa mais razoável deste mundo.

Nem outra coisa era de esperar.

Orfeu

Com este titulo acaba de ser posta á venda uma revista trimestral de literatura, que em Portugal é dirigida pelo sr. Luiz de Montalvor e no Brazil pelo sr. Ronald de Carvalho.

Todos os seus colaboradores do seu primeiro numero são aquelles que se convenciona chamar novos, e os novos a quem anima uma seiva ardente e um desejo intenso de criar procuram dar a ultima e derradeira nota do pensamento, a mais moderna e a mais «refinée». Entre esses novos encontram-se Sá Carneiro, Fernando Pessoa, Alfredo Pedro Gusado, Alvaro de Campos e outros. Na capa vê-se um curioso desenho de José Pacheco.

Longa vida.

"Diário de Notícias", 2 abril 1915

"6º Paiz", 2 abril 1915

"Orfeu,"

Com este titulo acaba de ser posta á venda uma revista trimestral de literatura, que em Portugal é dirigida pelo sr. Luiz de Montalvor e no Brazil pelo sr. Ronald de Carvalho.

Todos os seus colaboradores do seu primeiro numero são aquelles que se convenciona chamar novos, e os novos a quem anima uma seiva ardente e um desejo intenso de crear procuram dar a ultima e derradeira nota do pensamento, a mais moderna e a mais «refinée». Entre esses novos encontram-se Sá Carneiro, Fernando Pessoa, Alfredo Pedro Gusado, Alvaro de Campos e outros. Na capa vê-se um curioso desenho de José Pacheco.

Longa vida.

Orfeu.— Assim se intitula uma revista trimestral de literatura, que se destina a Portugal e ao Brazil, da qual o director é sr. Antonio Ferro e do qual saiu o 1.º numero, relativo aos meses de Janeiro, Fevereiro e Março. Traz uma colaboração muito distinta e interessante.

"6º Século", 2 abril 1915

"6º Intransigente", 31 março 1915

"6 Povo,

Zig-Zag

«Pour écrire en prose il faut absolument avoir quelques chose à dire; pour écrire en vers il n'est pas indispensable.» São palavras que, pelo facto de todos os portugueses menos eu — porque sou o unico português que não verte rimas — classificarem de estupidas e barbaras, não deixam de ser do grande artista que foi Guy de Maupassant. Eu, que tenho desde menino um vago desdém pelo que convencionalmente se chama a poesia, estou absolutamente de acordo com o seu corajoso e exato pensamento. A poesia, tomando como tal certas fórmulas visionarias do pensamento, tem desde que ha versos floreados quasi sempre longe deles. Já o disse um grande poeta, mas eu contemporaneo. Tudo que o verso tem, — musica, rago, esplendor pictural, além — pôde tê-lo e tem-no a prosa torturada dos grandes artistas que para converterem em verbo as palpitações da sensibilidade ou do pensamento se não resignam a fazer a «corrida de sacos» de alinhar por baixo umas das outras frases medidas e rimantes. A poesia é uma especie de croché literario. Os grandes poetas são também grandes pensadores — diz-se, dizem. Não contesto. Entretanto, as idéias e pensamentos que arcahoizam os grandes poetas não dariam, espremidos, um folheto de palaco. O que admiramos nós em Antero? A idéia que ele fez do Nirvana, o subtrato schopenhauriano da sua celebração? Não. O que nós admiramos nos seus sonetos é a tragedia interior que nos dá em espectáculo a corrosão das suas lagrimas, a iluminação transcen-

dente que no monte Sínai da sua dor o unge. A poesia de Verlaine, de que vive? De idéias, de pensamentos? Oh! É uma tartine de consonancias inconcipientes e expasmizações cerebrais de nevroptata. E Mallarmé? Retiencias, um rumor vago e doce, imagens fulgindo aqui, acolá, aifm, como bronzes doirados num salão heráldico que o esplendor vermeante dum sol em chamas relumbra maravilhosamente... Setações, arripios, quimeras, fantasias, devaneios, eis o estofo da poesia. A veralhada dos rapazes da «Orfeu» espanta e perplexa a gente simples que usa chapéu de cêdo e idéias por medida, porque é uma exageração desmarcada. Eu é que não me inquieto nem indigno. A simulação do desequilíbrio em que eles andam empenhados não demonstra mais do que o seu senso pratico e a sua lucida compreensão do meio. Como diabo querem os senhores que alguém se imponha literariamente num país de analfabetos e de famílias que sómente leem romances de Richebourg de emprestimo e para isso andam um ano á espera de vez? Eu não sei se os moços do «Orfeu» tem talento e tem saber. Não os conheço pessoalmente nem através das obras que porventura tenham já no seu cadastro literario. O que sei é que é impossivel que o sr. Sá Carneiro, que é, malgrê lui, um joven gordalhufo, nos diga a sério que o seu coração é uma roda de côres e que trepa por si acima como por uma escada de corda e que o sr. Alvaro de Campos ande expiando numa mala um crime do ar... Indignar-me por dizerem estas coisas? Nunca. E á fuzão é simples: é que além de não ser tolo não tenho prazer nenhum em fazer-lhes a vontade...

Adme.

1 abril 1915



E' uma empresa bastante arriscada esta que um grupo de moços poetas tentou ao publicar o «Orpheu». Não é uma litteratura banal a que encontramos dispersa pelas 83 paginas do volume, mas uma litteratura «para raros apenas», como diria Eugenio de Castro.

E tanto assim, que logo toparam os seus fundadores com uma decidida má vontade da parte dos litteratelhos, que, em cenáculos baratos, dizem a ultima palavra d'Arte, arranchando a má lingua ás mezas dos cafés ou ás portas das livrarias.

Sentiram esses litteratos gregos arripiarem-se os nervos ao deffrontarem a audacia d'este grupo de cultores do Bello. Certo jornal, onde pontifica diariamente um reverendo, n'um terço de bemeditos, rezaado com uma philosophia transcendente e uma assiduidade que faz pasmar as almas, dá-nos em duas columnas de prosa o maior réclame que os poetas do «Orpheu» podiam ambicionar para a sua revista. Desde «paranoicos litteratos» o articulista desembesta uma catilinaria, citando o sr. Dantas e, appellando para o dr. Julio de Mattos. Ora esse jornal, onde escreve um sr. Brum, e que no seu rodapé deu á luz um folhetim d'um «grande romancista que mede um metro e oitenta d'altura, no dizer d'um espirituoso catorino, não viu nas paginas da revista uma sombra de talento, ou uma nega. de Beliza fingiu não conhecer os nomes, ja

"A Acção Nacional"

afirmados em anteriores trabalhos, do Mario de Sá Carneiro, o altissimo poeta da «Dispersão», o estylista incomparavel da «Confissão de Lucio», de Fernando Pessoa, que nas paginas d'«A Aguias» escreveu um profundo estudo sobre a «Poesia Portuguesa», de Luiz de Montalvor, ainda, ha pouco regressado do Brazil, onde os escriptores de mór nome e os novos principiantes o consagraram e lhe deram as maiores provas d'estima e de admiração. de Almada Negreiros, enricarista da nova geração e que ora se affirma um artista da penna.

Fingem ignorar tudo isto os escribas, que querem uma litteratura so para elle.

Continuem os jovens poetas a sua obra e deixem fallar quem falla.

Acaso se confundiu alguma vez o grito da aguias com o gusmar da gralha?

3 alv. e 1915

6 de a

3 alv. e 1915

Consta-nos que o sr. dr. Ansur tem recebido muitas cartas em que varias pessoas tristes e neurasthenicas lhe pedem que tome diarias a publicação do Mundo Legal e Judiciario e convida para n'ella collaborarem os auctores... do Orpheu.

Cronica literaria

ORFEO — Revista Trimestral de Literatura. — N.º 1 (Janeiro-fevereiro-março 1915) — Depósitos, Livraria Brasileira, de Monteiro & C., Lisboa.

Como se dá o caso de sermos colaborador desta revista, e como, caso — não a querendo por isso criticar — preferissemos dar uma ideia da sua orientação, fatalmente consumiríamos um impossível numero de colunas, limitar-nos-bamos a algumas observações, que não constituirão critica nem exploração, mas que visam apenas a orientar no assunto os espiritos curiosos e para quem meia palavra basta.

Como o leitor não sabe, o movimento romantico inglês foi iniciado definitivamente pela publicação, em 1798, das *Lyric Ballads* de Wordsworth e Coleridge. Este livro — que contém dois dos maiores poemas de toda a litteratura, o *Ancient Mariner* de Coleridge e a *Tosters Abbey* de Wordsworth — teve por toda a Inglaterra um ex-tro de gargalhada. Entre os que mais circo destacamos Byron, que, no *English Bards and Scotch Reviewers*, deu a qualquer dos poetas da *Ballade* uma desastrosa evel proveni-nça no ridiculo. Até ao fim

da vida Lord Byron não teve sempre mais ou menos a sobra para esses dois poetas; mas aconteceu que a sua terceira fase, que é a sua maior — senão o seu unico — titulo de gloria, foi escrita sob a influencia desses dois. Escusamos do teorizar como o meio inglês se foi adaptando, e como Wordsworth acabou *Poet Laureate*; o caso de Byron, que morreu antes dessa adaptação estar feita, resume tudo o que, de encimamento, estes factos possam sugerir.

Nas obras laudando seu *Essay Supplementary* a edição de 1815 das *Lyrical Ballads*, Wordsworth escreveu estes periodos:

«Se ha conclusão que, mais do que qualquer outra, não seja imposta pela revista, que fizemos, da sorte e do destino das obras poeticas, é a seguinte: que todo o autor, na proporção em que é grande e ao mesmo tempo original, tem tido sempre que criar o sentimento estético pelo qual ha de ser apreciada; assim foi sempre e assim continuará a ser. Para o que é propriamente seu, ele terá, não só que limpar, senão que muitas vezes que abrir, o seu proprio caminho; estará ao caso de Anibal entre os Alpes.»

Estas palavras pertencem já a Eternidade. Chamamos sobre ellas a attenção e o raciocínio do leitor. Não lhe diremos se é nossa opinião, ou não, que haja homens de genio entre os elaboros de Orfeu. Isso não o auxiliaria a compreender, nem alteraria a decisão do futuro.

Fernando Pessoa

5 abril 1915



Zig-Zag

O futurismo estalou ha quatro ou cinco annos em Paris como uma bomba. Proclamou-o um grupo audacissimo de moços italianos de que o sr. Marinetti era o porta-voz. A Portugal a noticia desse grande acontecimento chegou—se não me engano—por intermedio da infatigavel informatividade do sr. Eduardo de Noronha que, no Diario de Noticias, publicou traduzidos alguns excertos de manifestos futuristas. Depois, a Illustração Portuguesa e alguns jornais de Lisboa explicaram a essencia e caracteristicas da nova concepção de Arte que lá fora, em Paris e em Roma, principalmente, despertara um exito colossal de eólerias, doestos e batatadas. Soube-se, então, entre nós que a futurismo é mais do que uma escola porque abrange, como vasta concepção nova da Arte, todas as modalidades da expresso estética—isto é, que ha pintura, musica, dança, escultura e literatura futurista. Os meus preciosos leitores sabem naturalmente, ainda que por alto, o que elas são. Mas a literatura e, sobretudo, a poesia futurista?

Marinetti explicou-o e Mme Valentin de Saint-Point escreveu já maravilhosos poemas futuristas cuja leitura muito edificaria a ignorancia rebarbativa do nosso indigena sobre a materia. Mas, de resto, o futurismo está em Lisboa e já fez converter muitos frascos de tinta Camburnae em copiosas torrentes de interjeições, injurias e chocarries. Um dos poetas do «Orfeu», uma noite destas, leu-me d lux de um lampião electrico—e para me demonstrar que a poesia futurista é um asombro—um exerto de poema que no seu proximo numero o «Orfeu» publicará. A minha opinião... Mas, os meus preciosos leitores apreciarão. Eis o trecho do poema que o seu autor intitulou Poema simples:

"6 Povo,

«Lux!

Caldeiras de chumbo, «Marinettas» de verniz
Estragado em diábolos fugidos da fuga...
Espasmos de ar em chagas de fumaça!

—Jardins noturnos—sombas de Yago em path
dancando um «cavallo» membro de terroras
esplendores, esplendores
gritando Alléluia!

O sino da Mambrito arrouxado
e a lança de Brinklid
e a lanterna do guarda noturno
e o lampião da casa das lousas
—Inclinações, surprehendidas, Lido—Pulser
sinfonia em devorio
—Torre do Bugio, Torre do Bugio!

O dia é um incendio a flamejar
e o Sol é o Leandro a proclamar...
Maucoques de Cristo no salivário,
Luz crucificada,
subversões,
apostadas...
Oh! desappare, oh! fêdo, oh! effluído!
das arte esquisitas orais da solidão!
O bomblão está malto curo.

Pela copia:

Adme.

6 abril 1915

* * Crônicas de Arte * *

IV

A revista trimestral de literatura — "Orpheu"
A exposição José Campas.

FALAMOS de *Orpheu*. Não do *Orpheu* envolto em peles da fábula grega e do quadro de Watts, mas dum *Orpheu* de corpo em livro, envolto em original e bem reproduzida capa do senhor José Pacheco, cantando em paulistas rimas e prosa-futurismo, possuindo por Eurídice — a Arte. Falamos da revista trimestral de literatura *Orpheu*, ora aparecida.

Abre *Orpheu* com uns poemas do senhor Mario de Sá-Carneiro de que, com franqueza, na generalidade, não gostamos, batizados com o título paulista de «Para os Índios de ouro» — e cheios de versos para nós quasi incompreensíveis. Estamos, mesmo, em crer, residir neste ponto o fundamento da nossa insatisfação. Realmente o senhor Mario de Sá-Carneiro revela-se possuidor de uma alma de poeta profundamente rítmica, sonhadora e musical nos sonetos «Salomé» e «Certa voz na noite, ruivamente...», — duas belas composições, cheias de ritmo e de harmonia, — na pequena poesia «Sugestão» e, principalmente nesse «A Inegualável», a pagina 16, de um sabor doentio mas nem por isso menos bela que qualquer das anteriores. Poesias há, porém, que, por um excesso de interseccionismo, descambam em «Charadismo». E' ver a «Distante melodia» e, sobretudo, essa estranha *blague*, (porque é *blague*, pois não, senhor Sá-Carneiro?) — 16 — cujos ultimos versos são dum destrambelhamento tal que só podem transcrever-se sem comentários. De resto estamos em crer que apreciaremos por completo todos os poemas do senhor M. de Sá-Carneiro desde que alguma «alma iniciada» na sua esfingica terminologia nos incite tambem.

Segue-se o senhor Ronald de Carvalho. Na poesia «Elogio dos Repuchos», por exemplo, é este senhor sumamente feliz. Ritmo, Cór e Ideia nela abundam, superiorizando-a. O mesmo diríamos dos 3 sonetos, subordinados ao título unico «Alma que passa». E passamos adiante porque a carencia de espaço assim o ordena.

Fernando Pessoa, no *Marinheiro*, parece querer trazer-nos o mais completo estado de abstracção em que as almas podem cair. As interrogações seguem-se e acumulam-se num alheamento de Vida e de Realidade, cavalga-se o Sonho, vae-se alem do Real, penetra-se o Além-Vida... Essa historia encantada do marinheiro perdido em longinqua ilha e levado pelas saudades da patria a criar em sonho uma patria nunca possuida, é, na verdade, sentidissima. Como o marinheiro integrando-se no seu sonho até fazer da Irrealidade, Realidade, — tambem nós, seguindo a historia, fomos por ela possuidos, caindo numa abstracção doentia e aniquiladora. Era este o fim do senhor Fernando Pessoa? Se o era, realizou-o por completo.

Já numa destas crônicas nos referimos em termos mais que elogiosos ao poeta Alfredo Pedro Guisado, um dos mais completos e fortes da geração moderna. Alegros neste momento ver como merecidos foram os elogios então feitos. Guisado, reaparece-nos em 13 Sonetos que são 13 joias. Ritmo, Cór, Ideia e Forma, neles superabundam. Lendo-os sentimos verdadeira pena de a nossa edu-

cação literaria e artistica nos trazer ainda algum tanto bastante mesmo, afastado dessa escola poetica que Guisado prefere. Se assim não fóra, completar-se-ia o prazer experimentado na leitura desses dois indiscutíveis primores poeticos que são os sonetos «Salomé». Guisado mereceu o que lhe dissémos, como mereceria tudo o que nos altura lhe diríamos se tempo e espaço no-lo permitissem.

José de Almada Negreiros, eximio no lapis, é-o tambem na pena. Demonstram-n'o, sem sofismas, os seus *Frios* uns Cór, outros infantildade, uns naturalidade, outro sentimento, outros ainda dum erotismo artista e *raffia* moderno e espiritualizado. Mas... não escrevamos mais as más linguas do mundo, rosariaríamos, decerto, por cafés esquinas que os sentimentos de amigo nos haviam vendido os olhos, frios, de critico...

Côrtes-Rodrigues, um Interseccionista exagerado, tem no entanto, poesias cheias de musica e harmonia. Vid. «Poente» e a «Agonia». «Só», um poemazinho facillime comprehensível e cheio de encanto, revela-nos Côrtes-Rodrigues como um bom poeta e prosador.

E... chegamos ao melhor: — ás composições de Alvaro Campos, fingido estudante de engenharia numa escola de Escóssia, monárquico mas não católico, creança, com toda a gente, e, como pouca gente, nascido numa provincia portugueza, perfeito conhecedor do inglês e dos ingleses, perseguidor de suecas, anatematizador de comissarios de bordo, admirador do Progresso nos betons e cimento armados, propenso ao suicidio e auctor da «Ode Triunfal» — irritantissima *blague*, para o leitor inculto e inexperienced que folhear o *Orpheu*. Porque é *blague*, com certeza, essa «Ode triumphal». *Blague*, que collocada na boca dum nevrotico, dum neurasténico e espirito desordenado, como esse hipotético engenheiro Alvaro de Campos, tom o caracter e merece os louvores inerentes a uma pagina de psiquiatria completissima. Por ela felicitações o seu ator-editor, senhor Fernando Pessoa. Merece-o.

E eis-o *Orpheu*. O seu homónimo da Grécia amansava as «brutas-féras» com a harmonia da voz. Amansará este Critico — féras guardadôres da Arte, — com o ritmo das suas composições? Esperamo-lo.

A. BUSTOLEY

"Alma Nova"
revista p.º de Negreiros
abril de 1915



"Orfeu,"

Um grupo de jovens—porque são acriçadinhos que vêem os seus capotes de semelhantes surpreendentes—resolviu, tomando como pretexto iniciar um movimento de renovação literária, despertar a atenção pública para algumas extravagâncias, geralmente do mesmo gosto e, na sua maioria, sem sombra de valor d'arte.

É claro que a tentativa fez escândalo, e não falta quem reproduza e vulgare os disparates monstruosos, e até alguns sem possível justificação, o que certamente muito agrada aos corifeus da nova escola. Nós não faremos o mesmo, porque achamos antipático comprometer nomes que, devidos d'esse câmbio, temos a certeza de que podem escrever obras sérias e perduráveis. Em literatura, como em arte, o futurismo não tem produzido nada abstrato. A lira d'este "Orfeu" não mostra amadureza nem grandezas. Há, com effeito, nas composições da nova escola, muita coisa nova; mas a critica mostra-se impagável com os colaboradores da original revista, que começam a produzir exemplares carosíssimos, na generalidade da literatura de mambo.

"O Primeiro de Janeiro,"

Porto 7 abril 1915

"Jornal de critica,"

Porto, 7 abril 1915

"Orfeu."—É este o título de uma interessante revista humorística que começou a publicar-se em Lisboa e de que fomos frequentes e l'os leitores. Esta revista, com a colaboração de alguns dos mais engracados e mais originaes em verso, de uma requintada originalidade. Como amostra, citaremos a seguinte quadra, colhida no 1.º numero.

Os ingleses são feios para existir
Não ha gente como esta p'ra estar tanta
Cosa a Tranquilidade. A gente deixa
Um rictus e que um d'elle a sorrir.

"Orfeu" e esta revista, a mais divertida e mais original de todas as que se tem publicado.

O aspecto gráfico da nova revista é muito bom, sem duvida, no genero, das mais bonitas que se tem publicado.

Crónica literaria

—0—

ORPHEU.—Revista trimestral de literatura.
Portugal e Brazil-Lisboa

Acompañado de atenta y cariñosa carta recibí el primer número de esta *Revista*, que nace según propia confesión, para ser órgano y eco de la nueva generación literaria de la vecina República.

Muchas veces tengo pensado de que dependerá el aislamiento y divorcio espiritual en que vivimos portugueses y españoles; y nunca supe darme cuenta del porqué. Entre nosotros son más o menos conocidas las literaturas extranjeras—y al hablar de literaturas no quiero referirme a las literaturas meramente, sino también a las científicas—; de Portugal casi no sabemos nada. Apenas si uno o dos nombres suenan más que como portugueses, como mundiales.

Sospecho que lo mismo ocurre por allá respecto de España. Por mi parte puedo asegurar, que mientras sostengo correspondencia con algunos sabios y literatos de varias naciones, es esta la vez primera que recibo el saludo de un literato portugués. Muchas de mis cosas fueron traducidas al francés, al inglés, al alemán—al alemán sobre todo—y alguna al ruso; acerca de Portugal solo sé por referencia que mi «Arco d'a vella» figura en una antología portuguesa con una encomiástica nota. Aunque solamente, pues, sea por eso, por establecer corrientes de simpatía y de unión entre los intelectuales de ambos pueblos—pretensión que también declara paladinamente el nuevo periódico—bien venido sea y en buena hora llegue.

Por de pronto no se le puede negar originalidad: la cubierta y la presentación son de lo más nuevo e inusitado. Y no lo es menos el texto: sus redactores, seguramente jóvenes y por lo tanto valientes y

arriesgados, se confiesan francamente modernistas y dispuestos a romper los viejos moldes y las tradiciones rutinarias. Y a fe que lo hacen como lo dicen: todo es nuevo allí, la forma, la manera, la métrica y el asunto. Algunos de los trabajos son verdaderamente extraordinarios; sobre todo por eso, por ser cosa fuera de lo usado y corriente. Haylos también casi incomprensibles: tales son ellos de alambicados y febriles—término muy usado por esos autores.

En general sobresalen los trabajos en prosa. Oreo que en primer lugar debe citarse *O marinheiro*, de Fernando Pessoa. Aunque sutil y quintessenciado en demasía, tiene verdaderos atisbos de genio y atrae fuertemente a toda alma soñadora y filosófica. Puede ser base de una reputación entera. Entre los *Frutos da Almada-Negreiros* hay algunos verdaderamente primorosos: el titulado *O Echo* y que refiere muy galanamente los primeros celos de Eva, es una joya de filigrana.

También entre los versos los hay muy apreciables, por más que en general adolecen de la manía modernista en cuanto a la medida sobre todo. No es que yo por ser viejo ya, esté tan apegado a ello que no transija con nada de lo moderno; sino que creo firmemente que la exageración es condenable siempre. No hay que olvidar el prudente proverbio: «Todo lo exagerado es insignificante». La *Ode Triunfal* es enteramente un colmo, un caso fulminante de cubismo literario.

Complázcame de nuevo en saludar cordialmente a los noveles escritores y felicitárlas por sus arreos y buenos propósitos; y si los años y el oficio de tratar con jorones casi toda mi vida con ser ya bastante larga, me autorizan para ello, me permito aconsejarles que sin dejar de mirar para adelante como siempre debí hacer, no olviden del todo a lo que van dejando atrás: también allí hay cosas buenas.

JUAN BARCIA CABALLERO.

X
"El Eco de Santiago,"
año 1915

Journal de Santiago de
Compostela (Espagne)



"O ORFEU"

Não podemos hoje dar, com o desenvolvimento que desejávamos, notícia do aparecimento da publicação trimestral *O Orfeu*, cujo primeiro numero temos á vista. Fica para o proximo numero, se algum dos nossos redactores encarregados das criticas literarias conseguir ler o folheto até o fim sem precalço de maior. Quatro dos nossos companheiros de trabalho, que tentaram a empreza, recolheram ao hospital com terriveis indicios de alienação; dois outros faleceram de apoplexia fulminante ás primeiras linhas; mais tres tiveram tal destempero intestinal que de momento a momento correm a despejar-se. Veremos se algum insis'te e é capaz de arcar com a tarefa.

Tambem, se der tão grande prova de resistencia bem se pôde dizer que comete maior proeza do que se atravessasse agora os Dardanelos!

"O Seculo Comic"

8 abril 1915

Bons tempos

No Portugal contemporaneo, o genero da literatura mais rendosa é, sem duvida, o poetico. A prova não falta. Os exemplos abundam. Tudo depende de paciencia no... insistencia, porquanto, como é notorio, já não é preciso folhear a *Arte Poetica* para aprender a contar as sílabas, mais essa leria dos acentos e da rima. A questao toda está em alinhar frases desconexas e em publicá-las em h-vreos periodicos—de tres em tres meses, um. Passado um anno, fica-se poeta. Seja como for, mesmo quando o poeta procura o mais burlesco e o mais burlesco possível, seguir a respeitar a tradicional formação versificante, o certo é que o officio não é mau de todo. Em regra, por causa das excepções, e sob a condicção de o illustre rimador não desviar os cuidados para outros generos, não incluindo os de... primeira necessidade... Pois é verdade, um jornal, conversando quem com um poeta?

E, pinto o illustre poeta leva a mão, com um pouco de ansiedade, ao seu relógio.

- Cinco horas.
- Paris?
- Tenho uma visita.

Um poeta que tem relógio... Talvez de ouro, cravejado de brilhantes, trabalhando em perolas de Ofr. E que tem visitas... Talvez ao banqueiro. Não admira nada, que um poeta, trinta milhões de vezes peor que esse de que nos fala o jornal, o eminente poeta João Maria Ferreira, até tomou um jagoso e lustro cavalo e que pôs o nome de *Beetle*... Aquelle idiota do Lyra de Camões morreu de fome, pois isso foi noutros tempos.

"O Mundo"

8 abril 1915

Os bardos do "Orfeu" são doidos com juízo

Para Rilhafoles?! Não! Para a mão de vaca
dos "Irmãos Unidos",...

Ha dias um certo sarcástico artigo da *Capital* veio chamar a atenção do publico para a nova revista trimestral da literatura *Orfeu*, fundada e colaborada pelos arts. Mario Sá Carneiro, Fernando Pessoa, Pereira Guisado, Almada Negreiros, Luis de Montalvor, Alvaro de Campos e Ronald de Carvalho. Até então, empilhada nas montras da livraria Cernadas, ella tinha conseguido passar quasi completamente despercebida á frívola multidão—essa multidão ignara que não pode, mercê das suas mediocres qualidades intellectuais, subir a tão requintadas elevações do Ideia, a tão exquisitos quasi alucinados, preciosismos de forma. E, todavia, nas 33 elegantes paginas da prosa e verso, que constituem o volume *Orfeu*, está, muito embora não pareça, o inicio de uma nova escola. Os literatos do *Orfeu*, hoje, após o aparecimento da sua obra estranha, os mais originaes e acreditados poetas da nossa praça, são aquelles seis ou sete manicados aludizes que dos cafes e dos restaurantes fôrman como que uma especie de consocio, de onde, de quando em vez, se dignam lançar os seus olhares dominadores para os miseros mortais, pobres e mesquinhos, que as altas theorias da arte, por elles apreghadas entre um cafe e a fumaça de um cigarro *chic*, não conseguiram ainda apreender. A critica do livro está feita. Através a leitura dos portadicos anda fazia prevêe que a obra passasse da banalidade. Todos diziam bem della, naquellas quatro linhas tão nossas conhecidas, que constituem na classico chavão do jornalista para terminar com o inevitavel agradecimento *o exemplar que tiveram a gentileza de nos enviar a esta redacção*. Mas o artigo da *Capital*, esse é que veio lançar um pouco de luz sobre o caso. Da sua leitura é da ironia amarga com que o autor o polvilhou implacavelmente e com con-

clusão cheguet: o *Orfeu* era uma obra unica da literatura portuguesa. Compreio-o logo. Edição portatil, 50 centavos. Barato e elegante. Politico!—ao acaso, primeiro. Que desejavam os do *Orfeu*? Foi o que, admirada, que foi aquella gravura da capa, com as duas velas encostas a alumiar, não sei que santa milagreira, lobiaguei nas primeiras paginas. Ellas, os jovens literatos, explicam as suas boas intenções com espantosa clareza:

Formar, em grupo, em Ideia, um numero escolhido de revelações em pensamento ou arte, que sobre este principio aristocratico, tenham em *O-fu* o seu Ideal Isotérico e bem pouco de que sentirmos e conhecermos-nos.

Claro como agua. Pena é não se perceber bem o que deviam exprimir estes exalcentes rapazes. Logo a seguir, porém, acrescentam elles:

Puras é raras suas lizenças como seu destitido de Deleza e do Dr. Estilo.

Acho cruel. E' um exagero e uma barbaridade. Bem sei que, na letra dos Codigos, não ha especificação clara da pena a applicar para tão monstruoso e barbaro crime. Bem sei! Mas levar o castigo até o extremo de um doloroso e prolongado exilio acho verdadeiramente selvagem. O conspirador José do Azavedo cometeu bem maior delitto do que escrever o *Orfeu* e foi, simplesmente, exilado para... a cidade de Coimbra!

O que é facto é que já dizia o Fialho: é preciso irritar a multidão. E os jovens do *Orfeu* alguma coisa conseguiram já nesse sentido. São discutidos na rua, criticados nos jornais e não tarda que não appareçam nas revistas do anno—consagração definitiva dos homens de génio na nossa terra... Tenho a felicidade de conhecer de vista alguns mestres da nova literatura. Fixo-os por vezes

"O clunio"

8 abr. 1915

com insistência, mas elles, em abono da verdade, nenhuma importancia me ligam. Essa indifferença, com se poderá calcular, representa para mim um verdadeiro supplicio. Longe delles, fico privado de apreender as ideias novas que apregoam, ouvir as suas catqueseas, anotar os seus conceitos, estudar a sua philosophia original. O que me vale, em todo o caso, é o volume precioso que adquiri. Por elle verifico, cheio de alegria e de assombro, que qualquer coisa desejam os poetas, efectivamente, fazê-lo de novo. E' nessa conformidade que um dos de maior peso, o sr. Sá Carneiro, se não estou em erro, exclama com um grande ar de convicção:

E em melado de mim hoje só moro...

Achou o sr. Carneiro, neste impavavel verso de dez syllabas, a solução unica para a vida, numa epoca em que os fatos de bom cheviote nos custam os olhos da cara e em que os castos, pelo exagero das rendas, que são uma verdadeira exorbitancia, estão o que se chama pela hora da morte! O sr. Sá é, de resto, uma pessoa cujo soffrimento nos deve merecer toda a sympathia. Bem lhe basta aquillo, que elle sinceramente confessa, de *sonhar esvair-se em vícios de martim*, o que não deve ser, na realidade, um bom petisco. Mas, ou porque a doença rebelde que o martiriza seja de molde a não resistir ao tratamento medico, ou porque o sr. Sá Carneiro se não trata, o facto é que elle depois de disfarçar, dizendo

Findel... Horas-platina... Qlor—bro-cado...
Luz—ansia... Luz—perdição... Orquí-deas—pranto

acaba por declarar francamente o estado em que se encontra, quando exclama num rasgo de sinceridade:
O' pantanos de Mim—jar fim estagnado...

E' um caso que os depurativos parece não terem debelado. Deixemos, pois, este infeliz e sympathico rapaz. Continuemos a percorrer as paginas do *Orfeu*, uma por uma, com toda a attenção e meticulousidade. Fico extraordinariamente encantado com a sua leitura. Esses belos versos, que eu vou insensivelmente deco-

rando, á mesma qua os recito, revelam-me, sobretudo, a grande alma dos moços e audaciosos escritores. Tão grande que até o sr. Alvaro de Campos afirma que

Nos Longchamps e nos Derbyes e nos Headlites e Avenues do JOpera que ^{Ascota} entra

Pela multi-alma delecto
o que, a não ser que o sr. Campos esteja a brincar com a rapaziada, constitue uma fantastica e assombrosa maravilha. Trechos ha, no belo poema, que hão de ficar unicos nas nossas letras como pedacos inconfundíveis da rara philosophia. Por exemplo:

Alma unida
E perdida
Na grandez de Si. E ja sem ver mo
Maceração crepuscular de mim
Agonizo de Ser-me.

Ou:
Amor divino em Deus extasiado
O meu Ser é Não-ser em Outro Ser.

Ou ainda:
Alirem-me para dentro das fornalhas;
delam-me debaixo dos combolos!
Expandem-me a berdo dos navios!
Masoquismo através dos masoquismos!

.....
Ist! eis—hó eis!
Ist! sou o calor mecanico e a electrici-
dade!
Ist! e os rails e as casas de maquinas e
a Europa!

Ea e hurrah por mim—tudo,
Maquinas a trabalhar, eis!
Jelzar com tudo por cima de tudo! Hup
Hup lá!... hup lá!... hup lá—hó hup lá!
Hó há! He-hó—Ho-ó-ó-ó
Z z z z z z z z z z

Ah! não ser eu toda a gente e toda a
paria...

O que este poeta imagina ser? A
ambição que lhe devora o cerebro?
Póte divergir-se da ideia, tão alta e
sublimada, mas o que, ninguem pode
contestar é a beleza da forma, a ma-
lodia dos versos, de uma encantadora
sonoridade. Isto é belo, por exem-
plo, em toda a parte do mundo:

He há! He-hó—Ho-ó-ó-ó
Z z z z z z z z z z

E' de uma tocante suavidade e con-
segue sair fora da rotina...

6 Mundo
8-11-1915
(Antinuas) in /

Final, os do *Orfeu*, com todos os seus conceitos superiores e a sua convergadura inconfundível, são criaturas tão humanas como nós próprios. Os projectos da sua escola literária, os seus *complots* que preparam os talentos a rotina banal e a forma simplista, segundo um bem sido dado observar, são forjados pacientemente nas moedas dos cafés da Baixa. No triste mansidão da Montanha, na atmosfera euculentamente culinária dos *Dois Irmãos Unidos* ou na febre e nervosa agitação do Martinho é que ell' a compõem as suas *Odes triuíficas*. E talvez nesta diversidade de fontes do prodígio possamos explicar as diferenças da inspiração e de energia encontradas nas páginas exóticas do *Orfeu*. Vejamos:

Nôtam me debaixo dos combóios

As mesas dos cafés engolideram fel-
tas ar...
Casi me agorra um braço... Olha lá vai
elle a valisar
Vestido de rascaca, nos salões do Vice-
Rei...

Estão a vêr: é do Martinho em
noite de manifestação. Realmente,
nessas ocasiões, andam braços no ar
que ninguém já sabe a quem pertencem... Os combóios da que fala o
poeta são claramente os da estação
do Rocio. Outro trecho:

Os meus sentidos a escaçarem-se...
Altares e velas...
Orgulho... Estrelas...
Vitrals... Vitrals...
Flores de lis...
Manchas de côr a egriarem-se...
As grândes paves a sagrarem-se...
— Nossa Senhora de Paris!...

Altares e velas... Flores de lis...
Isto é da tristeza do Montanha...
Finalmente:

Eu, que fui sempre um mau estante.

Não faço mais que ver o navio ir
Pelo canal de Suez a donduzir
A minha vida, canfura a aurora.

Navio! Não é preciso mais nada:
vê-se que foi inspirada esta poesia
no tombadilho dos *Dois Irmãos Uni-
dos*. A canfura é da farmácia do Leão
e, realmente, aquelle pavimento su-
perior da sala do popular *restaurant*
tem o quer que seja de barco a con-
duzir a alma, não para o canal de
Suez, mas para a Praça da Figuie-
ra... A permanência dos literatos
nas casas de pasta é coisa assaz no-
tada. Conta-se até—de certo por bla-
que—que o criado do Montanha, far-
to do ouvir as nelsitabices dos mo-
ços poetas, com os seus *balaustrés*
de *ebm* (*Distante melodia*, de Sá
Carneiro) e a ansia a subir por elles
acima como um trapézio *espanga-*

lhado (poesia *Nossa Senhora da Pa-
ris*) lá se engana e diz para dentro
do *quiche*:

— *Cherrel Salta-malaustre* na gre-
lha que venha bem douradinho, que
é para os senhores do trapézio...

Não garanto a autenticidade... Fa-
lei em revistas do anno. Pois um dos
cultores felizes deste genero do tea-
tro, a quem li trechos selectos do
Orfeu disparou-me o seguinte im-
proviso, que aqui deixo estampado a
título de curiosidade. E' assim:

Tive uma Idela;
Favel! Avelei!...
E palhal...
Cafés! Cafés!
São 8 pés!

Nossa Senhora lhes valha!

Sala a caviária dos Lotos!
Metam nos debaixo dos combóios!

Irist! Dpist! Tediist! Requiteist!
— Oros! Assa! Manchas de côr!
— A 10 réis são vintil!
A escaldar! Gator!

Balaustré! Arcos de amar
Maluquismo!

Sinapismo!
Ferra, carvão e ciscol!
Um braço no ar,
Curvado,
Repuxado,
A's armas, S. Francisco!

Luz! Pirilampo!
Carne do talho!
Martim com chetrel!
Alvaro Campos!
Ronald Carvalho!
E Sá Carneiro!

Charutes! Tratócos
Ela! ó... psil! ó... ó
falo So

Esa agora! Que os rapazes 'alfo malin-
cos.

Hupla! Trist! Psit... Vá azora!
Aperle-me essas petras no selim!
Zess... tras...

— Sit bem
Afague o animal (Ber) e mande embora
E pouso o playalim!
(Tae).

Fazendo justiça e para concluir: os
fundadores da revista *Orfeu* são
bons rapazes e criaturas ilustradas.
Tenho esperança de que hão de ving-
ar na carreira das letras quando
das suas cabeças se esvaírem os va-
pores de uma exótica literatura que
lhes tem dado volta ao miolo, nes-
tando-os da realidade das coisas.
Mas para que dinto escreveriam
elles o *Orfeu*, não me dirão!...

Dr. X.

(continua)

"O Mundo"
8-10-1915



PELA LITERATURA

A nova fauna literaria: Creacionistas e saudosistas. A «Galera» e o «Orpheu». Livros Novos: «N'outros tempos» de Costa Ferreira e «A Musica e a Alma» de Azevedo Neves. «Palestras Medicas» e o mais que lendo se verá.

Enquanto os inocentes de Coimbra escrevem a *Galera*, tristonha e sombria carroça de dispauleticos, os de Lisboa fundam *Orpheu*, revista destinada a arrastar atraz de si o riso e o motejo de todas as pessoas sensatas. Dir-se-hia que desabrochou repentinamente uma geração de paranoicos preocupada em estabelecer o ritmo e a cor a uma prova de palavras sem nexo. Não sei se o Dr. Julio de Matos lá vaticinou, com a sua incontestada superioridade de homem superior que sabe escrever. Se o não fez, que quando d'fizer declare se a doença é contagiosa. Havia já, no Porto o saudosismo e o creacionismo. Em Coimbra a *Galera* é qualquer cousa de abstruzo e disparatado. Em Lisboa o *Orpheu* é a Loucura em plena festa. Que incrível, espantosa geração de patetas não está ali abeberando!...

*

Enquanto, porém, os moços tresvariannha, ao que parece, quem escreva com talento, com alma e com gramatica. Assim eu tenho aqui sobre a minha secretaria alguns livros, escritos de uma maneira muito diversa, escritos como escrevia o Camilo, o Fialho, o Eça, uma data de ignobels prosadores, ainda escrevendo á antiga e que, segundo os meninos futuristas, saudosistas ou creacionistas, *galerianos* ou *palilistas* só ficará na nossa litografia... por não ter sabido escrever. Que, a prosa nestes *istas* todos não se fez para ler mas para ouvir; cousa como se um architecto fizesse feito uma casa para ver e não para morar.

Deixemos, porém, os exquisites e vamos aos livros que toda a gente entende. Tenho aqui *N'outros tempos* de Antonio Aurelio da Costa Ferreira, *A Musica e a Alma* de Azevedo Neves, *Palestras medicas* de João Saavedra e Antonio Barreiras, *D. João II* por F. A. da Costa Cabral. Tratamento da prisão de ventre por Samuel Maia, *O Varão Caneleiro* por Joaquim Lallão, *Doze Cancões de Amor* de Santiago Presedo e uma tradução de Man-

teggaza: O ano 3.000.

Leitor, amigo quer certamente saber o que os livros são e isso é o que dizer-lhe vamos.

N'outros tempos é um livro de recordações. Escrito simples e des preocupadamente, é um livro cheio de saudade e cheio de alegria franca. São paginas da vida de estudante, anedotas, impressões, notas, apontamentos. É um livro que se pode pôr a par do *In illo tempore* de Trindade Coelho, pela graça que encerra. Depois, é o livro de um grande espirito. Medico, professor, estudioso, ex-ministro, o Dr. Costa Ferreira, que tem citado o nome em livros de cientistas estrangeiros dos mais cotados, tem tambem a arte de escrever como sente, de escrever como todos sabem admirar, e tem a alma grande de abrir a sua mocidade para revolver a multidão dormiente das suas recordações. Uma cousa má tem o livro. São as duas ou as tres paginas que o antecedem. Não as perdou a quem escreve estas linhas o grande espirito e grande amigo que é Costa Ferreira. Mas, não se enoje o leitor. Passe estas que as outras o indemnizarão de sobra.

Azevedo Neves não é só lente da Faculdade de Medicina e illustre homem de sciencia. É tambem um

artista que á sua conferencia *A musica e a Alma* viria revelar se a *marcará de um actor* e outros trabalhos nos não dissessem quem ele é, se o não conhecessemos todos como tal. *A Musica e a Alma* é a mesmo tempo dissertação artistico-erudita na da fatigante e poca literaria chela de elegancia e de brilho. Dentro da sua prosa a gente entra noutro mundo cheio de evocações. E ao passo que se divaga, analisa-se. Sonha-se e aprende-se. Não é facil escrever assim e ter ao mesmo tempo erudito e artista.

Palestras medicas é um titulo bem cabido. São conversas amenas, simples, sem pretensões. Assinadas dois estudiosos, pois dos meus autores é o *Dicionario dos termos tecnicos de medicina*, curioso e indispensavel repositório que a todos vai ajudar: ao medico, ao

jornalista, ao literato e até ao dicionarista vulgar. Nas *Palestras medicas* ha de tudo, desde a toxicomania e da critica da farmacopeia da 4.ª pagina dos jornaes até as questões graves, como o Suicidio e a Protecção aos alienados. Coisa curiosa e invulgar cá no terra, onde o medico se dedica de tratar de coisas fúrias; ha no livro um curioso estudo sobre a «histeria da Menina do Chocolate». Era interessante generalisar o caso e ver pathologicamente o que são os personagens do nosso teatro. Do teatro de Garrett, de Marcelino, de João da Camara, de Julio Dantas, de Bento Mantua. E' um livro curioso este, bem curioso mesmo.

D. João II e a renascença portuguesa, por F. A. da Costa Cabral, é o volume IV da Biblioteca dos Grandes Vultos Portuguezes, que a Livraria Ferin está publicando. E' uma bella monografia sobre D. João II, monografia documentada e cuidadosamente feita. O seu auctor é uma creatura propensa a trabalhos de investigação e a todos os respeito este seu trabalho é notavel.

Samuel Maia é medico, é jornalista e é o celebre Dr. Felix que comnosco fez a campanha contra o fado, o fadinho langoroso e choradinho, que tanto fez irritar a fadistaria portugueza. E' o mesmo. Bom medico e bom escritor. Se os fadistas o vituperaram, os doentes o encomiam, pois já temos ouvido gabar o livro a varios fadistas e estupidos.

O Varre Canelhas, *Doze Canções de Amor e o Ano 3000*. Tres livros bons. O *Varre Canelhas*, de Joaquim Leitão, é uma novela regional de que só não gostamos do formato. Tem sentimento e observação e o seu auctor é experimentado nestas coisas. *Doze Canções de Amor* são versos de Santiago Presado. E é que é linda a valer a edição. Ou Santiago não fosse bibliofilo. Quanto ao *Ano 3000*, é uma novela, um sonho de Julio Verne e de Wells. O que no ano 3000 Mantegazza imaginou! E é que valia a pena conferir se a vida não fosse ás vezes tão amarga. Está o leitor a sorrir o sonho de ser vivo ainda daqui a 1085 anos? Pois que seja feita a sua vontade. Mas cortamos os braços se manteria o desejo sendo condenado uma hora por dia a ler a *Galera* e a traduzir em palavras de gente a prosa manicomial do Orpheu...

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO



"A Rota,"

8 abril 1915

ÉCOS

A CRÍTICA FURIOSA

A alguns homens de letras da moderna geração, entre os quais contamos íntimos amigos, lançaram há dias a público uma revista chamada «Orfeu» cuja excentrica maneira literaria a critica tem sovado impiedosamente. Sobretudo o qua mais tem irritado o ponderado senso dos valhos, vem a ser aquele braço que o sr. Sá Carneiro diz ter-lhe caído para ir dançar, vestido de casaca, nos salões do Vice-Rei. Péde a critica repousar sem inquietações de maior, porquanto não nos parece que o braço possa perder-se. Nos salões do Vice-Rei todos são pessoas respeitaveis como nós cutros cá por fóra também soumos. Se o braço foi para lá praticar irreverencias, é quasi certo que o repreendem, mas que o não mandam sair. E como ele foi apenas de casaca, provavel é mesmo que lhe completem a toilette mandando-o vestir-se *à la continental*, para que possa apparecer na rua também de calças.

"O Jornal"

11 de Maio 1915

"O Jornal"
9 de Maio 1915

Gazetilha

ORFEU

Admiro toda a arte complicada
Dos paúlicos poetas do Orfeu.
Admiro-a porque não percebo nada
—E nem eles percebem mais do que eu.

A Arte é tudo! — E Deus e o Universo.
Tudo o que a mente sonha é ainda a Arte.
Como ha de, pois, caber num curto verso
Tudo que **é toda a gente e toda a parte?**

Justificam-se assim versos imensos
De trinta sílabas e até de mais.
E compreendo que inda os torne densos
A compressão de vastos ideais.

Não vos preocupeis com formas belas,
Portas confusos de **ideais futuros**.
— Deus faz a noite p'r'a encher d'estrelas
E cria as rosas sobre os vis monturos!

Mas sempre o dia segue á escuridão
E o que era trevas fica iluminado;
— Dai-nos, pois, noutro Orfeu a tradução
Do que trazia o número passado.

Antonio Antunes Belo.

"A Luta"

11 abril 1915

ARTE EXOTICA

Os poetas do "Orfeu" e os alienistas

Dois ilustres psiquiatras portugueses, um dos quaes o sr. dr. Julio de Mattos, dão a sua opinião sobre o "paúlismo"

A Arte, meus senhores, é a Revelação. Adiante.

Apareceram ahí, soluçando magnas de fantasmagoria, evocando requintes de visionismo nebuloso, uns maneches que, como braúranes de não sabemos que pavorosa superstição artistica e filo-offica, pretendiam conservar, em «suns niños finadas, sobre setins» na indellecta pureza astral, as aras do Misterio, a divina essencia da Ansia e da Emoção. Murmuraram linguagens desconhecidas, lacrimojaram gemidos incompreensíveis.

Achamos bem.

Foram assim iniciadas todas as religiões. O Nazareno falou



Orpheus

A capa da revista "Orpheus"



por parabolas e almas errantes do pecado. Os profetas foram epilepticos, sonhadores videntes, que andaram tangendo, por sobre os calhaus da montanha, e nas aridas plagas do deserto, o alarde magico da Fé. Entendam em ritmos unidos de perdão, de graça e de doçura, o cântico triunfal da salvação. Desincarnaram a dor, fizeram a beleza espiritual e criaram a Suprema Ilusão.

Achamos bem.

Afinal os poetas são os profetas. Ha poemas feitos do nevrose e ha poemas em que a suavidade modula hinos de paz e de doçura. E ha delírio febril das convulsões e da melodia enternecida das baladas pastorais, a Helena transparece e escurviza, espiritualiza e vence.

Mas os mancoes preciosos da nova escola litteraria produziram uma inqualificavel aberração. Publicaram o 1.º numero na sua biblia trimestral, o *Orfeu*, e a humanidade riu. Ora os profetas que andaram tangendo o alarde místico da Fé foram cuspidos e acotados, crucificados e apedrejados. Os *paladinos* não. Ninguém se indignou contra eles. Num epico unisono de bom humor, a humanidade premiou-lhes as esquisitezas e gargalhada.

Contudo, talvez eles fossem antes dignos de piedade. Quem sabe? Victimados de uma degenerescencia cruel, tarados de perversões implacaveis, que traduziram em sonoridade verbal, as perturbações cerebraes, o bulado diabolico das suas alucinações.

Em verdade, não acreditavamos muito nisso. Os poetas do *Orfeu*, como os seus manos da revista combrá *A Galeria*, são creaturas que tem dado excelentes provas da normalidade constitucional das respectivas cabeças. E' vel-os por ali a falarem e a escreverem em vulgarata, correntemente, e até—o cumulo da saude!—bastante mediocremente...

No entanto, não nos achavamos completamente seguros a este respeito. E porque esta efervescencia doentia de litteraturas cabalísticas que por ali appareceram poderias ser o indice de uma grande corrente de nevrose colectiva, digna do estudo dos homens de sciencia, fomos procurar dois illustres psiquiatras que nos poderiam elucidar seguramente sobre o assunto.

De como um medico nervopata não se preocupou com o caso e disse duas blagues.

Fomos ao consultorio do principal, ali, auma saltada. E' um doente afamado medico portuguez, cuja clara intelligencia se tem nitidamente affirmado quernocampo da politica, onde tem exercido

a sua actividade, quer na sua obra scientifica. E', além de um especialista de doenças nervosas e mentaes, um *diletante* em coisas d'arte, e por isso, tudo o indicava para apreciar, sob o duplo ponto de vista patologico e artistico, a poesia dissonante do *Orfeu*.

Estava, e dispôr-se gentilmente a receber-nos. Era, porém, necessario esperar um pouco. Para passar o tempo, fomos folheando o *Orfeu*. Logo na introdução, escripta numa linguagem rasteira e desconexa, um dos pequenos sentenciava: «Bem representativos da sua estrutura, os que a formam em *Orfeu* concorrerão dentro do mesmo nivel de competências para o mesmo ritmo, em elevação, unidade e discreção, de onde dependerá a harmonia estetica que terá o tipo da sua especialidade.»

Fazemos-lhe o favor de perceber. Quer ele dizer na sua que os jovens *luaricos* afinam todos pelo mesmo diapasão. Vejamos:

Labirinto de sonhos. Adormo-me eiro
Anzia apagada. Deus deixo minha alma em
Meus olhos p'ra te ver, acordas não empolhas
Um delles

Idade acorda d'inter sonho e Luz
Onde as horas corriam sempre jada.

Outro
Não posso colar em parte alguma. A minha
Patria é onde não estou. Sou deante a trac
O commisso de bordo e velhaco
Vem-me co'a a ruca... e o resto poe
Um dia fapo escandaloso na borda.
Se para darque falar de mim não mata.

Tercero
En-la, ch-la, ch-la, cathedrais
Deixamos partir a cabeça de encontro ás von
nas equinas,
O' latendas nat mostras! O' manuais! O'
últimos figurinos!
O' artigos lousos que toda a gente quer com
par!
Ois grandes armazens com varias secções!
O metemissimo

Uii! Afinal o *Orfeu* é uma amalgama desharmoniosa de disparelhos. Não merece a pena vor mais. Vamos até a janela. A tarde é calma e no «Oriente, ao oriente do Oriente», num céu em que «iris dorme meu Ser em cortinados lassos», definem-se manchas vagas «em portos d'alquimia», como elles dizem.

Mas o doutor manda-nos chamar. Danno-nos pressa em interrogar o:

—Doutor. Os rapazes são malucos?

—Ora! São meninos sem talento que querem chamar sobre si as atenções do publico vomitando aneiras. Uns copiam detestavelmente Eugenio de Castro, na sua fada dos *Oaristos*, outros plagiam horrivelmente alguns poemas do Só. Ha um novel poeta que publica um soneto sem pontuação alguma. E' a sua originalidade. E todos fazem

"A Puta" 11-IV-1915 (continua)

um simbolismo íntimo e grotesco, sem elevação nem critério. Perguntamo-nos se são produções de degenerados. Nada disso. Esses escreveriam melhor. Querem chamar sobre si o escândalo, mas nem isso conseguem. Repare nos nomes: Carpeiro, Gulsado. Um mau carpeiro pessimamente gulsado. Intolerável.

—Quê!? Não são artistas nem loucos, nem profetas?

—Não. São chuchadores de mau gosto.

—Lá chuchadores... Os homens, afinal, parece que fazem aquilo muito a sério.

—Então levam-nos para os manicômios, e metam-nos nos pavilhões dos dementes. Não são dignos de se juntarem com os perseguidos e delirantes. Esses são muito mais espertos...

E ficamo-nos com esta, além da recomendação de não declinarmos o nome do nosso ilustre entrevistado.

O sr. dr. Julio de Matos, diretor do Manicômio Bombar-da, manifesta também pelos poetas do "Orfeu" o maior desdém

Dirigimos, dali, os passos para Rilhafoles. Declinada a nossa identidade, o não menos ilustre psiquiatra sr. dr. Julio de Matos, cuja alta capacidade científica se celebrou justamente, e é também, a par disso, um homem a quem as manifestações da Arte não deixam indiferente, recebe-nos no seu gabinete com a mais cativante urbanidade, e dá-nos em poucas e concretas palavras a sua opinião:

—Eu ainda não li a nova revista. Mas, essas criações são em geral indivíduos que querem a fina força celebrisarem provocando o escândalo. A concorrência nas sociedades modernas é terrível. Custa muito a fazer um nome. Por isso, os poetas do *Orfeu* escrevem esses disparates, talvez com o fito,—se é que têm talento—de passarem depois a escrever coisas de valor, quando já todos tiverem repellido suficientemente nos seus nomes. De resto, o processo não é original. Já Eugenio de Castro e outros poetas que se intitulavam decadentes, o usaram. Antonio Nobre, que antes de ir para Paris fizera magníficos versos, da boa forma portuguesa, depois fez-se decadentista e deu-nos poesias, que, afinal, foram as que mais agradaram. No entanto, esses tinham real talento. Estes não sei se o têm.

Como é o nosso entrevistado não lera ainda o *Orfeu*, lemos-lhe nos algumas passagens. Encolheu os

ombros. Por fim chamámos-lhe a atenção para os versos:

Calo-me agora um braço... Óhã, lá vai ele a valzar
Vestido de casaca, nos salões do Vice-Rei

—Isso é o que nós chamamos, em terminologia técnica, a *disociação da personalidade*, como se dá com certos doentes atacados de histeria, que, durante a crise, acreditam e agem como se fosse sob a inspiração de terceira entidade. Mas esses, passado esse momento, não se recordam de nada e não são capazes de dar forma às suas alucinações. Os do *Orfeu* são apenas simuladores. E' evidente que quem quizer ser estravagante tem de se assemelhar aos loucos. O terreno comum onde se encontram é o disparate. Em França, com os românticos, sucedeu um pouco o mesmo. Para escandalisarem a susceptibilidade burguesa, passaram a andar vestidos de cores berantes, de maneira diferente de todos. Beaudelaire, um dia, chegou-se ao pé de um sujeito que estava em companhia de tres filhas e perguntou-lhe qual delas é que se destinava á procriação... Ora isto significaria que Beaudelaire era mal-crinado, no verdadeiro sentido da palavra? Por certo não. Apenas significava o proposito consciente e premeditado de ferir, de *épater le bourgeois*. Um dia, este poeta fez a excentricidade de pintar os cabelos de verde. Os amigos, que já estavam prevenidos, não fizeram caso. Beaudelaire, que queria causar impressão, ficou furo por não lhe ligarem importância. E tratou logo de rapar o cabelo á escovinha, coisa que não se usava, para ver ainda se conseguia despertar as atenções. E' evidente que estas criações não são absolutamente equilibradas. Mas também não é justo chamá-lhes doidos. Dêxemos lá. A minha opinião resume-se nisto: Os senhores fazem mal em ligar-lhes importância, em fazer-lhes reclama. Isso é o que eles querem.

Portanto não são doidos. E' escusado ter dó. Podemos rir-nos deles...



A Luta

11-IV-1915 (an. Luta)

VIENT DE PARAÎTRE

"ORPHEU,"

Revista trimestral de literatura — Directores: Luiz de Montalvor e Ronald de Carvalho — Editor: Antonio Ferro — Ano I: 1915 — N.º 1 — Janeiro — Fevereiro — Março.

Afirma Luiz de Montalvor na sua Introdução que «a fotografia de geração, raça ou meio, com o seu mundo immediato de exhibição, a que frequentemente se chama literatura e é sumo do que para ai se intitula revista, com a variedade a inferiorisar pela igualdade de assuntos (artigo, secção ou momentos) qualquer tentativa de arte — deixa de existir no texto preocupado de Orpheu.»

Uma grande obra, com efeito, se propõe erguer esse grupo gentil de intelligencias, que não pretende Forma mas pretende Essencia, que não anseia Altura mas que busca Motivo e Cór.

Adivinha-se em toda aquela Realização o Verbo ignorado e obscuro duma Sinceridade!

Não ha linhas de Colorido nem perfumes de Violeta a engrinaldar em Destaque esse Mundo que se pretende sentir para viver depois!

Preende-se apenas construir um altar de alabastro ao fundo duma nave inconstruida de preces recurvadas. Ergue-se esboçadamente já o portico do

Templo, gotico astral de Curvas e de Incenso, para nele se resar em Oiro e Louge as orações que a Arte resa em Luar a Nossa Senhora da Bazeza.

Tão pouco e tanto!

Orpheu é no seu conjunto uma psicologia doente mas bella. A Alma passa em delirios de febre... e canta... e sonha visionando mundos...

Mario de Sá Carneiro o poeta dos mistérios desconjunctados, honra em portões dourados as primeiras paginas de Orpheu dandonos alguns dos seus poemas dos Indícios de Oiro ainda meditados.

Timbrando Fins de Imperio, Pantheons, Gumes e Espadas, perpassam fibras de Opio em pedrarias velhas, caminhos de Além-Alma em panos do Egipto.

Ha toda uma seussação de Cór e de Perfume a desandar o corpo do Ideal dando uma forma incompleta mas perfeita...

Duas poesias, 16 e 7, terá o leitor ocasião de apreciar em outras columnas do presente numero...

O poeta brasileiro Ronald de Carvalho canta-nos novas extranezas liricas em impressões de luzes velhas e fins de Ontono.

Na sua poesia, O Elogio dos Refluxos curva-se ante nós a impressão luminiscente de fontes irizadas em noites de Lua e Sonho... Quando, taugendo diz:

Volúpia de fugir — ser longe e ser distancia,
e tornar logo ao cais e de novo partir!
Volúpia — desajar e não possuir, ser ansia...
Refluxos a descer, refluxos a subir...

vai tão allo visionando a Cór no intermedio do Ideal que nos esquecemos da Vida para reconhecermos apenas a Maneira de ser do Inconcebido!

Fernando Pessoa oferece em Orpheu a Carlos Franco o seu drama estatico em um acto O Marinheiro.

Que enormidade de desprendimento e de incerteza!

Que grandeza vive a Alma para soñar em Além-Deus!

Uma historia, que, se terminasse, seria um sacrificio do seu proprio termo.

Para quê saber o Após se o Antes nos esquece e o Presente é Mentiroso! E' preciso viver? — Pois bem! Sonhemos que viveremos, que a Vida terá patria para viver melhor!...

Canção do Cór... e transparencia de Nume.

Quando escreve:

— Não valeria então a pena fecharmos no sonho e esquecer a vida por que a morta nos esquecesse?...

— Não minha irmã, nada vale a pena... ha tanta grandeza e tanta sinceridade que é mesquinho o mundo com toda a sua Natureza; perante uma paisagem da Alma tão sentida e grande!

Dos sonhos de Alfredo Pedro Guisado leia o leitor o Ante-Deus que transcre-

"Terra obesa", jornal de Petrópolis 11 de Maio 1915

vo em outro togar.

Ausúia e Orgulho! Pode-se ir mais longe?

Essa enorme estranheza, doentia mesmo, é uma arte bem mais difícil do que a de definir a Simplicidade!

O poeta da *Distância* vive numa outra vida mais verdadeira e mais santa, e os seus versos são Alma em seu olhar ansioso!

Transparencia de Deus tudo é capricho em longes Côres...

E a sua Dôr de ser-se é infinita...
O desenhador José de Almada Negreiros dá-vos uns *Frisos* que sendo prosa são poemas em traços de carvão...

Na pouca pretensão da Forma vive a sua maior beleza.

Cortes Rodrigues, mostra-nos em cinco dos seus poemas, toda essa leve e distante transparencia desse infinito morbido de Si.

Conciso na forma, profundo na Essencia escreve consciencioso e sem "blague".

A sua poesia *Outro* porventura a maior de todas elas; sem Côr, vive desse proprio descolorido.

Que estranha beleza!

O pensador Fernando Pessoa publicou-nos duas poesias futuristas de *Alcázar de Campos*: *Opiário* e *De Triunfal*.

Destramelhados augúrios exóticos por curvas quebradas em mistérios de Seres; intermináveis sonolencias fantásticas de Vida; dôr morta em Alma sonumbólica de movimento oposto, numa vã horizontalidade destimbrada e sem resistencia...

Velocidade! Velocidade!

Não se pode criticar... sente-se... caminha-se ao lado da obra... e vai-se aceleradamente em busca do Novo!

Futurismo! Futurismo!

Timbres metálicos ressoam Alma, e pulsam zig-zaguentes em vaivéns oscilantes, em correrias endoidecidas na marcha incomparavelmente bela da civilização moderna!

Não fazer nada é a minha perdição!

Pois quê? Para onde vai a imagem humana presente?

Pois quê? Não é todo esse movimento aceleradamente forte, a realização de Alma da paralisação momentânea da energia física?

Alcázar de Campos na sua ansia louca vai tão longe que se esquece de pensar porque é que pensa, olhando só toda essa brusca sensibilidade que vibra de sentimento! Desprende-se de si e pára; oscila como as engrenagens das máquinas que o rodeiam quando laqueios folgas ou parafusos perdidos, ruem ruivamente na Côr da sua obra!

Leia-se:

O rodar, ô engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em uria!
Em furia fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!

Vejam-se também esse depreendimento tão grande com que *Alcázar de Campos* encara a sua propria psicologia:

Os ingleses são feitos pra existir
Não há gente como esta pra estar feita
Com a Tranquilidade. A gente deita
Um vinhem e sai um deles a sorrir.

Perlenço a um género de portugueses
Que depois de estar a India descoberta
Ficaram sem trabalho. A morte é certa.
Tenho pensado nisto muitas vezes...

Foi esta revista de literatura que a critica de Lisboa, consuevosa creio, apelidou de "falha de razão", "desconexa", "imperfeita", e "sem verdade", em todos os seus periodicos, justamente, talvez, porque ninguém conseguia compreendê-la.

Um verdadeiro sucesso!

Lisboa, 6-8-915.

Fernando Carvalho Morão.



"Pessoa e Outros" (em 15 números)
15-IV-1915



De "ORPHEU", N.º 1, Janeiro,
Fevereiro, Março, 1915

ANTE DEUS

Quando te vi eu fui o teu voar
E desci Deus pra me encontrar em mim.
Voci-me sobre pontes de marfim —
E uma das pontes, Deus, em meu chiar!

Apredei-me de ouro em sombra fria
E meus vãos caíram destruídos.
Foram dedos de Deus os meus sentidos.
Meu corpo andou ao colo de Maria.

Agora durmo Cristo em meus braços.
São tapetes de Deus as minhas mãos.
Regresso Ansia pra alcançar os céus.

Ergo-me mais. Sou o perfil da Dôr.
Sobre os ombros de Deus olho em redor
E Deus não sabe qual de nós é Deus!

Alfredo Pedro Guimarães

7

Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermedio:
Pilar na ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.

Lisboa, Fevereiro de 1914.

Maria de Sã-Cruz

"Terra Nova,"
11-IV-1915

Nota da Redação — Por motivo da
muita falta de espaço não podemos publi-
car todas as transcrições que o nosso ilus-
tre colaborador sr. Carvalho Mourão nos
enviou da revista "Orfeu". Neste n.º ape-
nas publicamos o soneto Ante Deus e o
n.º 7, devendo no proximo n.º sair a lu-
me as restantes produções; do que pedi-
mos desculpa ao nosso amigo.

(fornecido e Est. remor)

Orpheu

Ninguém nos convenceu de que os poetas do «Orpheu» não sejam uns gossanetes de primeira ordem.

Tendo lá meios de inestimável valor, aquilo só podia ter por fim esportar a indigência.

E conseguiram. Há quem os tema a sério.

E digam que os tapizes não têm carradas de espírito.

De resto, mesmo tomando-os a sério, entre eles e alguns da «Regença» não há diferença de palmo.

"A Montanha"

Porto

10 abril 1915

"A Folha de Tondela"

11 abril 1915

Orpheu

Dá por este arcadico nome uma nova escola litteraria surgida ha poucos mezes das ruínas poeirentas e desvalorizadas de todas as incongruencias e excentricidades. Um reduzido grupo de jovens vates, quasi imberbes e de cabellos besuntados com rançosas pomadas, deliberou apartar-se da rotineira Arte e da eterna Belleza e seguir a caminho da imor-

talidade pelos resvaladeiros da tolice metrificada.

A assuada tem sido estrondosa e de crêr é que os jovens litteratos do Orpheu em breve arrepiem caminho para se pouparem ao ridiculo que os accossa.

O' valente Pina Manique, que falta fazer hoje para esbarrondares todas essas escolas — Asnatica, Sibilina e d'Orpheu!

re
de
la



O suposto crime do "Orfeu,"

UMA ENTREFEISTA

O caso é já do domínio público, longos dias tranzitou ruidosamente nos noticiários.

No que houve divergência, e grande, foi na classificação do delito—se delito houve, como querem alguns, na perpetração voluntária, e talvez intencional, dessas oitenta páginas de exquisto texto alarmante.

Brincadeira de mau gosto lhe chamou o ilustrado analfabetismo da nossa Academia. Quanto á critica das gazetas, essa, chamou para o *Orfeu* ou a jurisprudencia policial do juizo de investigação, ou a jurisprudencia clinica do sr. Julio de Matos.

Quem tem, afinal razão? O sr. João Gualdiao, que sorri benévolaemente diante dos versos alvoroçadores do sr. Sá Carneiro, ou a sinuez profissional dos entendidos, que pedem para o sr. Fernando Pessoa uma camisa de forças?

Vejamos: nós não lêmos o *Orfeu*, e, já agora, tambem não vale a pena comprar. Preferimos ouvir, de viva voz, um dos futuristas—e, precisamente, aqui temos abandonando na Brasileira o sr. Almada Negreiros.

—Diabo, mas eu sou um dos...

—... cúmplices?...

Ele sorri de longo, e, negligentemente, poz-se a rabiscar num papel, com o seu lapis grosso de caricaturista.

—Pois, como lhe ia dizendo, eu não co-

renamente, uns olhos tranqüillos, que, na conjuntura, quasi me pareceram heroicos.

—Confessa, então...

—Gostei, palavra d'honra. Ha ali pá-



ginas de blague e trechos sinceros. Em todas elas, entretanto, falta talento por vezes, mesmo genio!

Com a mesma negligencia vai rabiscando



2

4

nheda dos textos do *Orfeu* senão a parte que me pertencia. Só quando a revista veio para as livrarias é que li as produções do Pessoa, do Guisado, do Sá Carneiro...

—E... que tal?

—Gostei imenso!

E Almada Negreiros poisava em mim, se-



no papel, onde, a pouco e pouco, do lapis despreocupado, nascem curvas que se ligam e parecem tomar uma forma; a principio vaga, depois quasi perceptivel,

Almada Negreiros desenha. O trabalho do lapis não o impede, porém, de dizer da sua justiça no celebrado caso do *Orfeu*.

—A critica—diz—foi inepta. De facto não nos disse nada que valesse uma opinião. Transcreven-nos e mandou-nos para Rilhafoles. Banal, não acha? Taine...

Suspende-se, a olhar-nos de novo, com os seus olhos estridentes, quasi sensacionais. E repete, familiarmente: Taine...

Fala de lento, um pouco para nós, um pouco para a publicidade, na certeza de que as suas palavras irão correr mundo nas columnas d' *O Jornal*.

—... Taine disse um dia que gostaria de ter tempo para lêr os livros que critica... Taine prestara-nos um mau serviço, divulgando o segredo de fazer critica...

Levantou-se.

—Vou-me—diz—Deixo-lhe isto. Quer?

E entregou-me as duas figuras que aqui reproduzimos.

Delas, cortamos apenas as legendas, que podiam parecer uma reincidencia no pseudo delicto...

"O Jornal"

13 abril 1915



CARTA DE LISBOA

Lisboa, 12 — Um dia claro; um sol radioso; mas um frio e um vento que tregamam. Quero vêr se agouro mais o dia e a ventania abate para ir dar um pequeno passeio. Prefiro escavar-lhes agora a fazel-o a regresso, por quanto me chegar tarde a casa. A a nome que escrevo ainda não são notícias diversas das que leio nos jornais. E, entre, vêm d'uma poeira francesa. Apenas sei que se está em pleno congresso evolucionista, e que se prepara, logo, uma manifestação ao governo.

Aproveitaria a manhã de hoje para lhes falar do Integralismo, se não estivesse prohibido pelo sr. Hippolito Raposo, joven homem de letras a quem me refiro com encarecimento a aquella mesma carta do «Janciro» que lhe agou tamanhas coleras contra mim. O caso é este: o sr. Raposo enviou ao Janciro uma longuissima carta que, por attenção do director a um seu velho, oução que modestissima colera, e com meus queridos collegas não publicaram.

A carta deve ser a mesma que antehontem tomava duas ou tres columnas da «Nação»; comprehendo, portanto, que o não fizessem. Eu não tivera briga alguma com aquelle moço escriptor e elle veio metter-se a uma desenfadada caturreia com o intelligente e bem educado sr. Luis Vieira do Castro, e eu até fêra por vezes disposições de boas referencias ao sr. Raposo, a quem nunca disse frase de desconfiança; com que direito vinha requerer a publicação da carta sua, e do seu amigo vincendo, o illustre campador Integralista? Não tinha o sr. Raposo o mesmo que a molestar-se. Mas, publicando a carta na «Nação», que lhe acoitose bofetada por paridade de ideias, branda mimamente:

«Responde-me agora, por minha esperança, que o sr. conselheiro Alpoim, quando se refere a nós é a seguir doutrina politica no jornal onde a entidade officiosa dos seus directores a põem a devida correccão.»

Como he de falar, aos meus leitores, do Integralismo, e o sr. Raposo se expõe de um diário agudo dezoito, com que de noite a seu humilhado, com que de proximo em teóricas, na mão comedia e gulosas? Semelhante a prudente silencio! E digo apenas como a Ode Triunfal do «Orcus», que é orgão do Integralismo em verso — perdido, valha-me Deus! — do «Paulismo» politico.

Sup lá, sup lá, sup lá-há, sup lá-há
He-he! He-he! He-he-he!
Eeeeeeeeeee!

Não posso ter outras commentarios sobre estes de paginas 33 do «Orcus», orgão do «Paulismo», revista trimestral de litteratura, que muito acoitose aos leitores que amam as boas letras e acuso soffrimento tambem de litise pillar. Não faio mais no «Paulismo» em prosa — torna Senhora se valha! — no Integralismo Nacional, revista trimestral de vocabulário original, mas eu quero uma coiza de politica, um como pretende o Joven publicista que eu discuta a sua doutrina politica, se apenas tenho a palavra ao meu dispor! Mas o sr. Raposo prohibiu-me de lhe falar aqui no seu Integralismo gallico. Não deixo

entrar-se dos desavengas com raposo; lá diz o adagio quem se mette com raposo fica sempre... estorvado. Não é propriamente assim a locução popular. Mas não são vivemos já no bom tempo do Auto da Fama, quando Elia Vicente, diante da sua caladica e bozofadima Rainha D. Leonora, dizia as coisas ao vivo, em frases que não transcendia robas.

Não discutirol, pois, o Integralismo, visto que o sr. Raposo me tomou a fazel-o aqui; e apenas accordar fazer alguns requantos a differença da sua carta, a este tom resignado em que fala o sr. Raposo põe em tamanho, no seu artigo, a Gomes Freire, o empilhado da torre de S. Juliao da Barra, e o portante Manuel Fernandes Tomas, que até hoje tem sido notado como o auctor patristico da liberdade, e que é que elle não faria de mim? Ora reparia! Esta douda flagellador, sendo pelo sr. dr. Hippolito, tão grande de nome:

«Eu não sei se v. ex.^a, do repouso de sua campada poltrona, chega a ter direito de censurar a nacidade que nada tem nem quer ter de comunhão com os seus ideos politicos pagados, presentes ou futuros.»

A não me parece que v. ex.^a, por muito que leia teimadamente não quer vêr para além do espago que percorre o fumo do seu inhento.

Por isso, nós que estamos com os homems do mais alto pensamento contemporaneo, debermos parecer reaccionarios ao liberalismo terratista de que v. ex.^a ainda quere se dia apostolo.»

E, após estas impiedosas diabras, chameja a minha especie intellectual; chameja-me a cruzal frase de que sou homem de ideias; e olimpicamente reoggue-me, pois assim se diz dos rapalhões, que elles, os Integralistas, estão orden nos direitos do homem, nem no vontade nacional, nem no povo soberano. Enfim, e a isto se resume tudo, o sr. Raposo acha-me tão velho e combatido, tão incapaz de ascender aos racionais tipos em que elles tuellam, os homems do mais alto pensamento contemporaneo que até me offerece a escripta d'um B. Paulo que me traga o seu credo ao domicilio.

Um dia, não ha menos, recordei em casa um bilhete em que o nome de Hippolito Raposo, Jaques, antigo, ar do terrivel e saracento desenhado, tão desenhado para as minhas informaticas e snectuado. Não me admittiro de o receber, pois tenho ideias do, em tempo, me haver endereçado algumas palavras a um jornal e até escripto uma ou duas cartas muito amavels pelo sorpelo. He de procurar nas collecções do «Orcus» de Noticias, e nas montanhas temerarias de cartas que ainda conserve dentro dos armarios. Se o sr. dr. Hippolito Raposo me tivesse encontrado em casa, d'onde saíra, em ter-lhe dado o desgosto de pôr os olhos a um busto de Gambetta, aquelle piebete fiel a sua casta, aquelle inferior de talento e caracter, que tinha, na frase do duque de Orleans, o esculto apaixonado e exclusivo da França e da Republica. Se um dia, após esta conversação e boa paz, me honzou com a sua visita, encontrarei o meu pobre Gambetta adentro da barraca sobre cujo friso superior repousava e fôrei ao seu logar o busto do abastado frade Fortunato de S. Beaven-

«O Primeiro de Janeiro»
13 abril 1911

A proposito d'uma "novidade,"

Em todos os tempos houve escolas literarias, que é como quem diz, ídolos literarios: inovadores, criaturas que saem para fóra da craveira normal e desatam a produzir originalmente, destacando-se do ramerrão. Desde que o mundo é mundo isso succede quasi periodicamente. E isso é absolutamente necessário para que as literaturas não crystallisem.

Eu sou do tempo em que o Baudelaire era o idolo dos poetas de Portugal. Falava-se do Baudelaire com os olhos cerrados, com adjectivos de circumstancia e muitas vezes sem se ter lido um unico dos perversissimos versos das *Flôres do Mal*. Foi essa a época dos *satanistas*. Alguns conheci em menino e moço e dos de se lhes tirar o chapéu. Evidentemente o *satanismo* deriçou entre nós n'um d'estes fiascos de toirada de Algés, não por via de Baudelaire mas por causa dos seus *discipulos*. Era de a gente se pingar a rir.

E esse Baudelaire—não sei se o cavalleiro que me leu tomou alguma vez conhecimento com ele—era um rapazinho de excepcional talento. Tinha-o ás carradas. Ficou esse.

Depois vieram os nefelibatas. De França chegaram as rimas bizarras de Moreas, Mallarmé, Verlaine e outros. Foi um delirio. Entre nós, o illustre poeta Eugenio de Castro fez-se assim qualquer coisa como agente em Portugal dos exóticos, e espantou Portugal com os seus *paristas*. Teve mestre Eugenio, a despeito do seu grande talento, seus raios-leva de troca muito de ver. E os idiotas sem nada na caixa dos miolos, que lhe quizeram seguir a pegada, d'esses então nem é bom falar. Copiavam o Eugenio nas bizarras com idiotices e no exotismo de vestuario e habitos com macaqueações e pacotilha curiosa.

O illustre poeta, a quem deu na mania andar com uma enorme gravata cor da tunica do Senhor dos Passos e ir á missa com um grande livro de illuminuras e sua fita encarnada para marcação da pagina, conseguia *épater* como consequem, de resto, todos os homens de talento. Mas os outros, meu Deus! O Henrique de Vasconcelos, por exemplo!...

Mas, como no caso de Baudelaire, os nefelibatas tinham muito talento. D'aí o não serem corridos á batata. Lram tão exóticos que nunca ninguém julgou que depois d'elles viesse alguem com qualquer coisa do novo em materia de bizzaria á cidade.

Pois senhores, veiu. Veiu o *cubismo*, ou *futurismo*, ou lá o que é: a coisa mais idiota, mais besta, mais estúpida que o sol tem alumado. Por toda essa Europa, alguns grandes melros que se deram ao trabalho de inventar a *estrambotica* coisa tem passado o que não passam as passas do Algarve.

Pois já cá o temos, ao futurismo. Já cá temos um jornal, ou revista, de futuristas portuguezes. Triste é dizê-lo, mas é verdade. Mancebos que poderiam fazer coisa de gelto, entretêm-se a escrever baboseiras com o unico fim de chamar sobre as suas pessoas a atenção geral. Mas d'esta vez a coisa não pegou. Aquilo nem chega a ser ridiculo. E' tolo. E as tolices nunca conseguiram impressionar senão quem as pratica.

Houve aí quem fizesse a vontade nos cavalheiros, transcrevendo-lhe as tolices. Nanja nós. Que demopio! a poesia é a mais alta e bela expressão da arte. E se amanhã a um mocho lhe der para vir piar á minha porta eu não me ponho a discuti-lo como se se tratasse de um tenor de fama.

JOÃO RIPANSO.

14 abr. 1915

"O Século Comico"

Correspondencia

A. Serrão—Não recebemos o livro. Iria parar a outra mão?

Orfeu—Calmos na arara de emprestar a obra e lá anda de mão em mão fazendo as delicias dos nossos amigos. Dos amigos dos nossos amigos e assim sucessivamente.

Quando se der a restituição falaremos de tão portentoso escrito.

“Orpheu,” nos infernos

Do noivo ao futuro sogro

Não era Papá-Sogra:

COIMBRA, 30.—Permitta que assim o trate, para ir já empregando a algum tratamento um pouco do que vos colhecho no meu quarto anno de medicina. Por este mesmo correio como a liberdade de lhe enviar o primeiro numero da revista «Orpheu», a mais alta affirmacão mental de uma geração reformadora. Chamo a sua attenção esclarecida para o metro do meu illustre camarada Alvaro de Campos. Lá encontrará Vossa Senhoria Illustrissima um verso consideravel em que o diguo Pesta categori-

camente declara que não fazer nada é a sua perdicão. Alvaro de Campos, como o Papá terá occasião de considerar, está na razão absoluta, como Newton ou Galileo. Não fazer nada é uma aspiração mais do que nacional, e, se alguma unanimidade existe no espirito colectivo, é a d'este modo admiravel que consiste em viver de papo para o ar, como com sua licença um porco, e na paz não perturbada das digestões somnoletas, como as do crocodillo ou as do frade. Trabalhar é uma condemnação inutil. A ninguém é preciso trabalhar para viver. Eu tenho visto com tristeza na terra da minha borta como as minhas conves e as minhas alfices nascem, crescem e vivem sem nenhum trabalho, enquanto eu para nascer já algum trabalho dei, para crescer já mesmo o tive e agora, para chegar a este maldito quarto anno, já me encontro tambem aqui ha oit, galgados sabe Deus com quanto esfoço, quanta ladiga, e quanto desejo de casar depressa com a Mimi. Não é cruel um tão grande martirio? Trabalhar, ao contrario do que affirmava o sr. visconde de Castilho, não é tal virtude,

nem riqueza, nem vigor: é uma grande maçada, e eu só lamento que o meu digno Papá-Sogra não esteja aqui matriculadinho comooco para dar razão ao meu camarada Campos.

Este assombro do pequeno fez subir no meu espirito o panco-talão das grandes cogitações, e eu tenho pensado em que trabalhar pode ser uma grande, e até perigosa mania. A's formigas, ás abelhas, a todos esses bichos helleticos e phenícios de que fala o homem das linguas, nunca faltou essa mania. Mas eu firmemente creio que é porque nunca está isram medicina, do contrario outrô gallo lhas cantaria. Geralmente, os animaes que trabalham, excepto talvez Vossa Senhoria Illustrissima, trabalham violentados pelo homem, e nunca voluntariamente, como os photographos amadores. Vossa Senhoria vê, com o devido respeito, um burro ou um boi, que se dispensariam lindamente de trabalhar se os não obrigassem, e é indecente que um homem, com tantos ideacs do liberdade, de emancipação e de justiça, force por exemplo um cavallo a puxar a uma carruca, quando elle á manjedoura daria um

insistigavel canalizador de palha, especie de sifão, a cecoc.

Alvaro de Campos, não fazendo, não querendo fazer, não gostando de fazer nada, é a mais alta synthese do caracter luso, d'este lujismo fatal, sentimental, dolorido e laerimoso, em que cada um chora com muitissima razão as suas desditas e o creol e triste mal de não ter nascido aposentado e com o ordenado por inteiro. Porque não? N'um pais em que as mais nobres classes são as classes inactivas, porque não satisfazer ao povo o seu sonho de todo o sempre, o sonho de *deixa correr!* de não se valer! de pois sim mas anda lá!

O Papazinho sabe que sempre fomos uma raça de santos e de heroes. Ao heroismo já não ha emprego a dar, o sr. Machado Santos tem mesmo o monopolio do genero, e não é nobre estragar o arranjinho a ninguém. Mas resta a santidade, tão propria da nossa natureza contemplativa. O Papá lembra-se do fallecido S. Francisco de Assis? Foi um contemplativo porque foi um santo e um santo porque foi um contemplativo. E o que foi no exercicio das suas

"A Capital" 14 abril 1915

funções? Botas? Artigos do fardo? Suellos para a Lucina? O Diz-se para o Mendo? Não, senhor, fez-se Ignez de Horta toda a vez que se tratou de trabalhar.

Não tenha duvidas, Papá-Segro! No numero dos seus muitos convivas espirituosos figura por certo o eminente Gabriel de Lantrec. Pois bem, defendendo o descanso semanal o sábio illustre é de opinião que em nós tudo deve descansar vinte e quatro horas por semana: os pés, as mãos, os olhos, o estomago, o cerebro, o nariz e a lingua! a mesma lingua, Papá! Dir-lhe-hei que quanto aos pés ha certamente creaturas a quem conviria um descanso bisemanal para o equilibrio das proporções. Mas a lingua? O que seria dos deputado, das peixeiras, dos actores? Ah! tudo, tudo precisa de descanso! Nós, se trabalhamos devemos-o a um peccado inicial de que não temos culpa, pois não é justo que estejamos aqui a pagar as favas da geledeira da senhora Eva, que não resistia a passar sem sobrezeza, depois de lhe ter sido prohibida pelo Supremo Patrão.

Por isso, caro Papá, insiste em que

camarada Campos é um pequeno de muito peso e largo futuro, e eu ao lamento não estar já casado com a Mimi, para lhe pôr em pratica a sublime theoria, o visto que o dote da minha noiva longamente chega para a solução do vasto problema. O que lamento é que Vossa Senhoria Illustrissima continue a teimar n'essa catatonia de não nos deixar realisar o auspicioso antes da minha formatura, que ainda tem para póras, tanto mais que estes diabos teimam sempre em não organizar um curso em que a gente estivesse em férias—atá ás férias grandes.

Ades, caro Papá. Conserve-me a Mimi em bom estado até á minha these, e mesmo que eu fique approvado não me obrigue a exercer clinica, porque é infantil, desculpe dizer-lhe. Um homem honrado fala sempre com franqueza, e, visto que o Papá insiste em não me querer ocioso, já cá tenho debaixo de elle um lugar de major reformado, que me está que nem uma luva.

Seu futuro filho muito amigo

Thimoteo

Carta de Mimi

Lisboa, 21.

Senhor

O papá leu-me a sua carta e declarou-lhe que fiquei satisfeita. Nunca pensei que casava para trazer burros á corda, apesar de todavia. Remetto-lhe as cartas susceptivelmente, mais o cabelo e os amores perfeitos accos. E affirmo-lhe com toda a cathegoria que a um major reformado prefiro mil vezes um alferes em activo serviço. Já o disse ao papá, e elle diz que tambem gosta. Maude-me o que lá tem. Devo-o o Orpheon.

Mimi

Elle desesperado, amarrotoando a carta:

- Para o meio do inferno!
- Quem? A rapariga?
- Não, o Orpheon.

A Capital

15 abril 1915

(continuação)

DIZ PEREIRA COELHO:

Se for literaria, no genero do «Orfeu», atrelam-se muitos comboios uns aos outros e o autor deixa-se debaixo d'elles a fumar um cigarro, a fazer versos e a fingir que está maluco.

Se for «revista» propriamente dita, é preciso considerar duas especies: as boas, que eu não sei como se fazem, e as subversivas não ensinava, e as más que, pouco mais ou menos, devem ser feitas assim: põe-se ao fogo da inspiração o caldeirão da fantasia e deita-se dentro um pollice, o sr. dr. Alfonso Costa vestido de mulher, o dr. Bernardino a cumprimentar, o dr. Brito Camacho a cavalo n'um porco—este numero deve resultar muito pelo imprevisto—o dr. Antonio José com um archote atraz da orelha à laia de pena, o sr. Faustino da Fonseca com um lebreiro «Outra vez Inez», uma menina a dizer asneiras, duas nen-rastenicas, um fadista ou mais, senhoras à moda, coristas quasi nuas e outras cheias de gazes, tres apoteoses e dois capaches». Põe-se tudo a ferver durante 48 horas, para apurar, deita-se molho apimentado, que tem agora muita oportunidade, e deixa-se assentar o pé por causa da pateada. Se não agradar faz-se um quadro novo. E se esta receita não resultar ha outra infalivel: o presumido autor convida dois colaboradores muito engraçados, um que faça o verso e outro a prosa, e ele vai arranjar guarda roupa de Castelo Branco, musica do Del-Negro e cenario do Salvador.

"O Peculo"

coisa da noite

(o enredo "Como se
faz uma revista")

16 abril 1915

OS CRITICOS

Viciados da má lingua, quando se nos depara pretexto para a exercerem, nós, os portu-gueses, agarramo-la pelos cabelos e não a largamos assim do pé para a mão. E' o que se está dando com a revista *Orfeu*. Não ha hoje jornalista que não tenha larachado sobre as extravagancias dos seus colaboradores, confessando unanimemente que eles nada mais desejam do que o re-dome.

Cosm assim todos na rabeira de que parecem quererem desviar-se. E afinal nós, que os censuramos, não vimos tambem de mordere... à laça?

"O Jornal", 16 abril 1915



"ORPHEU,"

I

E' assim que se intitula uma revista trimestral com 83 paginas, em bom papel de linho, nascida ha pouco tempo.

Assim que o *Orpheu* foi posto á venda, um amigo correu a esta redacção, a perguntar-nos:

—Você já leu? Oh! não perca! Não perca porque é absolutamente unico no genero.

E ria muito, recitando coisas que attribuiamos a qualquer oscillação mental, de que o nosso intelliz amigo estivesse soffrendo. Mas no dia seguinte, outro amigo, e depois outro, e ainda outro e mais não sabemos quantos, vieram procurar-nos, inquirindo, anciosos:

—Você já leu o *Orpheu*?

E o telephone tinha repetindo a mesma pergunta, e a cada esquina um conhecido insistia no caso.

—Que não, que não tínhamos lido, mas jámos já ler, —promettemos intrigados, para que nos deixassem.

Comprámos o livro. Tres tostões. Abrimolo apressados e lêmo-lo d'um follego. Esfregámos os olhos e dêmos um beliscão n'um brago. Não havia duvida: estávamos acordados.

—Mas, afinal o que é esse *Orpheu*? dirá o leitor ancioso.

E' bem legitima a pergunta. Os auctores, na introdução, classificam a revista de *exilto de temperamentos d'arte que a querem como a um segredo ou tormento*.

Nós diremos que é o compendio, sobre a dureza humana, mais completo, que temos visto.

As produções dos srs. Ambr. Nôtes e Faustino, são simples ensaios ao pé do que vemos no *Orpheu*.

A começar na estampa da capa é a acabar no *Hup lá, hup lá! Ho-o-o-o!* do *Arco do Triunfo*, é tudo de primorissima.

—Mas é prosa, é verso? — insistirá o leitor.

Ha de fudo. Ha prosa, ha verso, ha ambas as coisas ao mesmo tempo, e ha tambem... sem ser uma coisa nem outra, antes pelo contrario.

O melhor, porém, é servir já algumas amostras, para o que pedimos a devida vénia.

Logo a abrir, temos os *Indícios de ouro*, poemas de Mario de Sá-Carneiro, que fecham assim:

Ha sempre um grande Arco no fundo dos meus olhos...

A cada passo a minha alma é outra eris,

E o meu coração gira: é uma roda de cores...

Não sei agarde vou, nem vejo o que persigo...

Já não é o meu rastro o rastro d'ouro que ainda igo...

Resvalo em pontes de gelatina e de bolôres...

Hoje, e logo, amanhã, sempre, minha luz

As meias do Café endoideceram feitas ar...

Cala-me agora um braço... Olha, lá vai elle a valsar

Vestido de casaca, nos salões do Vice-Rei...

(Sabo por mim acima como por uma escada de corda,

E a minha Ansia é um trapézio escanthalado...)

Hein?! Que nos dizem ao bregeiro do braço que depois de cair ainda foi valsar de casaca nos salões do Vice-Rei, deixando o dono a subir por elle acima n'uma escada de corda!...

Prosigamos. Ainda do mesmo auctor na *Distante melodia*:

Balaístres de som, arcos de Amar,

Pontes de brilho, ogivas de perfume...

Domínio inexprimível d'Opio e lume

Que nunca mais, em côr, hei de habitar...

Tapetes d'outras Persias mais Oriente...

Cortinados de Chinas mais marfim...

Aureos Templos de rilos de setim...

Fontes correndo sombra, mansamente...

Zimborios-pantheons de nostalgias...

Cathedraes de ser-Eu por sobre o mar...

Escadas de hopra, escadas só, ao ar...

Novas Byzancios-alma, outras Turquias...

E depois na *Sugestão*:

Eu não sou eu nem sou o outro,

Sou qualquer coisa de intermedio;

Pilar da ponte de teão

Que vai de mim para o Outro.

E agora na prosa este mimo do sr. José de Almada Negreiros, intitulado a *Taça de chd*:

O luar desmalava mais ainda uma mascara cahida nas esteiras bordadas. E os bambús ao vento e os cysanthemos nos jardins e as garças no tanque, gemiam com elle a adivinharem-lhe o fim. Em roda tombavam-se adormecidos os idólos coloridos e os dragões alados. E a guesia, porcellana transparente como a casca de um ovo da Ibis, eu-rodilhôu-se n'um labyrintho que nem os dragões dos deuses em dias de lagrimas. E os seus olhos rasgados, perolas de Nankim a desmalar-se em agua, confundiam-se scintillantes no luzido das porcellanas.

Elle, n'um gesto ultimo, fechou-lhe os labios co'as pontas dos dedos, e disse a finar-se:—Chorar não é remedio; só te peço que não me abraçoes enquanto o meu corpo fôr quente. Deitou a cabeça nas esteiras e ficou.

E Ella, n'um grito de graça, ergueu alto os braços a pedir o Cru para Elle, e a saltitar foi pelas jardins a socorrer os mãos, que todos os que passavam olhavam para Ella.

Pela manhã vinham os vizinhos em bicos dos pés espelrar por entre os bambús, e todos viram accorçada a guesia obnubando o morto com um leque de marfim.

A estampa do pires é igual.

Se o autor nos permitte, observar-lhe-emos que desvalorizou a sua obra com uma omissão importantíssima, não dizendo como são as estampas do bule, do assucareiro e da manteigueira. Assim está o aparelho incompleto, o que é uma pena.

Mas isto não pode ir tudo d'uma vez só, porque cada pagina é um pitu rarissimo e o espaço falta-nos. A'manhã continuaremos. A'naça portugueza...

Crispim.

"A Cagaça", 15 de 1915

A' JANELLA

"ORPHEU,"

II

Conforme promettemos no nosso ultimo numero, vamos brindar os nossos leitores com mais alguns retalhos do incomparavel Orpheu.

O que hontem aqui transcrevemos, pode já ter parecido *inexcitavel*. Pois não é. Ainda ha melhor, mesmo muitissimo melhor, como passamos a demonstrar.

No Opiario do sr. Alvaro de Campos, encontram-se estas perolas:

Ando explando um crime n'uma mala,
Que um avô meu commettia por requinte.
Tenho os nervos na forma, vinde a viate,
E cal no opio como n'uma vala.

E depois mais estas:

E fui creança como toda a gente.
Nasci n'uma provincia portugueza
E tenho conhecido gente inglesa
Que diz que eu sei inglez perfeitamente.

Fumo. Canço. Ha uma terra agnde, enfim,
Muito a leste não fosse o oeste já!
Pra que fui visitar a India que ha
Se não ha India sendo a alma em mim?

E andou aquelle pobre Valco da Gama
com tanto trabalho para descobrir a India
Mas a diante, porque, quando se trata de
ridades, como o Orpheu, os comentarios
são uma impertinencia:

Ea fingi que estudei engenharia.
Vivi na Escocia. Visitei a Irlanda.
Mas coração é uma avózinha que anda
Pedindo esmola das portas da Alegria.

E agora este outro, onde o autor parece
querer desculpar-se do que escreveu anteriormente, confessando... que estava be-
bedo:

Lero, o dia a fumar, a beber coisas,
Drogas americanas que entontecem,
E eu já tão bebado sem nada! Dessem
Melhor cerebro aos meus nervos como rosas.

E agora para terminar, pois não queremos
de modo algum prejudicar a venda do Or-
pheu, servindo aqui todos os pitus das mas
paginas, vamos transcrever parte da Ode
triumphal, do sr. Alvaro de Campos.

Garantimos que não vai alterada uma ú-
nica virgula. Eis-la:

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em
fúria!

Em fúria fôra e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissacrados fôra,
Por todas as papilas fôra de tudo com que
eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos mo-
dernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
Se arde-me a cabeça de vos querer cantar com
um excesso
De expressão de todas as minhas sensa-
ções,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó
máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma
Natureza tropical—
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e
força—
Canto, e canto o presente, e também o pas-
sado e o futuro,
Porque o presente é todo o passado e todo o
futuro
E ha Platão e Vergílio dentro das máqui-
nas e das luzes elétricas
Só porque houve outrora e foram humanos
Vergílio e Platão,
E pedaços do Alexandre Magno do século
talvez cincuenta,
Átomos que hão de ir ter febre para o cere-
bro do Esquilto do século cem.
Andam por estas correias de transmissão e
por estes êmbolos e por estes volantes,
Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo,
ferreando,
Fazendo me um excesso de caricias ao corpo
numa só carícia o alma.

Horas europeias, produtoras, entuladas
Entre maquinismos e afazeres áteis!
Grandes cidades paradas nos cais,
Nos cais—odis de inutilidades, ruidosas
Onde se cristalizam e precipitam
Os rumores e os gestos do Uhl
E as rodas, e as rodas-dentadas e as chu-
maceiras do Progressivo!
Nova Minerva sem-alma dos cais e das
gares!
Novos entusiasmos de estatura do Momento!
Quilhas de chapas de ferro sorrindo encosta-
das ás docas,
Os a sítio, erguidas nos planos inclinados
das portais!



Actividade internacional, transatlantica, Ca-
nadian-Pacific!
Luzes e febris perdas de tempo nos bares,
nos hotéis,
Nos Longchamps e nos Derbies e nas As-
cots,
E Piccadillies e Avenues de l'Opéra que en-
tram

Pela minh'alma dentro!

Mas ha mais e melhor ainda. Saboreiem:

Adabos, debulhadoras a vapor, progressos
da agricultura!
Químico agrícola, e o comércio quase uma
sciência!
O' mostruários dos caixeiros-viajantes,
Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes
da Indústria
Prolongamentos humanos das fábricas e dos
calmas esculptos!

Ó fazendas nãs montras! ó manequins
ó últimos figurinos,
Ó artigos inúteis que toda a gente quer
comprar!

Olá grandes armazens com varias secções!
Olá anúncios eléctricos que veem e estão e
desapparecem!

Olá tudo com que hoje se constrói, com que
hoje se é diferente de ontem!

Eh, cimento armado, beton de cimento, novos
processos,
Progressos dos armamentos gloriosamente
mordiferos!

Couraças, canhões, mitalhadoras, submari-
nos, aéroplanos!

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!
Eh-lá-hô elevadores dos grandes edificios!
Eh-lá-hô composições ministeriaes!

Parlamentos, politicas, relatores de orça-
mentos,
Orçamentos falsificados!

(Um orçamento é tão natural como uma
árvore
E um parlamento tão belo como uma bor-
boleta).

E para finalizar, por que isto é um manan-
cial inexgotavel:

Ela comboios, ela pontes, ela hotéis á hora
do jantar,
Ela aparelhos de todas as espécies, ferros,
bratos, mininos,
Instrumentos de precisão, aparelhos de tri-
lurar, de cavar,
Engenhos, brocas, máquinas rotativas!

Ela! ela! ela!
Ela electricidade, nervos doentes da Ma-
téria!

Ela telegrafia-sem-fios, simpatia miedica do
Inconsciente!

Ela túneis, ela canais, Panamá, Kiel, Suez!
Ela todo o passado dentro do presente!
Ela todo o futuro já dentro de nós! ela!

Ela! ela! ela!
Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cos-
mopolita.

Ela! ela! ela! ela-hô-ô-ô!
Nem sei que exista, para dentro. Giro, ro-
deio, engenho-me,
Engotam-me em todos os comboios.

Ícam-me em todos os rails.

Giro dentro das hélices de todos os navios.

Ela! ela-hô! ela!

Ela! sou o calor mecânico e a electricidade!

Ela! e os rails e as casas de máquinas e a

Europa!

Ela e huijah por mim-tudo e tudo, máqui-
nas a trabalhar, ela!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

Hup lá, hup lá hup-lá-hô, hup-lá!

Hé-há! Hé-hô! Ho-o-o-o-o!

Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente e toda a párel.

Um

O' Dr. Júlio de Mattos, acuda, acuda de-
pressa...

Crispina.

A craga

16 de fev 1915



O caso do «Orpheu»

Não amoreceu ainda nas gazetas o ardoroso furor de discutir o caso da revista «Orpheu» que os cronistas são unanimen em considerar como um documento patológico, acerca do qual foi já convidado a manifestar-se o sr. dr. Julio de Matos.

Não quero agora apreciar a orientação (?) dos colaboradores do «Orpheu», entre os quais ha, sem duvida, rapazes de talento, temperamentos originaes e brilhantes que não podem ser tratados do modo chocarreiro por que se trata o poeta Sevilha ou o poeta Camarão. O seu bizarro futurismo, que tanto alvorçou os criticos preguiçosos das caquinas, é, quero cre-lo, uma blague de criaturas de espirito que um dia se lembraram, em hora de bom-humor, de epater o meio com uma dúzia de excentricidades espectaculosas — o que, seja dito de passagem, conseguiram plenamente, pelo que aqui lhes consigno os meus cordiaes parabens.

O que eu quero, porem, registar e accentuar é a unanime indignação com que os nossos criticos appareceram nas folhas a denunciar o crime horrendo dos blagueurs do «Orpheu», em rotundos artigos de columna, entrevistas, inqueritos — o diabo, por modo tal, com tam grande insistencia e tam ruidoso alarde que o caso dos futuristas foi por estrado lapso de tempo, e é ainda, o assunto do dia nesta boa terra de pacovices que se costumam interessar-se pelas façanhas do Pintor e pelas rasteiras dos politicos.

Jámais nas nossas gazetas se observou a mais fugidia manifestação de qualquer coisa a que se pudesse chamar critica literaria. Os nossos jornalistas profissionais, com excepção feita a muito poucos, não se interessam pelo que se passa no nosso estricto meio intelectual e nas gazetas mal sobeja o espaço para umas quantas palavras apressadas e mal cerzidas sobre o ultimo livro saído a publico.

Crónicas sobre assuntos de literatura, entrevistas com os nos-

soes homens de letras, inqueritos literarios, novas sobre o que lá por fora se vai passando nos meios intellectuaes, rarissimos são os periodicos que lhes dão cabida. E as razões conhecem-se: os jornalistas, salvas, é claro, as honrosas excepções que documentam a regra, não lêem, porque não tem tempo ou não lhes dá la gana; e, por sua banda, os jornais, carecidos de espaço para as aventuras quotidianas dos politiquinhos em rixa e para as facadas do noticiário policial, são muito avaramente sacrificam uma dezena de linhas, de quando em quando, para uma ou outra referência a livro — que seja de amigo ou vá recomendado.

Mas eis que surge o «Orpheu» e logo aos desocupados criticos do Café a coisa se afigura como tema facil para meia dúzia de piadas em curso na Brasileira, acrescentadas com outra meia dúzia de transcrições, que os diligentes das folhas não deixariam de acolher com agrado, farejando escândalo e concomitante acrescimo de venda.

e si está a imprensa discutindo, comentando, agitando o caso dos colaboradores do «Orpheu» — ella que nunca quiz saber de litteratos que não fôsse — para os mandar fazer noticias de reportagem!

Fôsse o «Orpheu» uma tentativa formal e decisiva, qualquer coisa que tivesse de ficar marcando na nossa história litteraria como um facto relevante, e os jornais diriam dele — que o crecebamos, agradecemos e oportunamente falaremos.

Mas o caso cheirou a escândalo, prometia polémica, barulho, discussão, mais uma exemplares vendidos, prestava-se á troça pesada dos ironistas do Café — e aí estão os homens de boa vontade enchendo columnas com o tremendo atentado litterario, como se elles jámais tivessem dado mostras de querer saber de coisas litterarias!

... Com a agravante ainda, que eu aqui registei á guisa de ponto final, de muitos dos criticos do «Orpheu» escreverem a sério muito pior do que os colaboradores do mesmo «Orpheu» a brincar.

SIMÕES DE CASTRO.

"A Tarde"

Porto, 15 de Maio de 1915



A humanidade avança... mais 200 anos e o mundo será um grande manicómio...

NO ANO 87 DO "ORFEU"

"Um serão Paulista"

Na pequena sala dos Monteiros havia naquela noite um movimento enorme. Os convidados, intelectuais, espiritos elevados de ambos os sexos, discutiam animadamente questões de arte. Era a segunda reunião literária dada pelos Monteiros, e para ela haviam sido convidados os mais celebrados poetas, prosadores, pintores, escultores e todos os artistas enfim que o movimento e impetuoso agitador do século XX tinha produzido, e que derramavam no século nascente, em luminosíssimas obras de arte, o seu extraordinário talento.

A nova escola, o «Paulismo», tendo por órgão o «Orfeu», essa revista que viera agitar profundamente a literatura até ao calma e tranquila, fora a poderosa alavanca impulsadora de tão espantoso movimento. E se não entro agora na descrição merecidamente circunstanciada dessa escola é porque todos por certo a conhecem, e se dentre os que me lerem alguém houver que, irreverente, não conheça nada dela, lamentando-o, apenas lhe aconselharei a leitura de algumas das maiores obras que tão abundantemente produziram esses grandes genios, esses fulgurantes espiritos, como foram Fernando Pessoa, Mario de Sá Carneiro e tantos outros. Mas, voltando á casa dos Monteiros, façamos o possível por descrever essa brilhante e artística velada.

..

Enquanto no piano a gentil Cristina Pereira fazia ouvir a deliciosa sonata dos «Efluvios Roxos», a assistência dispersava-se nas mais variadas e artisticas divagações; uns conversavam, outros discutiam, outros ouviam, outros não ouviam, outros subiam pela escada de caracol das suas almas, nimbando-se de pensamentos, outros ainda se afastavam em ternos idílios, e enfim todos mais ou menos perturbavam o silêncio que

demandava a esplendida partitura que estava sendo executada.

Finalmente, esta terminou; toda a assembléa ascendeu em aplausos, em jarras de «bis», numa ancia cor de bravos, num cheiro acre de palmas.

A executante ergueu-se em embarço, agradeceu, e desceu novamente em rubor sobre o banco do piano.

Todos então se dirigiram ao grande poeta Jorge de Castro, também presente, para que ele, em pequenos gritos de ancia, puzesse na voz correes de transmissão e diluísse em som alguma das suas últimas produções.

Este depois de muito instado ergueu-se em smoking, dirigiu-se para um dos angulos da sala, e afastando de si o monoculo, começou, aureolado de silencio:

Reentrancias de Opio

(Poesia Original)

*Grita a cor em ansias de ouro
Além, além, grita o som.
Grifam-se as almas em toiro
Que pesadelo tão bom...*

*O meu Eu, e o meu Ser-me
Ergueu-se em Ter-se, noutro Eu...*

As almas vomitam luz...

*Opio aos montes, opio aos montes
Em flúido um minuto d' hora...
Desperfumam-se os pinheiros...
Os portões não são portões
São anseios de portões.*

*Fantasia de horizonte
Ancia verde de não ser
Preliações de foi-se... embora...*

A isto seguiu-se o impossível de descrever; houve como que um redopio ascendente de palmas, flores, gritos, bravos, que o poeta envolviu, num delírio de triunfo, transparente

de som, transbordante de m... ..

Tudo ruía sobre ele em abraços triangulares, em labaredas de excesso, num ruído de perfume...

Somente uma senhora, já óca de vida, cabelos em nave, lunetas em riste, com ar de teimosa religiosidade, perguntava a uma outra de igual formato que lhe estava próxima, o que

era e porque chamavam aquilo «escala Paulista», como ouvia dizer?

A outra também não sabia, mas de conjectura: em confetura, chegaram à conclusão de que aquilo vinha de S. Paulo, e daí por diante ambas estavam em orações.

A seguir muitos outros poetas, com as suas produções aureolaram d'ansias, outras tantas senhoras; dançou-se ainda uma «gavote paulica», que não era bem uma gavote, mas sim a antia dum «pas-de-quatre» muito interessante em que a dama dançava em espirito mas continuando sentada, e em que o cavalheiro levantando um dos pés e uma das mãos, dançava ao som do perfume das rosas que adornavam as consóles, com acompanhamento de piano e uma iluminação teatrica de lâmpadas róxas.

Terminou a dança, as crianças em effluvis de sonho, estagnavam já pelas cadeiras.

Então um criado grave e hierático, todo vestido de verde com laivos dourados, chegou á sala e disse, dando três voltas sobre si mesmo:

«Senhoras e senhores, chavenas prelibam na ansia de ser azas, trepa-deiras despropositadas de chá, estão lambendo de agua os assucares».

Todos ascenderam em li-se; os cavalheiros saíram primeiro, as damas depois, o criado deu outras três voltas e saiu também.

Somente a um canto dois namorados esquecidos de proposito, e perdidos no alem, na ansia de não serem parvos, perdendo tão bela occasião de conversar, faziam voar as suas almas em fantasias alouradas de futuras audaces.

Ela dizia: A tua alma que foi, está junto de mim imponderalisando-se de posse...

O meu não esquecer-me, óco de Ser, estiliza-se no vacuo dos teus olhos... Reuno-me todo na dispersão que roça pela minha alma em prata dourada só para que o meu Eu possa ser teu...

(E na sala o assucar não se dilot nas chivénas...)

Ela respondeu-lhe: «Mas para que está prelibando, senhor? Nimbe-se de comedimento que pôde aparecer a mim...»

Cheivamente não apareceu a mim... em effluvis de decompostura, mas ao salão chegou o perfume cinzento dos gritos das creanças, e hip... hip... hi! ansias se ouviam signal de que os brinde e o bouquet expulsando de si tempo, tinham posto azas nos dentes... que na sala os pudings eram apenas comê-los...

Ergueram-se em descontentamento os dois prelibantes; os convidados singravam já nos tapetes do salão, outros entravam, ebríos de chá, rubros de pão de ló, ansiantes de torradas... Ondas de recido envolviam em fumo as almas anciadas, porque a teoria arripadora dos fosforos de cera se arremessara estridentemente sobre os charutos, zombando dos acendedores automaticos e dos fosforos de 10 réis.

E a um canto, a pequenina Judit, toda contorcionada, dizia para a mãe com as mãos enclavinhadas em conter-se:

—Ai mamãzinha estou sentindo umas ansias ruivas com laivos amarelos que me estão aglutinando todo o estomago aladamente em brumas de nostalgia...

Foi do chá filha, foi o chá verde que te causou esses effluvis alaranja-dos... Transmigraram as horas, ruamente os pares, em elices de braços, dançaram em grandes turbilhões de corpos emaranhados...

E as crianças pressentindo um grande intervalo, corriam por baixo dos paficos meandros das pernas das cadeiras...

Então novamente ascendeu á porta o criado, referindo:

«Destrocos de reminiscencias de assucar procuram nostalgicamente a melodia duns labios que os diluam no fluído abarelado do chocolate... uplá... uplá... ho... o... o... o... o...»

Tudo emigrou em romaria, os sofás desertos eram monges cogitando, e os espelhos eram resvalamentos de não ser.

E na sala o silencio estagnou num vacuo delgado e louro com laivos cor de castanha e um sabor acre a trofeus de inverno.

15-2-2002 Augusto Cunha

17 abril 1915

"de Povo"



"Terra Nôssa"

Extremos 18 Abril 1915

COISAS.

LÊVE...E

PE/ADA/.



VARIAÇÕES...

sobre um velho tema

Também a Extremos, ao meu lindo e bisbilhoteira burgo, chegaram, merci do artigo no nosso anterior numero publicado, as notas extranhamente inéditas e, para muitos, incompreensivelmente artisticas da revista Orfeu, que um grupo de novos de valor deu a lume, ha dias.

Sobre esta revista e sobre o referi to ar

é mesmo n.º transcere as
páginas 15 de ed. de São Paulo
e "Cantos" de Carlos Rodrigues.

tigo, destrambelhada critica se fez no nosso meio, critica que tentava atingir inconscientemente, para a esfrangalhar, a noção sublime da Arte.

Porque uns tantos de indiscutível calente, tantos do ramerrão do lirismo classico, uniforme nas suas sêdicas e estragadas formas, criou, artisticamente, um novo género em que as suas imaginações, sem penas de Forma, dão largas ás suas sensações artisticas e aos seus vãos de inspiração, batendo as azas, livres de obstáculos de Escolas ou Preceitos, — levanta-se um escarcêu e formulam-se opiniões que enouvi.

Não é de extranhar; que se pode exigir, o que é de esperar de quem tem o gosto artistico completamente sem cultivo e as faculdades artisticas a cada passo ofendidas impudentemente, em todos os campos, por mesquinhas e baixas produções?

Ha nesta minha terra, como em toda a parte, muita gente, alías dotada de intelligencia, que prefere na sua sala uma oleographia barata, tósca mas facilmente comprehensivel nos mais pequenos detalhes do assunto, a uma genial obra de arte de algum pintor que, numa concepção inacessivel ao vulgo, nos dá a Arte pura.

Maior numero de pessoas ha ainda que foge a sete pés duma qualquer confusa mas transcendente e sublime audição wagneriana, para ir deliciar-se com a Maria Cachucha ou o Fado do Ciume.

E ainda outra amostra cuja idea eu sintetizo numa pergunta: o que tem mais leitores, o Almanaque de Gargalhadas ou os Son-los de Antero?

Esta, de prosaicos, completamente desprovidos de educação e sentimento artisticos, se meterem a criticar o Orfeu, lembra-me aquelle sacristão que em latim só sabia dizer Amen e nas horas vagas, em conversação, versava Homero.

Pois a respeito do Orfeu dizia-me ha dias o meu compadre Cosme:

— Não é o mel para a boca do asno.

Alguns rapazes, com muita mocidade e muito bom humor, publicaram, há dias, uma revista literária em Lisboa. Essa revista tinha apenas de notável a extravagância e a incoerência de algumas, senão de todas as suas composições. Como a recebeu a imprensa diária? Com o silêncio que merecia? Com as duas linhas indulgentes e discretas que é de uso consagrar às singularidades literárias de todos os moços? Não. A imprensa recebeu essa revista com artigos de duas colunas, — na primeira pagina. A imprensa fez a essa revista um tão extraordinário réclame, que a primeira edição esgotou-se e já se está a imprimir a segunda. Ora semelhante atitude está longe de ser inofensiva ou indiferente. Em primeiro lugar, consagra uma injustiça fundamental; em segundo lugar, favorece e prepara uma seleção invertida. Eu bem sei que o réclame a certas obras é às vezes feito á custa da veemente suspeita de alienação mental que pesa sobre os seus autores. Mas n'este caso, como em outros muitos, é justo confessar que os loucos não são precisamente os poetas, mais ou menos extravagantes, que querem ser lidos, discutidos e comprados; quem não tem juízo, é quem os lê, quem os discute e quem os compra.



6 Intersusante

19 abril 1915

"A Ilustração
Portuguesa"

19 abril 1915

(da "Crônica" de Julio Santos)

PAULICOS

Lemos num jornal:

«Quantas vezes, tomando por preludio temporão de sorrir todo o estival uma restea que pouca e breve passa, me ponho a ver se o tempo alegre chega, ou se ao menos longe descortino o seu cortejo de nupcia e manhá a marchar em face a mim por cadências de raios musicais. O cortejo de fúndos e uma luctuosa, e mesmo que seja, fio de agua murmurante nas fontes ou roupagem de terra noivando em floração, vem como um aneloso suspirar de alma cativa graduado por todas as nuances da voluptuosidade que o ser inteiro nos trespassa e dia a dia mais e mais nos purifica.»

Este é do Orfeu, com certeza.

Alegres e inofensivos rapazes que tanto nos fazem rir.



P. S.—Eu não me admiro de que o sr. Vianna da Motta faça d'essas corriqueiras; o que me admira é o publico, os intellectuaes, que as acceitam. Pobre paiz! Raça de mediocres, afinal.

Se o sr. Vianna da Motta fizer uma só observação a esta minha critica, comprometto-me a apresentar, no prazo de 16 dias, uma partitura sobre o mesmo assumpto, para provar que sei o que quero. Gloria, Cambes!

Ainda duas palavras: Neste concerto executou-se ainda outra composição do sr. Vianna da Motta. O programma annunciava-a como *Scenas nas montanhas*, mas afinal são scenas labreguinhas.

Madame Vianna da Motta cantou o «Hymno a Venus», de d'Albert. com intelligencia e emoção. E' na verdade um bello temperamento d'artista.

No piano, o sr. Vianna da Motta, como sempre, um tecnico extraordinario, que se deve respeitar. E' curioso como uma pessoa que toca tanta obra bella, que as conhece, seja incapaz de crear uma simples idéa musical! E' de pasmar! Porque se não faz o illustre virtuoso ao mar?

Ah! E' preciso ser bom remador para fazer musica maritima!

Assim, ninguem lhe perdôa. Ao mar... ao mar...

Uplá... uplá... o lambaz... molha o lambaz.

—Olha o barqueiro!...

Olha, olha, lá vai o braço do Mario, vestido de casaca, dançar no palacio do Vice-Rei...!

R. C.

"Jornal da noite"

20 abrie 1915

(da cronica musical de
Ruy Coelho, sobre a "Cantata
orquestrada" de Vianna da Motta)

O "Orfeu"

Pessoas de mau humor—e quasi não ha agora de outras, por causa da carestia dos generos—receberam o *Orfeu*, revista trimestral de literatura, como um inimigo pessoal. O menos que chamaram aos colaboradores foi *doídos*; mas a vontade de lhes trincarem os ligados é evidente.

Ora nós, que de principio tambem nos sentimos insultados, mudámos de parecer. Infelizmente o *Seculo Comico* é de exiguas dimensões para o que desejaríamos transcrever; nem alguns dos versos dos poetas do *Orfeu* cabem na largura d'estas paginas. Comtudo, ficariamos mal com a nossa consciencia se não nos penitenciassemos do movimento de repugnancia primitivo pela transcriçãõ de qualquer das maravilhas do *Orfeu*.

Ai vai uma lasca:

«Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!
Eh-lá-hô elevadores dos grandes edificios!
Eh-lá-hô recomposições ministeriaes!
Parlamentos, politicos, relatos de orçamentos,
Orçamentos falsificados!
(Um orçamento é tão natural como uma arvore
E um parlamento tão bello como uma borboleta.)

E' do sr. Alvaro de Campos esta joia.

"Le culs Boncos"

22 abrie 1915

Orpheu

Una revista literaria que con este título ha comenzado á publicarse en la capital de la vecina República, escrita por unos cuantos jóvenes que gozan de gran popularidad en el mundo de las Letras, está siendo objeto de muy curiosos comentarios entre periodistas y literatos.

Y no podía esperarse otra cosa. Si se tratase de gente de poco más ó menos, de unos cuantos ilusos que intentasen darse á conocer rompiendo moldes y haciendo mangas y capirotos de cuantos recursos utilizaron otros para immortalizarse, su labor buena ó mala, habría de pasar inadvertida entre las cuchufletas y ditrambos de unos cuantos críticos amantes del café de á *vin-tén*; pero como esa juventud que ahora arremete con valentía contra todo y contra todos, no ha salido del montón de los anónimos, sino que ha sabido justificar más de una vez su competencia y valimiento en la prensa y en el libro, forzosamente había de llamar la atención de unos y excitar la sátira mordaz y rastrera en otros, esa obra que, llámese como se quiera, significa una verdadera revolución en la literatura portuguesa.

Hemos leído algunos comentarios, poco respetuosos unos y desatinados otros.

A *Capital*, al emitir juicio, hace tan extravagantes manifestaciones y arremete con tanta furia contra los colaboradores de la nueva revista, que no podemos tomar en serio sus consideraciones harto apasionadas y fuera de razón.

Pretende hacer crítica literaria y lo único que consigue es exteriorizar el odio ó la envidia que siente hacia algu-

no de los jóvenes literatos, valiéndose para ello de copiar trozos de composiciones que luego no analiza ni comenta, sin duda por ser cosa muy superior á las fuerzas del anónimo comentarista de *A Capital*.

No hemos de decir ahora si la labor de esa juventud que honra á su patria, habrá ó no de prosperar; mas lo que sí nos atrevemos á afirmar, es que la nueva escuela ha de tener muchos partidarios en todas esas tierras en que se habla el idioma tierno y melodioso de Camoens.

Porque es lo cierto que los fundadores de *Orpheu*, verdaderos revolucionarios de la pluma, no son, como hemos dicho antes, cuatro mozalbetes almidonados, con muchas pretensiones y sin ningún prestigio, sino escritores de muy sólida reputación, hallándose entre ellos Alfredo Pedro Guisado cuyos trabajos hemos leído y admirado varias veces en las columnas de la prensa española.

Esta nueva escuela, lejos de apartarse del arte, rompiendo el áncora divina en que bebieron los genios de la poesía portuguesa, pretende hermanar lo bello y lo sublime dando vida á la idea, color al pensamiento.

Esos jóvenes enamorados de la nueva escuela, por ellos creada, constituyen una hermosa aristocracia intelectual, la aristocracia del nuevo estilo que sabe entrelazar las opacidades de melancólicos atardeceres con los bellísimos destellos de doradas auroras.

Y hemos de terminar este brevísimo trabajo, dando un fuerte y sincero ¡hurra! á esos rebeldes artistas que con tanta valentía y arrogancia vuelven los ojos hacia lo porvenir, despreciando con una sarcástica sonrisa bajezas, odios y desplantes de cuatro miserables sapos.

R. R.

(Jorge de Vique)



ARFFONSEU

(Imitação da "ode triumphal,, do "Orpheu,,)

Schiiss-traz-traz-traz ! Pim ! Pim ! Eh ! foguetorio.



Toca o hymno. Ratachim-tachim-chim-pum !



Sinto uma costella a dançar a *Maria da Fonte*
E um dedo do pé direito assobiar a *Portuguesa*.



Olhem ! Olhem ! E' o Affonso Costa. Que sinto ?
E' a minha barriga a dar vivas ao Bernardino.
Ah ! Oh ! Vivam os Armazens Grandella e o escriptorio da rua
dos Sapateiros.
Estão todos a olhar para o ar-r-r-r-r-r-r-r. 
Lá vae elle, lá vae elle ! E' o Antonio José no balão. 



Vae a deitar asmeiras como oistro! Oh! Oh! Oh!
 Então o Brito lavou a cara? Não! Não! Não!
 Focinho de gato, carapaus fritos! Eh-la-hô burriê cosido,
 Eh-la-hô quinta da Mitra! Eh-la-hô binubas!
 Eh-la-hô prescrições de S. Thomé! Eh-la-hô Leandro!
 Quantos contos?... Hup lá, hup lá, seu Estevão!



Eh-la-hô Panasqueira! Eh-la-hô Rodam!

Eia e hurrah pelo Conto do Vigário. Tudo boa gente!
 Até dá vontade de fugir, mas para dentro de nós,
 Abrindo um postigo na palma da mão para espreitar,
 Eia! Choças dos Primos Carbonários! Eia Formiga! Branca!
 Traz! Traz! Traz! São os cavallos marinhos!



Pim! Pim! Pim! São tiros dos defensores.
 Eia! Eia! Lá vêm... Pum! Foi uma bomba!



Não fez mal. Morreram só vinte pessoas!
 Então o João Chagas adiou a dança? Tô carcho! Tô carcho!
 Eu não sei para que nos havemos de ralar com tudo isto.
 Ai! Esperem... não posso escrever: fugiu-me o braço.
 O' braço! O' braço! Onde foste? Lá vem! ele.
 Tinha ido de chapéu alto cumprimentar o Cordeal.



Icem-me até ao aeroplano evolucionista, que quero rir.
 Bravo, seu Mathias! Isso, isso... Duches... Duches...
 U-ú-ú-ú... Pouca-terra! Pouca-terra! Pouca-terra!
 Já-já! Fia! Eh-lá-hô-ô-ô. E' o comboio



Onde vem o Afonso Costa. Vivô! Vivô! Vivô-ô-ô!
Campolide, por causa das mósas e só com o Germano...
Eh! Formiga! Vae haver função? Lá vae um! Lá vae um!
E' o Antonio José trepado nas trazeiras do carro do patrão
Afonso



Estou agoniado. Porque será que estas coisas ainda dão volta ao estômago?

Olhem um burão a zurrar. Afastem-se... lá sahiru agora o *Mundo*.
 Hup lá! Hup lá! Porque andarão elles 3 solta? *Mysterio*.
 E juízo? Deem cá um oculuo... Nada! Nem ao longe...
 Olha o sr. general a fingir que anda mas não anda...
 Sim, mimenos, vamos bem assim, vamos... Capilé fresco!
 Hé-hi! Hé-hô! S-s-s-s-s-s-s-s-s-s-s-s-s-s-s-s...
 Raio! Raio... raio... raio... os partam!



"G Talassa, 23 April 1915

*...que o sr. Julio Dantas enviou
os que criticam o «Orfeu», an-
sando-se de fazer ruidoso.*

Porque é que assim te revoltas
Oh, amigo Julio Dantas?
Que exclamações que tu soltas!
Te te indignas! Tu te espantas!

Porque ha criticos do «Orfeu»!
Porém o que é que isso tem,
Se, a censurar, quem escreveu,
O mesmo fazes tambem?

Porque é isto: — (se o orgulho
De ve-lo te impede, vence-o)
— Já só tu fazes barulho,
A pedir que haja silencio...

Post-criptum:

Com certeza não te cidentes
De tratar-te assim, por tu
Tu a causa comprehendes,
Mesmo sem saber quem sou.

Mas sabes o que isto é...
— Adivinhas a causa prima,
Eu trata-te assim, porque
Nisto ha vantagem de rima.

Ha muitas rimas em arte,
— Mais dum cento me occorria,
Mas de tantas, tantas tantas,
Nenhuma aqui me servia?

Queres que rima não seja?
E, então, das versos a estetica?
Amigo, adeus! Tu és poeta,
Sozra a liberdade... poetica!

Antunes Heller.

A Nação

25 abril 1915

Um incidente

Pede-nos o sr. Santa Rita Pintor, a publi-
cação da carta que segue:

Sr. Director da Nação:

A proposito do incidente que se levantou em
volta da nota, relativa ao sr. Fernando Pessoa,
publicada em um jornal da manhã do dia 22,
julgo conveniente declarar que, como ao mo-
narchico apaixonado, nenhuma hesitação tive
em me solidarizar com os amigos do sr. Fer-
nando Pessoa—entre os quaes figuravam, por
exemplo, os srs. Mario de Sá Carreira, D. Tho-
mas de Almeida e Luiz de Montalvor, tão mo-
narchicos como eu—na attitudde que tomaram
perante o director do mesmo jornal; isto apenas
em vista do meu interesse pela individualidade
litteraria do sr. Fernando Pessoa, o grande ar-
tista do «Orfeu», de quem sou amigo particu-
lar, sabendo por isso que, sempre que tem tra-
tado de questões politicas, o tem feito sob um
ponto de vista especialmente artistico.

A razão, porque me apressei a prestar estes
esclarecimentos á imprensa monarchica, é para
evitar que, por má fé, se conclua da minha
promptidão em me solidarizar com os amigos
do sr. Fernando Pessoa, que concordo com as
idéas expendidas na sua chronica, onde são
apparentemente elisadas pessoas da minha maior
consideração.

Empenho pela publicação d'esta carta, vos,
com todo o respeito,

Lisboa, 24 de Abril de 1915.

De V., etc.,

Santa Rita Pintor,

6 Jornal
28 abril 1915



"A Republica"

4

Moço e não menino

Vem ali de Coimbra o *Povo de Santa Clara* e não lhe sofre a paciência deixar passar em claro a despejada afirmação do director do *Nacional*, esse órgão político do integralismo poético, quando veio obter perar que, em menino, quando apanhava as suas minhocas em Coimbra, é que se perdera pelos meandros republicanos. E numa linguagem deliciosamente plebeia, o *Povo de Santa Clara*, como que a afirmar bem a sua raiz popular, incrépito nestes termos:

Com que estã, menino, estudantinho!

Estão, ó seu Anibal, quando por cá escrevia na *Resistência* e quando lá no teatro Circo falar nos comícios republicanos, isso isto aí por alturas de 1901 a 1903, não era já o cavalheiro sua sefina do Langós?

Que grande descaído!

E' que o *Povo de Santa Clara* não deu pela passagem do tempo e ainda vê o director do órgão político do integralismo poético numa mesma intragem que os anos não modificaram. Se o semanário coimbrão tivesse lido o *Orfeu*, o órgão poético do integralismo político, lá encoçaria a explicação do... fenómeno que tanto parece intrigá-lo e irritá-lo:

Esta inconstância da mim proprio em vi-
braço
E' que "me ha de transpôr de zonas inter-
médias,
E seguir-sei entre cristas de inquietação,
A retinir, a endular... soltas as rédeas...

Em face desta explicação já vê o *Povo de Santa Clara* que não é caso para irritar-se,

Casa de orates

O *Nacional*, órgão político do integralismo poético, inaugurou ontem um novo pavilhão na sua primeira página. Ficou ele sendo denominado *Casa de Orates* e chama-se *Pepe* o seu inquilino. Deve ser mais um pseudónimo do inspirador do *Orfeu*, esse órgão poético do integralismo político, e onde entre outras joias estéticas, se encontram aqueles já famosos versos que há dias aqui oportunamente reproduzimos:

As messas do café endoideceram feitas ar...
Calu-me agora um braço... Olha, lá vai
Ele a valisar

Vestido de cântata, nos salões do Vice-Rei...

(Sube por mim acima como por uma esca-
da de corda
E a minha Anria é um trapeiro escanga-
lhado...)

Como se vê, O *Nacional* continua a afirmar-se profundamente integrado nas mais profundas correntes do... integralismo.

Clássicos... monarchicos

O *Povo de Santa Clara*, de Coimbra, anuncia que no seu próximo numero, para provar que já em 1901, o actual director do *Nacional*, órgão político do integralismo poético, tinha minhocas encavadas na cabeça, inserirá um trecho dum livro por este publicado nessa data. Intitula-se o trecho em questão—
O sonho dum verme.

E', sem duvida, um inolvidavel serviço que o semanário coimbrão presta á politica e á literatura nacional. Não deixaremos de o reproduzir nestas colunas, tanto mais que esse sonho do... verme lá vem assinalado na famosa *Ode triumphal do Orfeu*, o órgão poético do integralismo político:

(Ser tão alto que não pudesse entrar por
nenhuma porta!
Ah, elle é em mim uma peregrina re-
quart)

A identidade literária do... verme ficará, pois, assim confirmada por uma maneira inolvidavel mesmo para aqueles que, numa suprema esperança, ainda se agarram com saugros á... ancora da David!

5 maio

5 maio 1915

5 maio ?

ORPHEU

La pujanza lusitana

Todo el brío, toda la fuerza impulsiva de la juventud intelectual portuguesa, ha dejado su bridaje suelto en el galopar de sus nobles ansias, de sus altos anhelos, haciéndose paso por un campo florido sembrado con sus propias ensombradoras aspiraciones y que se llama *Orpheu*.

Esta revista que algunos han motejado de futurista, no es sino lo contrario de lo que a ese dictado se le quiere hacer significar. Claro está que para jóvenes que sueñan y tienen empuñadas sus almas por celajes de deslumbrador ideal, todo propósito de arte es un marcado *futurismo*. No ya atendiendo al valor de la frase en modernización sino a su estricta equivalencia gramatical.

Se nos antoja que por envolver la idea de esos muchachos—entre ellos algunos ya de significado prestigio literario—en la atmósfera de opio que emana de esa escuela que han dado en llamar *futurista* y para su bafa y rebajamiento, calificaron la revista *Orpheu* con ese mote.

La obra de *Orpheu* es ya una realización.

La revista llegó a mis manos y en el primer momento, al observar el detalle modernista de la portada, me creí también ante un fraude escandaloso del buen gusto y la pureza armónica nacida de toda concepción hecha con el aliento de unos pechos jóvenes. Pero, abierto el libro, vi en él que todo era Mayo y el perfume de una floración impoluta y trascendente salía de aquellas bien pergeñadas páginas.

Toda la juventud lusitana está en *Orpheu*, pero toda esa juventud que en algunos pueblos no hay y su ausencia deja notar el más triste yermo de ideal; y por lo tanto de alma, de vida.

Luis de Montalvar, director de *Orpheu*, traza concisamente en el prólogo de la obra de esta revista, su programa. Que es enaltecerlo todo: hermanar las cumbres; concebir el abrazo de Portugal, América y España; pero de ellas en-

selzar sólo las plantas pujantes de firme y recia raíz. Sobre esto que es el punto trascendente del de *Orpheu* y en el cual el cronista por ver reflejado un rayo lunar de sus ensombraciones, presta predilección y entusiasmo.

De los trabajos que ponen en la simpática revista halitos de conciencia literaria, podríamos hablar largamente.

Entre ellos hay un poeta colocado frente a un horizonte luminoso y radiante: Alfredo Pedro Guisado.

Jesús Cano.

“6 *Peculiar Comics*

DE FORA

Futurismo

Ha otro dentro em mim a pontapé,
Em barra, em pó, em jotas medievais,
Capacetes de gelo,—catedrais,
Loça da China, sacos de café,

Sou topasio, sou bote de rapé,
Anfura de otro fino entre cristais;
No meu pelo estreado ha mil ideais
Incompreensíveis para um jacaré.

Em campos de latão minha alma ajoelha;
Canta em mim um hangran de longa crista,
Delicando no milho), segureiha!

... Gosta o leitor do que lhe ponho á vista?
Se não gosta, desculpe a minha teiba
—são versos á maneira futurista.

BRAMÃO DE ALMEIDA.



3 junho 1915

Pueri Ludunt!

Não esqueceram aqueles que há uns trinta e cinco anos aprenderam latim pela velha gramática do Alves de Sousa o exemplo famoso: — *Pueri ludunt. Os meninos brincam.* Os meninos brincam no latim do senado gramático, mas ainda brincam hoje, fóra da gramática e da aritmética, pelo menos em Coimbra.

Isto, pelo menos, se dermos crédito ao que se lê num artigo do monárquico *Jornal da Noite* para o qual nos chamaram a atenção e em que, ao que parece, pelo menos, um qualquer aprendiz de Minerva, decerto tocado pelo picaresco *filozera do integralismo*, pretende... *integrar* quasi toda a educação coimbrã no refugado monarquista.

Como na *Republica* se tivesse dito que o novo regime tem entre a mocidade uma grande corrente de simpatias afirmada em diversas circunstâncias,—isto dito a propósito de se ter festejado a inauguração de um centro monárquico académico em Coimbra com uns 500 socios,—e se tivesse ainda notado que tal numero pouco era para uma Universidade que tem para mais de 2.000 alunos, saltá quem quer para o *Jornal da Noite*, e, começando por atribuir—isto é que era o principal—ao sr. António José de Almeida tudo o que na *Republica* se diz,—puxa a fazer calculos, que pretendendo confundir, apenas corroboram a nossa asserção.

A Universidade, segundo o *néo-integralismo do Jornal da Noite*, não tem mais de 1.600 estudantes, *se os tiver*—acrescenta,—o que prova que ele, para os seus calculos, se baseia apenas num computo favorável á sua hipótese. Desses,—note o leitor que estes números todos a que nos referimos e nos vamos ainda referir são do *Jornal da Noite*—estão inscritos no Centro monárquico para cima de 500 estudantes, numero, como se vê, impreciso propositalmente, e que, portanto tanto pôde passar de 500 como ficar á quem de 500. (Todos nós sabemos como essas contas se fazem, conforme os olhos do entusiasmo ou... do despeito). Ora quer isso dizer,—pregunta o calculista... á vara larga do *Jornal da Noite*—que os restantes são republicanos? E para o saber entra em apreciações que não lhe confirmam a pergunta.

Ha, sempre segundo ele, uns 200 estudantes no Centro Catolico, mas juntos só os 500 pouco mais ou

menos do joyen Centro monárquico—claro está que ele nem sequer por sombras alude aos que *acumulam* a filiação nos dois Centros—que somam uns 700 conservadores que não são republicanos. Ficam, pois, uns 900 estudantes, que ele chama *indiferentes*, nessa totalidade *aproximada* de 1.600. Serão todos monárquicos? Serão todos republicanos? Bem se vê que o nosso calculista *néo-integral*, já começou a apenhar daquelas *minhocas* de que o outro—o do *Nacional*, esse órgão poético do integralismo poético—tanto atefou a cavidade craneana no tempo em que viveu pela Lusitana Atenas. Porque, se assim não fosse, ele não faria a pergunta, atendendo a que, se os tais 900 são *indiferentes*, não são monárquicos, nem republicanos. Como é, pois, que se pôde concluir que a academia de Coimbra seja monarquica? Realmente não valia a pena gastar tanta proza, fazer *calculos* tão fantasistas, e encher tanto espaço no *Jornal da Noite* para se chegar a uma conclusão que é precisamente a negação do postulado inicial, e que justificaria, portanto, ao nosso matemático... *integral* uma não menos *integral* *repouso* em aritmética.

E merecê-lo-hia, seguramente, se o singular fenomeno destes calculos do *Jornal da Noite* não fosse já previsto e não estivesse apontado já no *Orfeu*, esse órgão poético do integralismo politico, que é para o *néo-integralismo* lusitano o que os *Lusiadas* foram para todos os portugueses do século XVI para cá, isto é, até á aparição da revista integralista do sr. Alberto Monaraz (Papança) nos prãos coimbrões. Porque lá se diz no *Orfeu*:

Em que fui sempre um mau estudante...
Daí aqueles calculos tão errados do *Jornal da Noite*.

"Republica"
7 Maio 1915

O OUTRO EU...



Ele nunca foi ele: o verdadeiro
é sempre o outro... Provas? São as dez!
—Fez-se Aníbal—a o Aníbal, gazeteiro,
é acaso... general cartaginês?!

Mas as transformações que depois fez,
e quantos «eus» nos deu, Deus justiciero!
Pois não o vemos no «Ambrósio das Mercês»,
e encarnar no «Orfeu», em São Carneiro?

Hoje usa manto e sceptro: é rei, ordena,
enquanto o outro, o verdadeiro, o autentico,
se apaga ao largo, quasi no fim da scena...

Ora é este, ora aquêle, ora aqui! outro...
—O! minhocra mesquinha, bicho excentrico:
que serás tu, quando não és... o outro?!

Stello.

"República"



7 de maio 1915

Gostos para tudo

O *Nacional*, dirigido pelo nosso *Doutor Minhoca*, descobriu ontem que nós havíamos gostado que ele chamasse *louco moral* ao sr. Antonio José de Almeida, mas não diz, se dr. *Minhoca*, gostou ou não que nós lhe tivéssemos assegurado que os nossos conhecimentos de psiquiatria eram bastantes para afirmar que ele não poderá encontrar nessa especialidade das sciencias médicas desculpas ou atenuantes quando for chamado a prestar contas perante os tribunais. E' possível que gostasse, pois há gostos para tudo. O que, porém, podemos é dar seguro testemunho de alguns dos seus gostos extravagantes, como elle proprio confessou no *Orfeu*, essa revista poetica do integralismo politico, sob o pseudónimo Alvaro Campos:

*Sem sei que existo para dentro, Giro, ra-
deio, engenho-me.
Engalam-me em todos os combates,
Icam-me em todos os cais.
Giro dentro das hélices de todos os navios.*

E se não acrescenta que o põem a todas as carroças é... por modéstia.

O "doutor Minhoca,"

Pobre dr. Anibal Soares! Pobre *doutor Minhoca*! Cada vez que o lêmos, maior comiserção nos causa ao verificar o estrago que lhe tem feito na tina dos miolos as *minhocas* que, segundo elle, trouxe de Coimbra.

Se o lêmos em prosa é tolíce que ta parto! Se o lêmos em verso é asneira de esbravear o próprio Pégaso.

Ora leiam, por exemplo, o *Nacional* de ontem, onde elle confessa que de um *suelto* nosso fez um rosario de dislates.

Pegou no *suelto* e, diz elle, *fabricámos com elle um rosario de dislates*, que depois nos pretende attribuir como sendo nossos, quando o que é certo, e elle próprio o confessa, é que o *suelto* é que é nosso e que os dislates são dele. Mas as *minhocas*!...

As *minhocas* são tantas no pobre diabo que elle até confunde como sendo por nós attribuída ao *Nacional* de hoje, que então não existia, o que dissemos a propósito do *Diario Illustrado* relativamente ao seu concerto com o *bloco* e com os insultadores da honra domestica da Familia Real.

Ora leiam este *gosto* de prosa, que é bem sintomático do estado em que os tais vermes que lhe valeram a alcunha, lhe deixaram o logar onde estavam os miolos, se alguma vez disso lá houve:

Oh! homem! Mas o *bloco* nunca occupou o poder!

Se nós defendíamos as Pessoas Reaes contra o *bloco*... não era contra quem occupava o poder: se era contra quem occupava o poder, não era contra o *bloco*.

E se as defendemos contra o *bloco*, conforme diz... como é então que acantheadavamos com o *bloco* nessas mesmas campanhas?

Não há dúvida: são as *minhocas* que tanto perturbavam também os facelinhos de aquelle pobre *Sete Cabeças do Solar dos Barrigas*. Como se nós houvessemos alguma vez dito que o *bloco* occupava o poder, e como se também confundissemos, como elle confunde, o *Nacional* de hoje com o *Diario Illustrado* de ontem.

Não há dúvida. O jornalista *Minhoca* é o mesmo poeta do *Orfeu*, esse famoso orgão poetico do *integralismo lusitano*, aquelle mesmo que, com o pseudónimo Mario de Sá Carneiro, assim escreve:

*Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilor da ponte do fêlto
Que vai de mim para o Outro.*

Tudo *minhocas*, na prosa e no verso, no jornal e na revista. Elle não é o *Nacional* nem o *Illustrado*, mas o *intermédio* entre um e outro, a tal ponto que elle proprio nem já sabe de que freguezia é, quando lhe apontam para a cuba onde deviam ter catado os miolos, se alguma vez lá estiveram...

"Re publica"

26 abril 1915

23 abril 1915

23 abril 1915 (conf.)

Divergências monárquicas

Podem ficar tranquilos os que recebiam ver o monarquismo *Jornal da Noite*, em que o nosso preclaro Rocha Martins campeia como um autêntico D'Artagnan do Trôno e do Altar, afundar-se nas syrtis perigosas e canôras do integralismo. Não! O *Jornal da Noite*, neste particular, fará como a *Liberdade*, do Porto, dirigida pelo sr. Pinheiro Torres, e não imitará o *Nacional*, o *Orfeu*, o *Dia* e a *Nação*, na sua orientação monárquico-integralista.

Temos, portanto, assim já nitidamente expressas por dois dos mais importantes órgãos jornalísticos da Restauração—a *Liberdade* e o *Jornal da Noite*, o seu pleno e absoluto desacôrdo com a tontura integralista que, por completo, avassalou o cérebro dos dirigentes do chamado partido monárquico.

É certo que o nosso D'Artagnan, no seu cavalheiresco impulso de tentar salvar a régia coroa que se vai subvertendo num verdadeiro Alcegar Kibir de protótipo—graças á estratégia e á tática dos dirigentes monárquicos—insinua que a predominante influencia do *Orfeu*, esse órgão poético do integralismo político, em a nova fase que caracteriza a política realenga, é apenas uma ingenuidade brincadeira nossa.

Não estaria má brincadeira, se na realidade o fosse; quando não só os documentos políticos e estéticos de que ainda hoje noutra parte do nosso jornal damos um valiosíssimo exemplar, al estão quasi que diariamente a comprovar tão manifesta influencia, como ainda os próprios factos e até declarações publicas dos próprios poetas e prosadores do *Orfeu* affirmam a intima co-existência e estreita stromatização do moderno ideal estético monárquico com a sua realização política integral. Onde é que, por exemplo, viu o *Jornal da Noite* que o *Nacional*, órgão político do integralismo poético, repudiasse ou contestasse sequer, no fundo ou na forma, a orientação estética do *Orfeu*, o órgão poético do integralismo político?

Estes são os factos, de nada valendo que o *Jornal da Noite*, arrastado no seu cavalheiresco impulso, procure integrar o sr. Afonso Costa no *Orfeu*, fingindo-se, qual ele diz, doido para melhor dar nas vis-

tas, como os canôres vates do integralismo monárquico. Ao *Jornal da Noite* escapou-lhe, sem querer, assim, a boca para a verdade, reconhecendo que os poetas do *Orfeu* são tão doidos como o sr. Afonso Costa, isto é, que não são doidos...

Tal é também o nosso parecer, muito concreto, muito categorico e muito franco e, tanto mais valioso, que não é de amigo nem do sr. Afonso Costa, nem do *Orfeu*, nem de qualquer das manifestações demagógicas da dextra ou da sinistra.

Demais, saiba-o o *Jornal da Noite* e o coruscante D'Artagnan que o dirige e redige, a sua sortida já lá vinha, como tudo o mais a que por vezes temos aludido, prevista profeticamente no próprio *Orfeu*, naquella verso da *Ode triunfal* que diz:

Artigos politicos inuiteramente sinceros...

República
10 Maio 1915

"O Reculo Corisco"
1 julho 1915



Ator Estevam Amarante

Tem-me lido rir muito este Amarante
Por isso lhe consagro o meu afeto
Apesar de sujeito circumscrito
Que me prezo de ser desde estudante.

Cá para mim um bom comediante
É tido por amigo predileto;
E então este, mollesmo corréto,
Tão natural e tão insinuante!

Quando estou triste ou souro uma desgraça
Vou no teatro vê-lo e tanto rio
Que durante tres dias acho graça

A tudo com que ás vezes arrelho,
A guisa de ás vezes d'um talasso,
A's poéticas do *Orfeu*, ao senhorio...

BELMIR.



O "Doutor Minhoca"

A direcção do *Nacional*, pelo visto, e sobretudo depois da inauguração do Centro Manuelista, não conseguiu limpar de minhocas a cabeça daquele pobre estrola-vêrgas que, pela sua própria confissão, se apaixonou em Coimbra e de lá as trouxe para a vida pública.

Pobre doutor Aníbal Soares, pobre doutor Minhoca! Não há já esguicho que lhe valha, nem sabão macaco bastante para lhe lavar a mioleira.

As minhocas encontraram nêle terreno propício a medrança e já não há limpeza possível. Ainda ontem no seu jornal se encontrava este sugestivo período que parece mesmo arrancado ao famoso *Orfeu*, o órgão poético do integralismo lusitano:

Vindo do Porto, jas na redacção, logica immanente, padim, raté amolecida, as verdades officiaes, o fado estérdo, a monarquia progressiva, funcções governativas, a cidadagem rumorosa...

Trecho que não fica a dever nada á celebre *Ode triumphal* que encerra o primeiro fascículo dessa revista e cuja autoria, mal encoberta pelo pseudónimo, é seguramente do nosso *Doutor Minhoca*. Senão comparem com aquella fatia de prosa este naco de poesia—pois *elles* chamam-lhe versos—e digam se o estilo não é o mesmo no prosador e no poeta:

En-lá grandes desastres de combóios!

En-lá desembamentos de galerias de mi-

nas!

En-lá naufragios deliciosos dos grandes

transatlânticos!

En-lá hõ revoluções aqui, ali, acolá,

Alterações de constituições, guerras, tra-

tados, invasões

Raído, injustiças, violencias, e talvez pa-

ra breve o fim.

Pobre *Nacional* em que muros tu calste! Pobre D. Manuel, que organista ãe se lembrou de arranjar para o órgão!

"A Republica"

O integralismo... poético

Lêmos ontem na imprensa uma carta em que o seu signatário affirmava serem retiatamente monárquicos certos colaboradores do *Orfeu*, o famoso órgão poético do integralismo político, que tem por inspirador o snr. Aníbal Soares, director do *Nacional*, o não menos famoso órgão político do integralismo poético.

Para nós era absolutamente desnecessaria essa publica affirmacão enviada á imprensa monárquica, como têmos provado pelas transcrições comparativas de vários trechos do *Nacional* e do *Orfeu*, cuja fé monárquica—genero *Doutor Minhoca*—á sociedade se afirma pelo suggestivo dezenho que inspiradamente illustra a capa da revista e representa uma Virgem entre duas velas que são, naturalmente, d'Erbon, visto não entendermos bem a expressa indicação do fabricante.

De resto esse simbolo... dinástico prontamente se esclarece, por este trecho do *Doutor Minhoca* que, sob o pseudónimo aristocrático de Luiz de Montalvôr, assim explica o integralismo poético do *Orfeu*, gemo inconfundível do integralismo político do *Nacional*:

O que é propriamente revista em sua essencia da vida e quotidiano, deixa-o de ser *Orfeu*, para melhor se sagalamar do seu titulo, e propõe-se.

E propondo-se, viacida o direito de em primeiro lugar se desassemelhar de outros meios, maneiras de formas de realizar arte, tendo por notavel nesso volume de Beza (sic) não ser inoacterístico ou fragmentado, como literarias que são essas duas formas de fazer revista ou jornal. (*Alugão transparente e outra manifestação glittenbergiana do integralismo... lusitano*).

Para as raras suas intenções sobre seu destino de Beza é o do: Exilio...

Bem propriamente, *Orfeu*, é um exilio de temperamentos de arte que a quem tem como a um segredo ou tormento...

Mostra bem esse trecho que é o *Exilio* que demandam os temperamentos estéticos que nêle se aviaem, tal qual como é também para o *Exilio*, que vão todas as aspirações dos temperamentos politicos que se alastram num deslассamento de fibras lisas pelas colunas do *Nacional*.

Somos adversários intransigentes da realçez, mas não podemos deixar de reconhecer a identificação absoluta do integralismo poético e do integralismo político, sob a direcção suprema do *Doutor Minhoca*, nos campos da monarquia, justiça a todos!

21 Abril 1915

26 Abril 1915

O doutor Minhoca

O doutor Anibal Soares, aquele doutor *Minhoca* que dirige o *Nacional*, órgão político do integralismo poético e inspira o *Orfeu*, órgão poético do integralismo político, pretendia ontem fazer-nos acreditar que já não tem na cabeça aquelas minhocas que ele próprio declarou ter apanhado em Coimbra. Mas o efeito procurado, como não podia deixar de ser, resultou contraproducente, precisamente como sucede com aqueles fibrios que, estando-o, pretendem fazer crer que não o estão...

Ora veja-se.

Começa por nos avisar, — não tendo gostado que se lhe lembrasse o tempo em que ele escrevia na *Resistência* de Coimbra e fazia discursos republicanos nos saraus e comícios académicos — de que se fôssemos a meter o nariz em tudo o que ele fez em ... menino, levávamos que contar *Em menino*, o maróto!, como dizia naquele seu pitoresco estilo, o pai do seu amigo Cristo filho. E ele próprio o diz e confessa em prosa no *Nacional*, depois de nos ter entremostrado em verso no *Orfeu*, como ontem se viu, uma complicada *mentirice*, — vá lá o termo! — a «esvair-se em vícios de marfim» pelos recantos escusos da Universidade e pelas solitárias alamêdas do Mondego.

Um descaro absoluto não seria imperdoável, se as *minhocas* não explicassem tudo. E tudo aquilo são as *minhocas* que... ainda continuam a ser.

E que, com efeito, *minhocas* continuam a sere a medrar naquela mesma cavidade onde toda a outra gente tem os miolos, mais uma vez se mostrava quando ele ontem pretendia vincar a diferença entre ele e nós nesta única... bifurcação: ele tem tido a pécha de colaborar em jornais de oposição e nós conhecemos quem tem tido a mania de se voltar sempre para os que estão de cima, abandonando os que estão de baixo.

Isto como se nós alguma vez tivéssemos andado em Coimbra ou em qualquer outra parte a aprender como se faz em verso e... prosa o que reza do soneto do *Orfeu*? Mas nisto ainda aparece mais uma vez a obra das *minhocas* e da tal aprendizagem que já o fizeram esquecer de que ele, quando era *Ambrosio das Mercês* colaborou no *Diário Ilustrado*, quando este era o órgão

oficioso de João Franco e como Franco estava no poder... Seria isto de véras caso para nos fazer perder a paciência se, como ontem dissemos, a psiquiatria não nos elucidasse — e o tal soneto! — sobre a causa do tamanho buraco na memória do nosso *Minhoca*.

Então Deus Nosso Senhor nos valha e nunca nos faça esquecer que as mutações de tão patifa *mentirice* para a sua picaresca *madureza* de hoje plenamente se explicam naquele verso dum impagável valor psicológico e em que ele na *Ode triunfal* do *Orfeu*, o órgão poético do integralismo político, exclama delirantemente com as mãos na barriga a... dar horas:

Ela hasteia a hora do jantar

"A Republica"

28 de maio

1915

"O Jornal da Noite"

O Orfeu nos infernos

A *Republica* tem feito uma verdadeira reputação dos rapazes do *Orfeu*. Mas, deve dizer-se que é o caso do *Orfeu* nos infernos. Não sabemos se elles gostam d'esse reclamo, mas, na sua qualidade de exóticos, é crível que até o tenham no mais íntimo da sua alma.

Ainda, porém, a *Republica* misturando uma corrente monarchica, a qual não pertencemos, como os desavairados e patufos miços poetas opheonicos e agora pretende envolver n'isso o *Jornal da Noite*, no qual se dão cabimento a todos os ataques correctos, como tem sido os nossos, mesmo contra os mais detestados adversarios politicos, mas com grammatica e sizo.

Trata-se d'uma brimadeira inoffensiva, bem venosa, mas como respondemos sempre, seja a quem for e por que for, diremos ao articulista que deixe em paz o *Orfeu* e trate de se desviar do sr. Afonso Costa que é exactamente como elles: finge de doente para dar nas vistas. E isto o que diz a *Lucta* só a respeito dos rapazes, já se vê.

GNP

8 Maio 1915

Integralismo e paulismo

Perguntam-nos o que seja o *paulismo*, palavra que está agora dando a volta à roda dos botiquins e das... môleiras. O *paulismo*, indiscreto perguntador, é a etiqueta poética do *integralismo* político, como o *integralismo* é a etiqueta política do *integralismo* poético ou *estético*. O *Orfeu*, como tantas vezes temos dito, é a expressão revisita da do *integralismo*, como o *Nacional* é a expressão jornalística do *paulismo*. *Paulismo*, ou seja *pantano*, charco em que poetas e políticos de uma mesma orientação filosófica, como é moda agora dizer-se, inchando as bochechas, cantam como rãs e medram como sapos.

Os *paulistas* do gatto político da grey, numa gafeholística revenda devastadora, calram sobre os princípios e os homens da Revolução, recomendando-se de uma preteusa *selecção* evidentemente *de profusão* aos novos... apostolos. Os *integralistas* do gatto poético, esses, também se inspiram esteticamente na tal *selecção* que os deve distinguir do... próximo, o qual, consequentemente, por eles remontarem muito alto na lyra, tem de passar, pela força das coisas, a ser o... remoto.

Claro é que não podemos ser mais nitidos, por mais que nos esforcemos, em tamanha confusão, autêntica identificação já, entre *paulistas* políticos e *integralistas* poéticos, tão brilhantemente acusada pelos seus dois órgãos jornalísticos—o *Orfeu* e o *Nacional*. Senão leia-se o que o primeiro destes monumentos artísticos diz em seu programa referente aos princípios políticos que norteiam a sua expressão poética, e cuja pedra fundamental é precisamente a *selecção* que tanto, em seu próprio conceito, tem destacado os conferentes *integralistas* do *paulismo* *snob*.

Esta linha de que se quer acceper, em belezas, *Orfeu*, necessita de vida e publicação, e não é justo que se esterilize individual e isoladamente cada um que a apanhar nestas cousas de pensamento, libes det orgulho, temperamento e esplendor—mas *velo* confusão se usa em *selecção* e a *aten* aos outros que, da mesma espécie, como raras e *sublimes* que são, *esperam* *antigos* e *sonham* *alguma coisa* que *lhes falta*,—do que *resposta* *uma procura* *estética* *se permitam* que *nos procurem* e as que *nos esperam*...

Não pôde ser mais clara a alusão ao que falta aos do *Orfeu* e que o *Nacional* procura dar-lhes:—um trono e um altar.—Um trono que ele, o *Nacional*, já tem sobre um altar na sua redacção. A osmose tem-se feito naturalmente, indo já os do *Orfeu* inscrever-se no centro manuelista, e tendo ido os do centro manuelista inscrever-se como assinantes do *Orfeu*, cujo segundo numero se espera breve, ainda mais poética e monárquicamente inspirado do que o primeiro.

Eis porque no *Orfeu* se chora a monarquia ida e não tornada nestes trenos verdadeiramente jere miacos:

No meu mundo inferior cerraram-se armaduras,

Capacetes de ferro esmagaram Princesas,
Toda uma estirpe real de heróis dentro

Es mim se despojou dos seus brutes e
prans.

Não ha duvida:—é a expressão poética do programa político do *Nacional*.

Em perigo...

Ao que parece o monárquico *Jornal da Noite* corre perigo de se afundar também nas syrtis do *integralismo*. Quem havia de dizer que aquele desempoeirado espirito da nossa Rocha Martins, seu director, se havia de deixar alguma vez influenciar pelas sireniças cantigas do *Orfeu*, esse órgão poético do *integralismo* político? Pois é verdade, o *integralismo*, esse *filozera* *vastatriz* das jovens môleiras acadêmicas, também já escorre pela folha política e que nada tem de parreira do preclaro miniaturista da nossa D. Carlota Joaquina, a tal ponto que a muitos se há de afigurar que, se para se ser *integralista* se tem de ser monárquico, já hoje se não pôde ser monárquico neste país sem se ser *integralista*, para supremo gaudio do *Nacional* e desespero não menos supremo do *Dia*...

E' assim que no *Jornal da Noite* surdin agora um não-integralista coimbrão proclamando os méritos de uma inédita geração nova que ainda nada produziu que se visse a não ser o *Orfeu*, esse órgão poético do *integralismo* político,—e, vamos lá! que para *revelação* foi

9 Maio 1915

"A Republica"

8 Maio 1915

arch-sensacional — e alegando que ao apellidado *snobismo* de tal geração se deve já nada menos que... a *dignificação da Patria!* Não sabemos bem como os jovens tal conseguiram, mas se eles o dizem é porque é assim e... deve vir no *Orfeu*, essa nova Taboa da Lei, não recebida das mãos de um Deus imperioso dalgum Sinai entre trovões e coriscos, mas tirada a forcepa da miuhoquenta cerebração que sabeis...

Ela, pois, o que já sabemos de-ver-se, embora sob palavra de honra, ao *snobismo* da geração nova, a qual, pela grande pena do seu interprete, desdenhosamente afirma que «*o sr-se republicano era ontem, no tempo do sr. Antonio José de Almeida, chic e de bom tom como manifestação de intelectualidade, sendo demais uma recomendação para depois de ter uma boa posição, ao passo que hoje se de monarquico é uma optima recomendação para se... ser queimado em agua-ras.*»

Nada menos que isto, afirma o néo-integralista, porta-voz, ao que parece, dos seus correligionarios, e que, por esta manifestação... intelectual, deve pertencer ao grupo politico do Integralismo de que o *Orfeu* é o órgão poetico. Porque o moço, que não leu Maquiavelo nem sequer o *Novo Principe* de nosso Gama e o *Castro* — o *Evangelho da grei* — e que não juramos mesmo que tenha lido coisa nenhuma, nem mesmo os compendios da aula, alega com um saber que parece de experiencias feitas em meios tradicionais e familiares, que os rapazes da geração de 30, em plena monarchia, eram republicanos para melhor se encontrarem em boas situações. E daí talvez que tal crença, aliás inteiramente gratuita, seja a verdadeira razão porque tantos mocinhos imberbes e impuberes hoje, em plena Republica, se dizem e afirmam monarchicos, decerto com similhar, posto que erronea, esperança... Porque a tal *agua-ras* destinada a queimar os monarchicos se vai tornando numa verdadeira *agua-benta* revelada em tantos exames locais e universitarios á sombra das cruéis leis da Republica...

E' caso para se dizer, lendo o néo-integralista do *Jornal da Noite*:

Tão pequeno e tão morto...

Não é do *Orfeu* o verso, todos o sabem, mas é do grande e anônimo cancioneiro popular, que tambem

faz parte integrante dessa tradição que hoje os mocinhos imberbes reivindicaram como descoberta por eles, mas que se deve precisamente a essa magnifica geração academica a que pertenceu o director da *Republica*, descoberto essa que elas decalcaram, deturparam e estragaram a seu modo, applicando-a a interpretações que, ingenuamente maquiavelicas, deixam entrevêr propositos menos generoso, porque friamente calculistas.

E o mais lamentavel é que o *Jornal da Noite*, com o seu e nosso Rocha Martins, lá se vai deixando arrastar na corrente, por um modo tal que, a não sjar á ré depressa e a todo o vapor, em breve deixará a perder de vista o próprio *Nacional*.

Cautela, amigo, cautela e... banhos de chuva. Lá diz propositadamente o «*Orfeu*»:

Esta vida de bordo ha de matar-me.

São dias sé de febre na cabeça

E, por mais que procure até que adoça,

Já não encontro a melo pra adaptar-me.

E se perde... a *mela*, Rocha Martins, lá se lhe vai tudo o que até agora a sua roca fiou. Naufragar no integralismo, seria realmente um desastre irremediavel para o *Jornal da Noite*. A não ser que o integralismo, como nos bacoreja, seja realmente a condição *sine qua non* do lidimo monarchismo lusitano, e o recondito motivo que levou o *Dia* á desgraça e a roçar-se amoduradamente, como numa penitencia imposta, pelo côto sorvado e rechuchado da velha comadre... do *Cristianismo*.

" A Republica "

8 Maio (continuação)



As minhocas...

Afirmáramos nós que o extinto jornal franquista *Correio da Manhã*, redigido na sua parte política pelo doutor Anibal Soares, o próprio doutor Minhoca que hoje dirige o *Nacional*, órgão político do integralismo poético, se fizera de gôrra com o bloco, quando este se abalançara a uma longa e porfiada campanha de difamação contra o próprio lar doméstico do sr. D. Manuel de Bragança, ao tempo rei de Portugal, e de sua mãe, a rainha viúva sr.^a D. Amélia de Orléans. Por sinal, recordemo-lo mais uma vez, que tal campanha mereceu um indignado artigo do sr. António José de Almeida na sua revista *Amizade Nacional* e que há poucos dias ainda transcrevemos nas colunas da *República* a título de oportuna documentação. Pois, senhores, o pobre Minhoca, não sabendo como de defender-se da ignominia em que então caiu e temendo, talvez com razão, que o nosso jornal possa chegar às mãos do pretendente de Richmond, de quem ele se faz passar como sendo o recta-pronunciado, desafiou-nos a que reproduzamos do *Correio da Manhã* quaisquer passagens dessa famosa campanha.

E aqui que voltaram a trabalhar dentro da caveira aquelas minhocas que ele confessa ter apanhado em Coimbra e que lhe ocupam a cavidade em que toda outra gente traz os miolos. Como nós dissermos que ele andara de braço dado com os difamadores da Família Real ao tempo em que eles se empenhavam em tal difamação, o pobre doutor Minhoca decerto por compreensível deficiência de espírito—ou não tivesse ele os tais vermes a substituir-lhe o cérebro!—concluiu que nós asseveráramos ter sido o *Correio da Manhã* o difamador! Não foi, repetimo-lo mais uma vez; mas a sua moralidade avalla-se por consentir sem um protesto que tal difamação se fizesse e, ainda mais, por se aliar por conveniência de interesses transitórios com os difamadores, sancionando assim com a sua muda aquiescência a ignobil campanha. Não difamava a Família Real, mas, na ocasião, não lhe desconvinha que ela fosse difamada. E, por isso, deixava as torpezas correrem livremente seu curso...

E de que quilate elas eram pôde bem avaliar-se pelo seguinte *Boletim do Palácio* inserto num dos nu-

meros do *Liberal* de 1910, artigo extraordinário que chegou a merecer comentários na imprensa inglesa:

O sr. Wenceslau de Lima, leal conselheiro de El-Rei, passou a noite de ontem em Lisboa. Vindo de tarde da Pena, sua ex.^a teve uma conferência com o sr. ministro das obras publicas, depois fanteou no seu palacete e em seguida deu uma pequenina volta pelas ruas de Lisboa, até que ás 8 horas da noite subiu o Chiado para recolher a Penates.

O leal conselheiro de S. Magestade traia, bem vincadas no rosto e nas olheiras fundas, onde saltam uns olhinhos gaiatos, as grandes fadigas em que se meteu.

Dormiu a noite de um sono só. De manhã, já fresco como um botão de rosa, começou a ter saudades daquela linda e pujante princesa... a Cintra que lord Byron cantou nas horas de encantamento e inspiração.

O leal conselheiro tem ainda, segundo se diz, os arrebatamentos de um namorado, de um noivo em plena lua de mel, e nessa conformidade muitos parabéns a *ex.^a*

Ora Cintra, com o seu castelo dos Mouros, onde Camões ajoelhou aos pés de uma Infanta a declarar-lhe o seu amor e com o seu Paldácio da Pena, cortado de riveleais aneas enegrecidas, tem para o leal conselheiro de El-Rei, como os que para ali vão noivos, uma grande atracção, sobretudo nesta época em que os arvoredos são frondosos e cantam amores as aves e os namorados na terra. Ele lá foi passar hoje o dia e outra noite feliz, naquelas perfumadas aposentas da corte.

Escrevia-se isto na folha progressista *O Liberal*, que tinha como director o deputado Alexandre de Albuquerque, e de que era proprietário o ministro do estado honrário e deputado sr.

António Cabral, um dos actuais dirigentes do Centro Monárquico lúdas inaugurado, o qual tem por órgão oficial na imprensa precisamente *O Nacional*, dirigido pelo doutor Minhoca. Cabe-nos, portanto, agora a vez de desafiar o doutor Minhoca que nos aponta no *Correio da Manhã*, de que ele era redactor político, qualquer repulsa contra tão rastejante e visquenta prosa. Não será capaz disso, pois, como dissemos, andava ele ao tempo nas melhores avenças políticas com os difamadores do régio lar, do que talvez ele se tivesse já esquecido.

"A Republica"
24 abr.
1915

Ora nos não estranhámos tais esquecimentos no doutor Minhoca, perfeitamente compreensíveis para quem, como nós não é leigo em sciencias medicas, e leu o seguinte soneto de Minhoca, publicado sob o pseudónimo Mario Sá Carneiro, nêsses nunca assaz celebrado Orfeu, o órgão poético do integralismo politico:

Esquivo cortilegio a dessa voz, oviada
Em sono obr de amaranto, ás noites de incerteza,
Que eu lembro não sei d'Onde—a voz de uma Princesa
Bailando meia nua entre clarões de espada.

Leonina, ela arremessa a carne arrozeada;
E bebada de Si, arfante de Beleza;
Acêra os seios nus, descobre a seno...
O espasmo que a estrebucha ao Alonga...
Essa gulada...

Entanto nunca a vi, mesmo em visão. Sómente
A sua voz a fulcra ao meu lembrar-me. Assim
Não lhe desejo a carne—a carne inexistente...

E' só de voz-em cio a bailadeira astral—
E' nessa voz-Estatua, oh! nessa voz total,
E' que eu sonho esvair-me em vícios de marfim...

Por isso é que nós não nos admiramos, baseados em sólidas razões scientificas, de que quem andou em Coimbra a aprender a fazer isso, tenha assim esses largos buracos na memória que o levem a esquecer-se dos seus actos e das suas campanhas de outros tempos, embora não muito distantes ainda...

A Repulaca 24 de. (cont.)

"O Naval",

O "apache"

ANTONIO Zé—depois de confessar que o apanháramos em falso (sic) na sua afirmação de que o *Ilustrado* tinha feito com o bloco campanhas de difamação contra as Pessoas Reaes—assegurou caluniosamente que o *Correio da Manhã* andára de braço dado com o bloco n'essa campanha de difamação das pessoas de D. Manuel e da Rainha sua mãe.



Foram estas as proprias palavras que com a ponta da navalha traçou nas columnas da Republica.

Dizêmos-lhe que mentia vilmente, e desafiámo-la a reproduzir o que o *Correio da Manhã* tivesse escripto contra Suas Majestades, sob pena de o termos como um simples e desprezível calumniador.

O parlapatão responde-nos transcrevendo longas passagens... do *Correio da Manhã*? Não: do *Liberal*!!! Do *Liberal*, sim senhores!

E diz que o *Correio da Manhã*, tinha responsabilidade n'essas campanhas do *Liberal*, porque... sancionava com a sua muda acquiescencia a ignobil campanha!

Basta!... Esta dura profissao da imprensa obriga-nos a discutir algumas vezes com jornalistas bem desavergonhados; mas não poderá forçar-nos a discutir com verdadeiros apaches.

Se este individuo, antigo ministro, chefe de partido, vulto proeminente da Republica, nos accusa de andarmos associados a campanhas de difamação; e, quando lhe dizemos que mente, vem allegar que a nossa participação n'essas campanhas, reaes ou suppostas, consistia... em as vermos fazer nos outros jornaes, nós não podemos ter mais por elle senão o desprezo a que se votam creaturas completamente desprovidas do mais leve senso moral.

Tão desprovido de senso moral, tão inconsciente, tão garoto, que a mistura com estes assumptos—que para todo o homem de bem, mesmo de mais modesta esphera, são as-

sumptos graves—mette gracoias, como a da nossa collaboração n'um *Orfeu*, que não sabemos o que é, a attribuição ao nosso director, em tom humoristico, de poesias que elle nunca viu, e outras pachochadas de quem não tem a mais ligeira noção do que é ser encontrado em flagrante delicto de calumnia, e de calumnia tão misgavella, como a que elle lançou contra nós.

O chefe de partido, o antigo ministro, o vulto!

Pois fique a afocinhar na sua torpeza, que nós, e os leitores, estamos edificadas sobre os seus processos e a sua *valdade*. Este incidente é dos que lhe hão de ficar soldados á perna como uma grilheta, para toda a sua vida.

O apache!
Que regimen! Que Republica—e que republicanos...
Que esterquilinio!

28 abril 1919
O Naval

O doutor Minhoca

O doutor Minhoca, o famoso director do Nacional, esse órgão político do integralismo poético, rebentou ontem, e rebentou, a pretexto do Orfeu, o órgão poético do integralismo político. Quem havia de supor que bastariam apenas sete dias,—sete dias precisos, contados pela folhinha!—para que este novo paladino da monarquia, que tão chibante se apresentava a substituir o outro, o do Dia, e a investir contra nós com aquela grosseria característica dos antigos cavalariços de casa rica, se apressasse a levantar o campo logo ás primeiras e bem humoradas gargalhadas com que respondemos aos seus desafios tão tranescos como rufianescos!...

Pobre doutor Minhoca! pela fúria com que, na fuga, desembesta contra o sr. António José de Almeida chamando-lhe *apache* e outras coisas feias, pôde bem avaliar-se o que ele terá agora que contar á familia e ao ingenuo pretendente de Richmond que caíra na esparrela de o nomear seu porta-voz na imprensa! Pobre D. Manuel! Rídiculo paladino, ainda mais ridículo que o outro, o do Dia, mas não menos político, ao que se está vendo.

Imagine-se, quanto á sua destreza jornalística, que este pobre Minhoca tanto andou e tanto fez, que não se contava enquanto nos não forçou a estampar nas colunas da República uma das provas, das muitas que possuímos e enriquecem o nosso bem provido arsenal, de que ele andára de braço dado com o bloco, nos últimos tempos da monarquia, precisamente na ocasião em que o mesmo bloco fazia aquella ignóbil campanha de difamação das alcóvas reais contra D. Manuel, então rei de Portugal, e sua mãe a rainha D. Amélia de Orléans. As minhocas, as tais minhocas que, segundo ele próprio conta, andou a apanhar em Coimbra e a recolher religiosamente na cavidade em que toda a outra gente traz os miolos, pondo mesmo de parte já aqueles hiatos de memória explicáveis pelo soneto que transcrevemos do Orfeu—essas minhocas, dizíamos, levaram-no a concluir que nós afirmáramos que o Correio da Manhã, o jornal de que ele então era o redactor político, havia tomado parte activa nessa difamação, tão ignóbil que, lembramo-lo mais uma vez, levantou um indignado protesto do sr. António José de Almeida na sua extinta revista Alma Nacional, o que nós há-las transcrevemos a título documental.

Dito o arregranno com que nós não intimou a provar aquilo que nem mesmo sequer havíamos insinuado, isto é, que o Correio da Manhã, redigido então pelo mesmo Minhoca, que é hoje o Outro Eu do sr. D. Manuel na imprensa—pelo menos ele de tal blasona—insultara e difamara o referido personagem e sua mãe. E ficou-se depois todo ufano com o seu bôto, o novo paladino, substituto e sucessor do outro já bem derrendo, que ainda ergue o seu pendão ou... a sua taboleta na redacção do Dia.

Tivemos-lhe, pois, de provar que ele não nos conhecia, nem se conhecia a si proprio, e que, sendo o chefe integral do integralismo poético e político de Portugal, ele nem mesmo se havia quedado um momento sequer na vida a meditar no aforismo do filósofo—*Nosce te ipsum!*—o que, em vulgar, quer dizer—*trata de te conhecer a ti proprio*, tradução que fazemos pela justificada duvida em que estamos de que a maior parte dos nossos integralistas nunca tiveram satisfação por convívio com o *Magnum Testicon*. E para provar que ele não se conhecia a si e não nos conhecia a nós e não sabia as perigosas aventuras em que se metera com tão parva intimativa, tivemos de lhe assosar os narizes com aquela prosa da folha de um dos actuals directores do Centro Monárquico relativa ás noites amorosas do sr. Wenceslau de Lima no palácio da Pena, e perguntando depois ao actual Outro Eu do sr. D. Manuel de Bragança onde é que no seu antigo Correio da Manhã se encontra qualquer protesto, por mínimo que seja, contra tais ignomínias, não só debaixo do ponto de vista político, como debaixo do ponto de vista moral. Ora essa folha, *O Liberal*, era progressista, e pertencia ao bloco, a que também estava agregado o tal *Correio da Manhã* redigido por Minhoca.

E' esta a verdadeira razão da fúria verbal, com que ontem o ridículo paladino n.º 2, nos brindava na sua grotesca fuga, cobrindo-se com o pretexto de que nós lhe atribuíamos a autoria do Orfeu, esse órgão poético do integralismo político, como, se de facto, o Orfeu não tivesse ido beber á mesma fonte coimbrã donde o doutor Minhoca trouxe as suas minhocas, como ele próprio proclamou, sem ninguém lhe perguntar por isso. E tanto esta que indicamos é a verdadeira razão da fúria que ontem o acometemos, como se na orelha lhe mordesse alguma varejeira, que só ontem também é que ele rebentou a pro-

"A Republica" 29 abr. 1915

texto do *Orfeu*, mau grado há sete dias — sete dias precisos, contados pela folhinha! — nós o temos vindo a integrar devidamente na corrente de pensamento e sentimento de que ele é, sem dúvida, a mais alta e representativa figura.

Ora não basta para que o creiam que o *doutor Minhoca* afirme — e demais a mais sem assinnatural! — que não é o autor dos versos do *Orfeu* que publicamente já lhe andam atribuídos, quando mais não fosse, por íntimas paridades literárias, estéticas e filosóficas. E' necessário, é indispensável que os pseudónimos que firmam esses versos venham publicamente declarar por uma vez — para que o ridículo da situação criada pelo director do *Nacional* seja bem — integral — que tais versos não pertencem ao *doutor Minhoca*. E ainda assim, sérias dúvidas podem restar depois ácerca da exactidão das declarações de tais pseudónimos que podem perfeitamente mascarar o *doutor Minhoca* e ser, portanto, aliada, este mesmo *doutor* que escrevia com essas assinaturas. Onde está a verdade? Pode lá saber-se, principalmente desde que Sócrates pôz em dúvida a própria existência da Verdade? Certo é que Sócrates não era seiscentista nem integralista, como o nosso apreciável *doutor Minhoca*.

Em suma, amigo D. Manuel, é preciso arranjar outro director para a gazeta. Este *rebutou!* venha outro! — como dizia o inglês da anedota ácerca da *cocotte* que o tinha servido mal. Um qualquer, que tenha sobre o *Minhoca* a superioridade de uma maior carreira de tiro na imprensa.

Demais o *Minhoca* já bate em retirada, coitado! Deixemo-lo ir, o fugaz paladino, a correr, a correr, a correr, por montes e vales. Já lá previa o episódio o *Orfeu* na famosa *Ode triunfal*:

Hup lá; hup lá, hup-lá-hô, hup-lá!
Hé-há! Hé-hô! Ho-o-o-o-o!
Z-z-z-z-z-z-z!

Pobre *Minhoca!* em que estado o puzeram as *minhocas* coimbrãs! As *minhocas* e... o resto!

As minhocas de Coimbra...

«O sonho dum verme» por Ambrosio das Mercês

Insere o *Povo de Santa Clara*, de Coimbra, que acabamos de receber, o prometido excerpto *Sonho dum verme* do livro publicado em 1901 naquela cidade com o título *Pela Terra* por Ambrosio das Mercês, o pseudónimo de Anibal Soares dirige actualmente o jornal monarchico o *Nacional*, órgão político do integralismo poetico. Abaixo reproduzimos esse excerpto, realmente precioso, não só sob o ponto de vista politico e psicológico como ainda sob o ponto de vista estético, constituindo assim um documento de inestimavel valia para a apreciação do movimento neomonarquista português, vulgo *integralismo*, representado na imprensa por dois órgãos famosos, o *Orfeu*, órgão poetico do integralismo politico, e o já citado *Nacional*, órgão politico do integralismo poetico.

Eis o trecho em questão:

Como convém a um zero, atirado ao acaso para a equação da Vida, eu não tenho a fatiada estufa de querer influir grandemente na resolução das incógnitas — porque vim cair à esquerda.

... Janto socegradamente a minha sopa, o meu arroz e a minha vacca beltrão, que uma gorda macetona do ospmo, mangas regaçadas até ao sorvado, me vai servindo com desvelo; dou um giro curto pela cidade a dois dedos de cavidade, botico de Marquês, e recolho-me ao *lugar* o mangarido que sempre tenho sobre a secretária, ao lado da pasta dos meus papéis, como uma pequena chaveiro de chapa preta, tão recomendado pela Medicina contra os males intestinaes, e deito-me enfim, no sono imperturbavel dos inofensivos.

E é assim que a minha existência vai rebolando, chata e mesquinha, sem perturbação: nem revoltas — panca, panca, regular, como a dum regimento burro de óbra.

Mas ontem — oh! a noite de ontem! — fui acompanhar a morada derradeira o corpo do mais dedicado dos amigos — o Antunes, o meu colega Antunes, que falleira na véspera, coitado, com uma pneumonia dupla.

Isto foi depois do jantar.

Eu tinha-lhe comido bem, tinha-lhe bebido bem, porque a estrada é longa.

A afflicção, a pressa que não me deixava tritar bem os alimentos, como costumava, tudo me dispôs mal; e quando voltei, ás 8, a digestão não estava feita.

Ainda assim, preparei-me para o trabalho. Hoguei o meu mangarido, tomaxi-lhe muito remexida a terra, até,

16 Maio 1915
A Republica



para tomar da agua, coioquei a papelada sobre a pasta e sentei-me á secretária, no lado da janela aberta.

A noite estava muito limpa, muito enlaidada, isolando a pensar em coisas melancólicas.

Os mundos siderais almejavam o firmamento. E eu puz-me então a meditar no que seria feita da alma do Antunes. Aquella hora, livre já das terronas pelas.

Afinal—quem sabia!—era muito possível que a meu indolito collega estivesse no céu, entre coros de arcanjos, á mão direita de Deus Pai e do Filho, o que não se vê, não se afirma, é certo; mas também não se deve negar em absoluto, conferemolo.

E, normalmente, não tenho erranças.

Mas, ás vezes, não me repugna admitir por hipótese um Ente Supremo, criador de todas as coisas.

Principalmente de noite, e principalmente quando nas ruas cessou toda a agitação e eu me encontro só no meu quarto, que fica isolado do resto da casa—nestas ocasiões, com franqueza o declaro, sinto um baque no coração e deoando a crer, a crer eardamente, em todas as doutrinas da Santa Religião Católica e Apostólica Romana!

E depois, mesmo de dia, eu não sou agora que digamos, um estardado.

Por exemplo: não posso entrar no Gremio—o Gremio das Livres Pensadeiras, ao qual pertenceo da muito—pois não entro lá com o pé esquerdo. Porque, se entro, é engulpo por toda a noite.

Sei um fraco, o fraco de um espirito forte; descedo, mas não vou máis nas minhas mãos.

No entanto, repito-o bem alto, estas influencias não doctroam de forma alguma a minha convicção: sou ateu; não acredito lérias.

A tua tinha vindo embetir-se, enfim, no negrume do espaço.

Entrei de olhar para ella.

Um espectáculo assim—verdade, verdade—sempre é de respeito. A gente olha, a gente clama; mas tudo aquilo dá muito que parafusar!

Oh! Não! Nenhum mortal atingirá jamais a Primeira Causa, o Princípio Supremo e o Bem-fim Final!

Não sei quanto tempo passou.

Puz o chapéu, empalhei a minha bengala de volta, de casa da India, tracei a minha velha capa espanhola, por causa da frescura da noite, e saí a olhar para onde inclinasse as pernas.

Achei-me, repentinamente, próximo do cemitério. Por de cima da montanha, a fronteira do céu a avermelhar, se, mas os objectos distinguam-se ainda mal.

E, ao doblar a esquina do muro, ceberro aqui um homem misterioso, todo envolto na gola levantada d'essa spardesca.

O tipo ergue o rosto e os meus olhos pavidos virem, vêm positivamente a parição extranhá e impossivel—o Antunes, o meu collega Antunes, o que eu enterrara na vespera, materializando, ali, em carne e osso!

Para... ..

Os meus joelhos de ateu, enlaidam-se dober...

Foi um instante horrível, um instante angustiado.

Mas faço um esforço, apromo-me um pouco, levo rapidamente a mão ao chapéu como a pedir-lhe desculpa, viro as costas e retiro-me quasi vagorosamente, a duvidar do mim.

O Antunes nada me dissera mas: lançou-me um olhar frio e de seus labios fraudram-se um sorriso sardonico, nem sorriso mau que me sagnhou a alma.

Pois era possível? Pois osiam assim tão definitivamente as minhas velhas opiniões de irreligioso, odiando o Deus, detectando o Padre e não recuando o Juizo Final?

Oh! mas aquillo fóra apenas uma alusão passageira, uma angústia do lugar e dos anteriores sucessos!

Não vai aqui todo o aludido capitulo, que é longo do livro, bastando

dizer-se que o capitulo termina por estas palavras:

Quanto ao mais, continuo Ambrósio das Mercês e—atou.

Continuava, quando isso escrevia, isto é, no tempo em que, como elle próprio declarou sem ninguém lhe perguntar por isso, apanhava em Coimbra aquella reserva de minhocas que lhe valeram o nome que eu hoje escondo sob o pseudónimo de Anibal Soares no Nacional.

Diziamos nós que esse excerpto tinha, documentalmente, um amplo valor. E tem sob o ponto de vista politico e psicologico, comprovava a inandade das convicções politicas e religiosas do director do Nacional que, sendo hoje monárquico, era, ao tempo, republicano e ateo, genero livre-pensadeiro. Sob o ponto de vista estético, integra-se, ou melhor, é a autentica integração literaria e artistica do paulismo integralista que ora teve a sua eclosão plena e triumphal nas laudas imortais do Orfeu, esse Lusitana do neo-monarquismo lusitano.

Reparem bem os nossos estudiosos, por exemplo, naquele periodo que abre o precioso trecho: «Como contém á um zero, retirado ao acaso para a equação da vida; etc., e cotejem ao acaso com qualquer dos trechos em prosa ou em verso do Orfeu e digam-nos se é possível negar-se a identidade, não já da orientação filosofica e estetica, mas ainda a tão preciosa e apreciada personalidade do director do Nacional e do inspirador do Orfeu.

Ao acaso, exemplificando, isto na prosa:

"Eu já não sei em que penitência... No passado das outras talvez... no passado da gente maravilhosa que nunca existiu... Ao pé da casa da minha mãe corria um riacho... Porque é que correria, e porque é que não correria mais longe, ou mais perto?... Há alguma razão para qualquer coisa ser o que é? Há para isso qualquer razão verdadeira e real como as minhas mãos?..."

E no verso:

Não sei onde sou, não vejo o que persigo... Já não é o meu rosto o rosto de ouro...
ainda algo...
Tornou em pedras de gelatina e de bolores...
Hoje, a luz para mim é sempre mais luz...

Como vêem, sempre o mesmo estado de sonho, as mesmas minhocas, o mesmo Ambrósio, o mesmo Anibal, o mesmo Orfeu e o mesmo Nacional.

A Republica

(10 maio - cont.)

"A Republica"

24 abrie 1915

AS MINHOCAS...

Bem dissemos nós que as minhocas que o sr. Anibal Soares, director do Nacional, declarou ter trazido de Coimbra metidas na sacamónia lhe causaram para sempre um mal irreparável. Bem avisados andaram, pois, aquêles dos seus contemporâneos, que o alcunharam de doutor Minhoca.

O pobre diabo, quer escreva em prosa na gazeta ou em verso no Orfeu, corgão poético do integralismo lusitano—digamo-lo mais uma vez—logo dá mostras do desarranjo que a tal bicharia lhe fez lá por dentro.

Ainda ontem, retrucando á réplica que na véspera havíamos dado aquêles seu artigo de quarta-feira em que apontava ao gaudío das galerias o sr. Moreira de Almeida do Dia, numa grotesca situação de Ecce homo de entremez, dizia que, como de costume, levamos 48 horas a responder-lhe.

Ora o tal artigo foi publicando no dia 21; a nossa observação foi no dia 22, logo, ao fim... de 24 horas. E ele respondia-nos ontem, 23, isto é, 48 horas depois. Logo ele é que precisou de 48 horas, e não nós. Dir-se-há que isto é falta de conhecimentos de cronometria; mas não; são as minhocas, as tais minhocas que o sr. Anibal Soares declarou ter trazido de Coimbra e que ontem se manifestaram mais uma vez quando ele se preparou para nos responder na gazeta, tal como há dias ainda se tinham manifestado já no Orfeu, quando, sob o pseudónimo Mario Sá-Carneiro, ele dizia:

As mesas do Café endoideceram feitas
ar...
Cain-me agora um drago... Olha, lá vai
Ele a caçar...
Vestido de casaca, nos salões do Fies
Rei ..

(Subo por mim última como por uma es-
tada de cordão...
E a minha ancia é um trapézio escan-
Dado..)

Não há que vêr! São as minhocas apanhadas em Coimbra. Quer na prosa, quer no verso. Quer no jornal quer na revista.

Pobre doutor Anibal Soares! Pobre doutor Minhoca!



